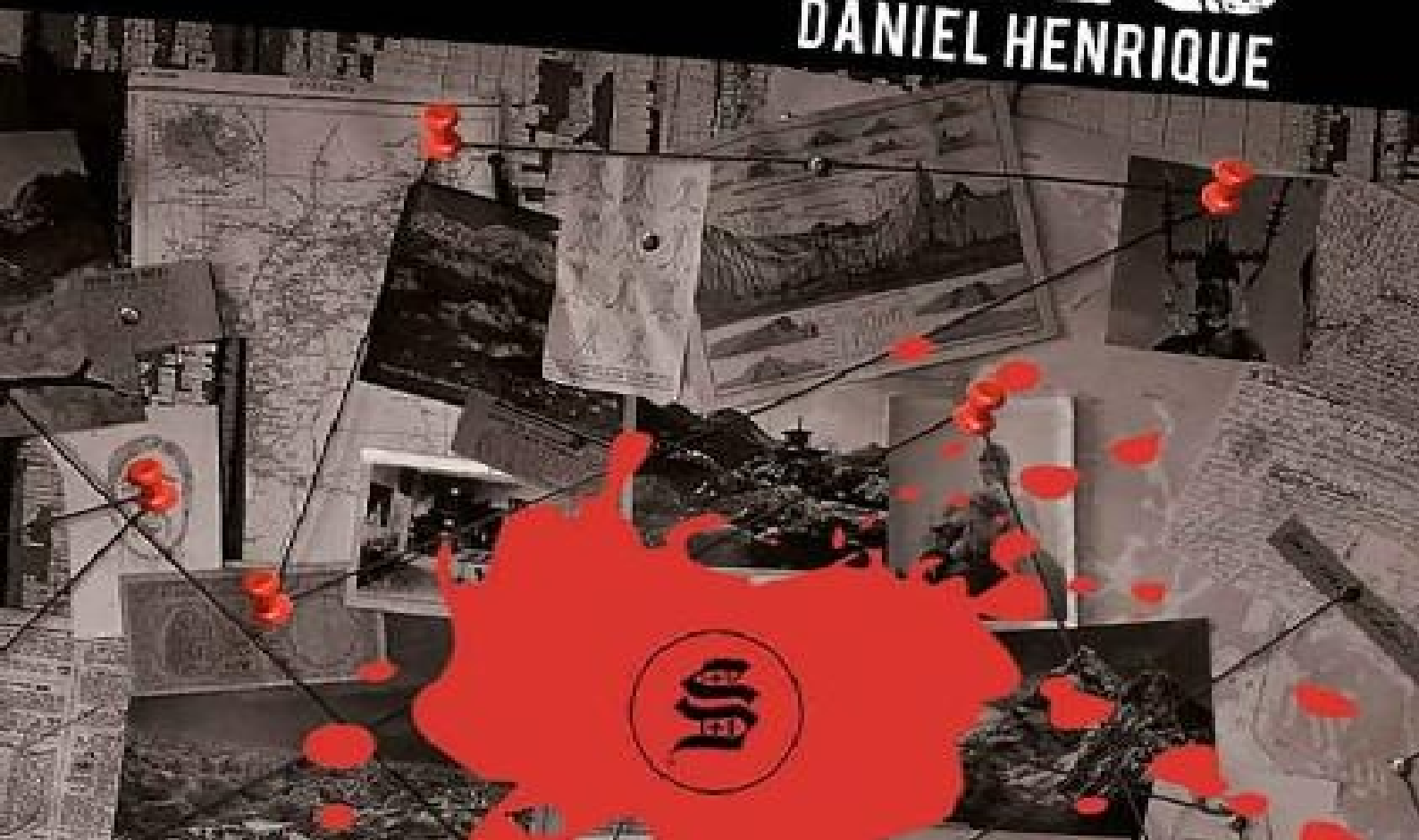


CONEXÕES MORTAIS

DANIEL HENRIQUE





CONEXÕES MORTAIS

Daniel Henrique



Copyright 2019 - Daniel Henrique
Copyright 2019 - Editora Skull

Capa

Rodrigo Barros

Diagramação

Factorial Design

Revisão

Nadja Moreno

ISBN:

978-85-53037-70-4

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Esta é uma obra de ficção.

Índice

[Direitos autorais](#)

[Prefácio](#)

[PARTE I](#)

[Acontece até nas melhores famílias](#)

[Paranoia](#)

[De Volta ao jogo](#)

[Amor proibido](#)

[Interrogados](#)

[Louca Obsessão](#)

[Uma pequena lembrança](#)

[Uma mão amiga se descobre nos piores momentos](#)

[Uma prova em pedaço](#)

[Algo a acrescentar](#)

[Uma resposta errada, uma sentença...](#)

[PARTE II](#)

[Um vínculo com uma paciente](#)

[Conhecendo um novo amor](#)

[O passado retorna](#)

[O coração dos rios](#)

[Um passo em falso, uma incriminação](#)

[Lugar errado, hora errada](#)

[Momentos de dúvidas](#)

[Tal pai, tal filha](#)

[Sombras de um passado doloroso](#)

[Uma grande revelação](#)

[A despedida](#)

Prefácio

No início da década de sessenta, em meio à guerra fria, os militares dos Estados Unidos desenvolveram algo que mudaria o mundo. Eles queriam um sistema para manter a comunicação entre eles, em caso de ataque do exército inimigo.

Na década de noventa, um grupo de pesquisadores da CERN (Organização Europeia para as pesquisas nucleares), aperfeiçoou esse sistema, que já estava sendo usado por professores e alunos em universidades americanas, e desenvolveu algo que evoluiu a comunicação. A WEB. Esse sistema foi batizado com esse nome, porque as pessoas se conectariam com ele da mesma forma que aranhas conectam suas teias, fio por fio, fazendo com que as informações atravessassem-no muito rápido. Em questão de minutos todos teriam acesso a elas. Porém, a internet que conhecemos hoje é menos da metade da WEB. A outra parte é inacessível a navegadores comuns, necessitando de softwares específicos para acessá-la, ela é conhecida como “Deep Web”. Se formos colocar a rede como se fosse um iceberg, a deep web, ou rede oculta, seria a parte submersa dele e a web que conseguimos acessar apenas a ponta. Nela podemos encontrar conteúdos totalmente sem censuras desde arquivos governamentais roubados por crackers até terrorismo. O FBI, a NSA e muitos órgãos governamentais estão em constantes acessos a ela para conseguir prender pessoas que a utilizam para cometerem crimes, porém é muito difícil encontrá-los já que os próprios meio de entrada oferecem anonimato. Há relatos de diversos crimes que podem ser encontrados neste local, mas o que mais chama a atenção das pessoas é a quantidade de assassinos e canibais que navegam por lá.

Numa tarde, por volta das treze horas, uma pessoa liga o computador e navega na internet. Abre outro navegador e digita um site específico, porém criptografado. É um fórum de conversas...

Na página inicial do site pedia apenas duas informações e ele sabia, não era a primeira vez que entrava naquele portal.

Usuário:

Senha:

Ele digitou suas informações confidenciais e logou no fórum.

PARTE I

Acontece até nas melhores famílias

Era uma noite quente de verão, não havia muitas nuvens e as estrelas pairavam sob o céu de um dos bairros mais nobres da cidade de Campinas. Estava tendo festa em uma mansão conhecida como a casa dos Barose. Um homem de cabelos grisalhos, olhos castanhos e pele morena que vestia um terno social branco da Giorgio Armani estava à porta da enorme casa recebendo seus convidados. Esse era Francisco Barose, um milionário da cidade que investia em muitas empresas de sucesso. Comemorava naquela festa o vigésimo aniversário de seu filho. A casa era enorme e havia três andares. No primeiro havia a sala de estar, a sala de jantar, uma biblioteca com aproximadamente mil livros, uma adega com capacidade para duzentos vinhos e uma cozinha, que aparentava não ser muito frequentada, pois estava muito limpa e não havia nada desorganizado. Era uma parte da casa da qual Francisco não gostava que as pessoas frequentassem. Talvez, devido ao fato de que sua mulher, que falecera há alguns meses, gostava muito de cozinhar. Ele havia deixado como estava desde o dia em que ela entrou em coma. Rebeca Barose havia morrido por causa de um tumor que se instalara no fígado e não aguentou quando ele se espalhou por todo seu corpo. Ele ainda se lembrava do dia em que viu sua mulher pela última vez com seu vestido vermelho predileto. Seus cabelos haviam caído, porém ela usava uma peruca loira, da mesma cor de seu cabelo. Francisco ainda sentia uma dor imensa quando se lembrava do lindo caixão branco fechando-se e levando sua mulher a sete palmos abaixo da terra.

Francisco aparentava estar preocupado, mas devia ao fato de o filho não estar na festa para receber os convidados. Ele teria uma reunião em seu escritório e faltavam trinta minutos. Mas ele sabia o porquê de seu filho estar demorando. Danilo Barose, um garoto jovem com cabelos verdes e arrepiados, olhos castanhos iguais aos do pai e pele morena, estava na garagem de sua casa tentando falar com sua namorada, afinal, já havia se passado duas horas desde que a festa tinha começado e ela ainda não havia chegado. Ele não sabia se ficava bravo e desconfiado ou preocupado. Jéssica Bernardes, uma garota de estatura mediana, olhos pretos e cabelos castanhos, trabalhava como modelo e devido a algumas exigências da agência, tinha o corpo magro.

Danilo estava nervoso com toda a situação, andava de um lado a outro da garagem tentando falar com Jéssica e foram dezoito tentativas sem sucesso. Ele não perdia a esperança que ela atenderia, mas já havia tentado muitas vezes e não conseguiu falar com ela. Então, ele entrou em seu carro, uma BMW M-5 preta que estava estacionada no local, abriu o portão da garagem, um portão elétrico de cor cinza que demorou alguns segundos para abrir, e saiu em direção à casa da garota. Estava em uma velocidade tão grande e tão concentrado em tentar falar com sua namorada que não reparou no homem de moletom e capuz preto que deixara um pequeno embulho em frente ao seu portão.

Jéssica morava em Sousas, distrito de Campinas, e com a velocidade que Danilo estava, demorou poucos minutos para que ele chegasse à casa dela. Uma casa de dois andares com muros lilás e portão fechado. Quando ele chegou ao local, os pais de Jéssica estavam voltando da igreja e abriam o portão de sua casa. Eles eram da igreja Adventista, e por isso iam sempre ao culto de sexta-feira após o pôr do sol. Segundo a religião, na

bíblia diz que devem santificar o sábado assim como Deus santificou o sétimo dia, então toda sexta-feira, ao pôr do sol, eles dedicavam seu dia somente à Deus e à família, evitando afazeres domésticos e outros tipos de serviços. Caso tivessem que trabalhar devido à empresa, deveriam fazer a doação daquele ganho para uma instituição ou ofertar a Cristo.

— Olá dona Regina, tudo bem com a senhora? — perguntou Danilo.

— O-Oi Danilo, tudo sim e você? — respondeu a mulher ao se assustar com seu futuro genro tocando seu ombro. Regina estava com quarenta anos de idade e tinha cabelos castanhos iguais aos da filha, seus olhos eram azuis como a água e tinha um metro e sessenta de altura.

— Onde está minha filha? — perguntou Rafael, pai da garota, enquanto encarava o garoto. Ele e Danilo não se davam muito bem, afinal, ele acreditava que o garoto seria má companhia para sua filha e a levaria para maus caminhos. Tinha cabelos pretos e olhos da mesma cor, havia feito aniversário recentemente e estava com cinquenta e dois anos de idade, tinha um metro e setenta e sete de altura. Ele estava bem vestido com uma camisa social e com uma calça que Danilo não conseguiu identificar de qual marca era.

— Ela ainda não chegou à festa e não está atendendo o celular. Achei que ela poderia estar aqui — respondeu Danilo com agonia após ver que Jéssica não estava lá.

— COMO ASSIM ELA NÃO ESTÁ EM SUA CASA?! — perguntou o pai da garota com um olhar de desdém para Danilo. — Ela tinha dito que ia à sua casa e somente quase três horas depois que você vem nos avisar que ela não foi? Você é um moleque. — Rafael, mesmo pertencendo à igreja, não conseguiu se controlar e avançou com a mão fechada, prestes a dar um soco no rosto do garoto, mas foi impedido por sua esposa.

— Rafael, você quer parar de brigar com o menino? — Regina também não gostava muito de Danilo, mas ela estava preocupada e queria saber onde sua filha estava. — Temos que encontrar Jéssica. — Olhou para o garoto. — Danilo, entre e tente novamente ligar para ela.

Onde Jéssica poderia estar?

Danilo sentou-se em um sofá preto, que ficava na sala de estar, enquanto seu futuro sogro ficava encarando-o com uma expressão de zangado, sentado em uma poltrona à sua frente. O clima entre os dois era de muita apreensão. Nos olhos de Rafael dava para ver o ódio que ele tinha pelo garoto, sua vontade era de enforcar seu futuro genro, mas estavam tão preocupados que a única coisa que conseguia ouvir era o barulho do ponteiro do relógio girando enquanto Regina discava novamente o número do celular de sua filha. Mais uma tentativa sem sucesso.

— Droga! Ela não atende o celular — exclamou Regina.

Danilo abaixou a cabeça e tentou raciocinar onde ela poderia estar, mas não conseguiu chegar a conclusão alguma. Jéssica não gostava muito de sair, ela preferia muito mais ficar assistindo a filmes do que ir a baladas e Danilo sabia disso, mas algo que ele não conseguia lembrar era que Jéssica tinha duas grandes amigas.

Pense Danilo, pense. Sua mente estava inquieta pensando no que poderia ter

acontecido à garota.

— Camila! — O garoto pensou alto demais.

— Quem é Camila, seu idiota? É alguma amante sua? — gritou Rafael.

— Não, eu amo sua filha, nunca a trairia. Camila é o nome de uma das amigas dela, a que ela mais conversa.

— Você tem o contato dela? — A voz de Rafael já estava um pouco mais calma.

— Tenho, mas não o telefone. Eu a tenho no Facebook. Vou mandar uma mensagem.

— O que você está esperando?

Danilo retirou seu celular do bolso e conectou no Facebook. Camila Coimbra era uma garota com olhos castanhos e pele morena, trabalhava como modelo e conheceu Jéssica devido a um comercial que fizeram para uma marca de cerveja. Desde que se conheceram, as duas garotas não pararam de se falar, viraram muito amigas.

Oi Camila, tudo bem? A Jéssica está com você? digitou Danilo.

Oi Danilo, estou bem e você? Ela não está comigo não, achei que estivesse com você. Respondeu a garota depois de alguns segundos.

Ela não está aqui comigo, estou tentando ligar para ela, mas ela não está atendendo.

Nossa, achei que estivesse. Agora eu fiquei preocupada.

Camila, você sabe se a Jéssica estava conversando com algum garoto? Há a possibilidade de ela estar me traindo?

O celular do garoto começou a tocar antes de Camila responder, ele correu os olhos na tela do celular para ver quem estava ligando, era seu pai.

— Alô!? — Danilo atendeu o celular.

— *Oi filho, onde você está?* — disse a voz no telefone.

— Oi pai, eu vim até a casa da Jéssica, mas não a encontrei.

— *Filho, volta para a festa, eu disse que essa garota não presta. Ela deve estar te traindo e você se preocupando com ela.*

— Pai, ela não está me traindo, eu confio nela e ela não faria isso — respondeu Danilo com alguma dúvida.

— *Eu sei que você confia nela, mas eu não...*

— Como assim você acha que minha filha pode estar traindo seu filho!? — gritou Rafael do outro lado da linha, pegando o celular da mão de Danilo quando percebeu que Francisco estava falando de sua filha.

— *Eu não confio em você e nem em sua família* — respondeu Francisco com ferocidade.

— Eu que não confio nesse seu filho mimado!

— *Olha aqui, vai tomar no meio do seu...*

— Parem de brigar — gritou Danilo interrompendo a discussão e tomando o celular da mão de Rafael. — Precisamos encontrar Jéssica.

Os dois cessaram a discussão.

— Pai, eu vou desligar. Estou tentando falar com algumas amigas dela para ver se a encontramos.

Danilo desligou o celular e abriu novamente o Facebook. Espantou-se com a quantidade de mensagem que Camila havia mandado.

Você acha mesmo que Jéssica te trairia? Ela fala muito bem de você.

Danilo, eu estou muito preocupada com ela, Jéssica não está me atendendo também.

Olha a página inicial do Facebook. URGENTE!

Não acredito que possa ser ela, isso só pode ser um pesadelo.

Danilo ficou muito assustado com o que Camila havia escrito e decidiu olhar na rede social o que a garota estava falando, ficou muito espantado quando viu um vídeo ao vivo sendo compartilhado por muitas pessoas. Ao que tudo indicava, o vídeo tinha sido postado a menos de cinco minutos e já estava com mais de dez mil compartilhamentos.

No vídeo viu sua namorada amarrada em uma cadeira e a câmera focando nela. Ela estava gritando e chorando, sua mão estava sangrando e parecia que ela já havia tentado sair da cadeira, mas estava presa a algumas correntes.

— Socorro! — gritava ela.

Danilo não sabia o que fazer, estava perplexo e não conseguia se mexer.

— O que está acontecendo? — perguntou Rafael, mas Danilo permaneceu calado, não conseguia raciocinar o que estava acontecendo. — Me dê esse celular. — Rafael tomou o celular da mão do garoto.

Regina estava na cozinha de sua casa quando escutou o grito de seu marido. Ela foi correndo até a sala com medo do que estava acontecendo.

— Querido, você está bem? — perguntou a mãe da garota.

— Regina, liga para a polícia. Agora! — pediu Rafael.

— Mas o que está acontecendo?

Regina chegou próximo ao celular, e Rafael não conseguiu dizer uma única palavra quando ela olhou e viu que sua querida filha estava em perigo. Pegou seu celular e discou 190.

— *Polícia militar, boa noite* — disse a voz do outro lado da linha.

— Socorro! Minha filha está em perigo! — gritou Regina ao telefone.

— *Minha senhora acalme-se e me diga qual é a emergência* — pediu a atendente.

— Não me peça para me acalmar, tem um vídeo circulando na internet e minha filha está amarrada em uma cadeira e machucada.

— *Acalme-se senhora. Onde a senhora se encontra?*

— Eu estou na rua... — Regina interrompeu sua frase quando viu pelo vídeo uma pessoa chegar com uma faca até sua filha.

A câmera estava um pouco escura e não deu para identificar quem estava próximo à garota. Uma pessoa de aparentemente pouco mais de um metro e setenta de altura desamarrou as mãos e os pés da garota e a pôs de pé. Regina pôde perceber que sua filha estava sem o dedo anelar esquerdo e começou a gritar de desespero.

A pessoa aproximou-se um pouco mais da garota, que estava meio grogue, e com a faca cortou sua barriga de cima abaixo.

— Socorro! — gritava a garota mesmo grogue.

— Pode gritar, ninguém virá te salvar — respondeu a pessoa.

— Me ajudem... — Os gritos da garota ficaram mais fortes na medida em que ela a cortava. — Por favor, me ajud... — O grito cessou quando a garota foi a óbito.

— Não acredito que aconteceu isso! Minha filha não! — Regina, que já havia desligado o celular começou a chorar.

— Querida, vamos à polícia, pode não ser ela — disse Rafael tentando reconfortá-la. Ele também estava sentindo uma dor imensa por dentro, mas não queria demonstrar isso para sua esposa, que já estava aos prantos. Ele estava tentando ser forte por ela.

Danilo calou-se e começou a sofrer em silêncio, afinal, ele estava há um ano com sua amada e viveram muitos momentos bons juntos. Ele lembrou-se de cada sorriso, de cada abraço, de cada beijo, de seus planos que faziam juntos para o futuro e que em instantes tudo se acabou...

— Eu levo vocês à polícia. Vamos pegar esse filho da puta — disse Danilo por fim.

Paranoia

A delegacia de polícia estava lotada e os telefones não paravam de tocar, eram diversas chamadas de pessoas que acreditavam conhecer a moça da filmagem que se espalhou nas redes sociais. Márcio Mendes, delegado local, era um homem alto de um metro e noventa de altura, tinha cabelos grisalhos e olhos castanhos, vestia uma camisa social branca, calça social preta e um sapato para combinar com a calça, em seu pulso havia um relógio com detalhes em prata e pulseira de couro marrom sintético. Ele havia acabado de chegar à delegacia e seus olhos estavam cobertos por um par de óculos escuro, aparentava estar com cinquenta anos de idade.

— O que está acontecendo? — perguntou o homem a um de seus policiais.

— Senhor, faz uma hora que apareceu um vídeo de uma garota sendo morta nas redes sociais, acreditamos que possa ser uma pegadinha de internet, mas já tivemos dez ligações de pessoas aqui da cidade dizendo que conheciam a moça.

— Vocês abriram um inquérito para a investigação?

— Não senhor, estávamos esperando o senhor chegar para ver o que fazíamos quanto à investigação.

— Esperando que eu chegasse? Uma garota pode estar morta, dez pessoas ligaram falando que a conheciam e vocês estavam me esperando chegar para investigar?

— Mas senhor... Não sabemos se...

— Vocês ao menos sabem o nome da garota da filmagem? — perguntou o delegado interrompendo a frase do policial.

— Muitas pessoas que ligaram diziam que ela era sua vizinha, outras diziam que iam à mesma igreja, mas nenhuma disse o nome dela.

— Oh Merda. Procurem descobrir o nome dela. E rápido — esbravejou o delegado.

O policial que estava conversando com o delegado foi em direção a um dos telefones que estavam tocando e o delegado foi até a sua sala. Ele bateu a porta com força e apoiou-se em sua mesa, pensativo.

Márcio era um delegado bom e queria fazer o bem para a sociedade, quando virou delegado, jurou proteger os cidadãos e trazer justiça ao seu país e sua cidade. Ele estava disposto a fazer isso e iria fazer de tudo para descobrir o que estava acontecendo. Márcio abriu sua gaveta, pegou uma foto que estava ao fundo e colocou-a em sua mesa. De repente seu telefone tocou.

— Alô!?

— *Delegado Mendes?* — disse a voz no telefone.

— Sim, sou eu. Pois não?

— *Aqui é o delegado Manuel Góes, da polícia civil de São Paulo. Eu soube por*

um de seus policiais que vocês estão com um pequeno problema na cidade.

— É... Estou com medo de ser um grande problema, surgiu um vídeo ao vivo nas redes sociais e esse vídeo mostrava uma garota sendo assassinada. Muitas pessoas estão ligando dizendo que a conhecem, mas não temos muitas informações.

— *Eu soube, muitos policiais estão relatando isso também, mas isso pode ser um trote passado pela garota e por algum amigo. Está se tornando muito comum, os jovens atualmente só querem fama nas redes sociais, ganharem curtidas e seguidores, deve ser “balela” e logo ela aparece falando que foi mentira. Teve algum registro de desaparecido na cidade desde a noite de ontem?*

— Teve um único registro de desaparecimento, uma criança de nove anos cujos pais morreram em um acidente de carro há uma semana e que foi morar com os avós. Depois da escola o garoto não voltou mais. Estamos correndo atrás de informações, mas não há nada que indique ligação entre o vídeo e o desaparecimento do garoto.

— *Como eu disse, esse vídeo deve ser algum trote ou pegadinha de Facebook, daqui a pouco essa garota aparece igual ao garoto do Acre.*

O delegado, mesmo preocupado, deu uma pequena risada ao ouvir falar sobre o garoto do Acre.

— *Algum problema delegado?*

— Não, me desculpe.

— *Procure saber mais sobre o garoto desaparecido e, caso não ache nenhuma pista concreta, esqueça essa garota que logo ela aparece.*

— Mas senhor... — Márcio tentou argumentar, mas Manuel já havia desligado.

O delegado Mendes ficou bravo que nem seus policiais e nem os outros delegados estavam levando o caso da garota a sério e deu um grande soco em sua mesa, que fez com que ela tremesse e a foto caísse no chão. Ele olhou alguns segundos para ela e seus olhos se encheram de lágrimas, o delegado quase caiu no mundo de seus pensamentos, mas foi interrompido pelo barulho da sua porta abrindo.

— Senhor. Acredito que temos uma emergência — disse um de seus policiais ao abrir a porta.

— O que houve?

— Conseguimos notícias da garota — disse o policial apontando para a direção de uma família. Eles estavam sentados em algumas cadeiras ao lado da sala do delegado e a mulher que estava entre eles chorava muito.

— Posso ajudá-los? — perguntou Márcio à família. Eles olharam para ele e a mulher enxugou suas lágrimas.

— Apareceu um vídeo nas redes sociais com minha namorada presa a uma cadeira e sendo morta por um assassino frio e sem coração — manifestou o garoto, que tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Vocês têm certeza que é ela mesmo? Pode ser somente alguém parecido com

ela?

— Não, ela saiu para ir à casa desse idiota e desapareceu. — O homem apontou para o garoto que havia acabado de falar. — E eu sei reconhecer minha filha e era ela naquele vídeo. Não acredito que alguém pode ter feito aquilo com ela — disse o homem mais velho, pai da garota, enquanto escorriam lágrimas de seu rosto.

O garoto fuzilou o homem com um olhar e o delegado percebeu.

— Vocês querem se acalmar e me explicar direito o que aconteceu?

— Jéssica é minha namorada, esses que estão ao lado são os pais dela, Regina e Rafael Bernardes. — O garoto apontou para o casal, era o único que, mesmo com o olho lacrimejando, ainda conseguia falar. — Eu dei uma festa de aniversário em minha casa e claro, convidei minha namora, mas fazia duas horas desde que a festa havia começado e ela não tinha chegado, então eu decidi ir até a casa dela para ver se ainda estava lá ou se Rafael e Regina tinham alguma notícia dela.

— Por que não ligou para eles ou para sua namorada?

— Eu liguei para ela, muitas tentativas, aliás. Mas ela não me atendeu e eu não tenho o número dos pais dela. — O garoto deu uma pausa e engoliu o choro que estava quase saindo. — Quando cheguei à casa deles, eles me disseram que ela não estava lá e resolvemos entrar para tentar falar com ela. Eu lembrei que eu tinha uma das amigas de Jéssica no Facebook e falei com ela, porém ela também não tinha notícia. Meu pai me ligou e após a ligação dele fui checar novamente a rede social para ver se havia alguma notícia, foi quando, foi quando... — O garoto não conseguiu terminar de falar e começou a chorar. O delegado assentiu e encarou Rafael.

— Entrem na minha sala, quero conversar com vocês três. Sua esposa está bem?

— Ela está com trauma do que aconteceu, não está conseguindo conversar.

— Providenciarei um copo de água com açúcar para ela. Sua esposa toma algum calmante?

— De vez em quando.

— Ok. Providenciarei um calmante natural também.

— Obrigado delegado.

Márcio balançou a cabeça em concordância e foi até um de seus policiais, depois de conversar algumas coisas com ele, voltou até os três.

— Acompanhem-me.

Quando eles entraram na sala, se assustaram ao ver o quanto a mesa do delegado estava desorganizada. Repararam que no chão havia um porta-retratos de uma pessoa que não conheciam, deveria ser a família do delegado e preferiram não comentar.

— Sentem-se, por favor — disse o delegado apontando para três cadeiras que havia no local —, primeiramente, me diga seu nome, garoto.

— Meu nome é Danilo, senhor.

— Há quanto tempo vocês namoravam?

— Estávamos juntos há um ano. Começamos a namorar quando eu estava no segundo ano da faculdade.

— Certo, e ela saiu para a casa do garoto a que horas, conseguem se lembrar? — perguntou o delegado ao olhar para Rafael.

— Sim, sim. Eram umas seis horas da tarde quando estávamos saindo e indo para o culto, Jéssica saiu junto conosco, pois havia dito que a festa começaria às sete horas e queria chegar antes para ficar um pouco com ele.

— Depois disso, vocês não tiveram mais contato com ela?

— Não senhor, nós fomos à igreja e não falamos mais com ela desde então, pensávamos que estava tudo bem, até chegar esse moleque e nos avisar que nossa filha não havia chegado à sua casa. Ele nos avisou somente quase três horas depois.

— Fiquem calmos, não quero briga em minha delegacia. — O delegado fez uma pausa. — e você, garoto? Qual foi o último horário em que falou com ela?

— Eu falei com ela quase no mesmo horário que eles. Jéssica havia dito que os pais dela estavam quase saindo para a igreja e que iria acompanhá-los. Depois de vinte minutos mandou uma mensagem dizendo que estava indo e não consegui mais falar com ela.

Regina ainda estava chorando e em estado de choque, ficou em silêncio o tempo todo.

— Olha, não sei se posso ajudá-los, pois esse caso é um pouco complexo, vocês estão definindo que a garota está morta ou desaparecida por causa de um vídeo que saiu nas redes sociais, isso não é prova o suficiente, precisaremos analisar o vídeo para tomar alguma providência.

— Mas senhor, eu tenho certeza que é minha filha — Regina se manifestou na conversa, ela ainda estava chorando bastante devido ao ocorrido, mas conseguiu se pronunciar.

— Senhora, não querendo ser rude, mas existem milhares de vídeos que podem confundir a mente das pessoas, muitos vídeos falsos estão espalhados nas redes sociais e vemos como podem ser montagens bem realistas. Há diversas pessoas que trabalham para identificar se o vídeo é ou não falso.

— O senhor irá negar ajuda para algo que possa ser um crime?

— Senhora, neste momento eu só posso considerá-la como desaparecida, pois enquanto não houver prova o suficiente, eu não posso considerar isso como um ato de homicídio. — O delegado fez uma pausa. — Mas eu irei abrir uma investigação para apurar o caso e sei quem pode nos ajudar.

— Então nos diga — exclamou Rafael.

— O nome dele é Jonathan Prim, é um detetive que mora na cidade de São Paulo e ajudou a polícia local de Joanópolis a resolver um caso de desaparecimento da cidade. Eu posso contatá-lo e pedir para nos ajudar.

— Por favor, senhor. Faça isso, quero muito saber do paradeiro de Jéssica e se aconteceu realmente alguma coisa com ela, eu quero justiça — disse Danilo.

O delegado pegou o telefone, que estava em sua mesa, e discou o número de Jonathan.

De Volta ao jogo

Um homem estava parado com sua câmera fotográfica atrás de uma árvore, observando um casal se beijando em uma casa em frente. A mulher aparentava ter vinte anos de idade, cabelos ruivos, seios fartos e estava com um batom vermelho sangue que chamava a atenção de muitos homens, usava uma blusinha decotada que fazia com que aparecesse um pouco de seus seios. Ela se aproximou de seu parceiro e o derrubou em sua cama, ele aparentava estar na casa dos quarenta anos, bem vestido, com camisa polo listrada de vermelho e branco, e calça jeans azul escura. A garota sentou-se sobre o homem e ele tirou sua camisa, estava sem sutiã e seus seios apareceram por completo. Ela levantou a camisa polo que o homem estava vestindo e começou a beijar seu peito, foi descendo até sua barriga e quando chegou próximo à calça, olhou para ele e lhe deu um sorriso malicioso e erótico, ele estava tão excitado que não conseguiu dizer uma única palavra. Ela abriu o zíper de sua calça e começou a abaixá-la. O fotógrafo estava se preparando para tirar fotos quando uma aranha, que estava na árvore, o picou. Ele tomou um susto e pisou em um galho de árvore, que se quebrou, o homem olhou pela janela do quarto e viu o fotógrafo se mexendo, de repente as luzes da casa se apagaram. O fotógrafo procurava uma brecha, uma luz para tentar ver o que estava ocorrendo dentro da casa, mas ela estava toda escura e ele não conseguia ver mais nada. De repente algo lhe socou no rosto e ele ficou atordoado.

— Por que estava me espionando e tirando fotos? — perguntou o homem.

O fotógrafo permaneceu em silêncio, pois estava tentando raciocinar o que havia acontecido.

— Responda à minha pergunta! Por que estava me espionando? — O homem fechou a mão e tentou lhe dar um novo soco, mas foi impedido pela mão do fotógrafo.

— O senhor não acha que está muito velho para ficar traindo a sua mulher, não? — perguntou o fotógrafo com um sorriso sarcástico em seu rosto.

O homem enfurecido deu um chute no meio das pernas do fotógrafo que mordeu os lábios com força para não chorar de dor, seus lábios até começaram a sangrar. Ele ficou com muita raiva de o homem ter lhe batido que fechou a mão e começou a socá-lo no rosto e na barriga, deu três socos e o homem ficou completamente atordoado, mas de repente a luz da casa acendeu novamente e a mulher ruiva, agora vestida com uma blusa branca e casaco de mesma cor, foi correndo até o homem, que estava caído. O fotógrafo não queria arrumar confusão e saiu antes que eles chamassem a polícia, mas antes de sair, ele virou-se para o homem e lhe disse:

— Sua mulher mandou lembranças.

E foi cambaleando até seu carro. Ele abriu a porta, ligou o carro e, mesmo com o corpo dolorido, foi embora para sua casa.

A vizinhança em que o fotógrafo morava era pacata e não havia ninguém passando na rua quando um Chevrolet Prisma preto, com faróis acesos, virou a esquina e estacionou em uma casa que ficava próxima. O homem que desceu do carro tinha cabelos castanhos,

seus olhos eram escuros e estava vestindo camiseta preta básica e calça jeans clara. Ele estava ensanguentado devido à briga que tivera com o homem que estava espionando, mas já estava acostumado, ser detetive particular não era fácil. Ter que ficar seguindo maridos e esposas infiéis para depois ter que mostrar para a pessoa traída o que estava acontecendo e muitas vezes levar uma surra da pessoa que estava seguindo não era para qualquer um, e ele já estava cansado daquilo.

Ele estava dolorido, mal conseguia se abaixar para pegar a chave da porta de sua casa, que ele havia esquecido dentro do porta-luvas do carro.

— Ai, caralho. Esse filho da puta me deu um soco bem doído. Que droga — exclamou o homem enquanto abria a porta de sua casa.

A casa era pequena e não tinha garagem, então ele deixava seu carro na calçada em frente. Tinha três cômodos, mas ele não se importava, afinal, ele morava sozinho. O primeiro cômodo da casa era a sala e um pouco mais à frente ficava o quarto e a cozinha ao lado, o banheiro era ao fundo. O homem tirou o celular do bolso, colocou em uma mesa de centro, que estava localizada na sala, e deitou no sofá, a dor que ele estava sentindo era tão forte que em instantes, desmaiou.

Ele acordou assustado com o toque de seu celular.

— Alô!? — O homem atendeu ao telefone.

— *Detetive Jonathan Prim?* — perguntou a voz no telefone.

— *Sim, sou eu.*

— Eu sou o delegado Márcio Mendes. Sou do distrito policial de Campinas e precisamos de sua ajuda.

Jonathan coçou os olhos por um instante e voltou a conversar.

— *O que aconteceu?*

— Apareceu uma transmissão ao vivo nas redes sociais e nela mostrava uma garota sendo estripada. Acreditamos possa ser uma brincadeira de adolescentes, mas a família da garota está aqui e jura que aquilo realmente aconteceu com ela.

— *Então por que vocês não abrem uma investigação?*

— Nós abrimos uma investigação para apurar o caso, mas quero sua ajuda.

— *Delegado, lembre-se que não posso investigar homicídios.*

— Mas eu vou te apoiar, só quero que me ajude a investigar e coletar provas para saber o que realmente está acontecendo.

— *Mas delegado, isso pode ser feito por você e por sua delegacia.*

— Acredite detetive, não há em minha delegacia um policial tão inteligente como você para essa investigação.

— *Delegado, o senhor só está sendo gentil.*

— Não, eu não estou. Se puder vir até aqui, sabe onde ficamos localizados, me procure assim que chegar.

— *Mas delegado...*

O delegado Mendes já havia desligado o telefone.

Jonathan se espreguiçou, levantou de seu sofá e, com o corpo ainda dolorido, foi tomar um banho para lavar aquele sangue que estava seco em seu corpo. Após sair do banho, arrumou sua mala e pegou a chave do carro.

O dia estava ensolarado e ofuscou a visão do detetive que, quando entrou no carro, colocou seus óculos de sol modelo Wayfarer, ligou o rádio com músicas da banda Matanza e pegou estrada.



A delegacia estava mais calma, o delegado Mendes já havia aberto um inquérito para investigação e seus policiais estavam na rua, procurando por qualquer pista de Jéssica Bernardes.

— Vocês têm alguma noção de alguém que possa ter feito isso? — perguntou o delegado à Rafael e Danilo enquanto apoiava sua mão sobre a mesa.

— Não sei de ninguém que possa ter feito isso com ela — Rafael respondeu e depois passou a mão em seu rosto para disfarçar as lágrimas que estavam escorrendo de seus olhos. Danilo permaneceu em silêncio.

— E você, garoto? — O delegado se aproximou de Danilo, mas ele continuou calado. — Fala! — exclamou o delegado em voz alta.

— Eu preciso ligar para o meu pai. — O garoto finalmente se pronunciou. Rafael olhou-o com um olhar enfurecido.

— Sabia que seu pai poderia ter algo a ver com isso. Aquele bandido, filho de uma... — Rafael foi interrompido pelo delegado.

— Olha para mim senhor Bernardes, eu exijo respeito. Aqui é uma delegacia e você não pode fazer acusações em falso aqui dentro. — Márcio fez uma pausa. — Garoto, por que ele acredita que seu pai seja o culpado? Quero ouvir a sua versão e depois ouço a dele. Não minta pra mim — disse o homem enquanto se sentava.

— Meu pai e o Rafael não se dão bem, na verdade nossas famílias não se dão bem — disse o garoto.

— Certo Romeo, mas por que eu devo suspeitar de seu pai? — perguntou o delegado em um tom irônico.

— Você não deve suspeitar de meu pai, ele não faria mal a uma mosca.

— Mentira! Ele odiava minha filha. — Rafael se intrometeu no meio da conversa.

— Mas por que ele teria motivos para odiá-la? — Mendes o questionou.

— Ele e Danilo sempre brigavam por causa dela, ele dizia que nós éramos pobres e que Danilo deveria se casar com Juliana Peroni, uma garota rica que mora com os pais em São Paulo. — Ele fez uma pausa. — Mas Danilo dizia que nunca iria ficar com ela. Ele queria se casar com Jéssica e viver ao lado dela para sempre.

— E por que você não gosta dele? — o delegado perguntou.

— Eu tinha medo da família que minha filha estava envolvida e depois dessas brigas, eu fiquei com mais medo ainda.

— Mas meu pai não fez isso — Danilo se manifestou.

— Como pode ter tanta certeza? Pois isso que Rafael acabou de falar coloca seu pai como suspeito.

— Meu pai nunca ameaçou ninguém, ele podia odiá-la, mas nunca faria mal a pessoa que eu amo. — Danilo levantou-se de sua cadeira.

— Então por que queria falar com ele?

— Eu tenho algumas suspeitas — Danilo falou um pouco pensativo.

— Quem são essas suspeitas? — Enquanto o delegado perguntou, Rafael os encarou.

— Na verdade é uma suspeita. Josie Moura.

— Quem é ela?

— Minha ex-namorada de colégio — disse Danilo por fim.

Amor proibido

Alguns anos antes...

— Hey Josie, me espera! — disse Danilo enquanto corria em direção à sua amiga no corredor da escola.

— Você foi embora bem cedo do show sexta — disse a garota enquanto olhava para Danilo. Josie era uma moça de dezessete anos, com cabelos cor-de-rosa e olho castanho.

— É eu sei... — O garoto fez uma pausa. — Meu pai quer que eu entre em uma faculdade federal, então como as provas já estão aí, resolvi voltar para casa e estudar um pouco.

— Entendi. Tudo bem, eu também não fiquei muito tempo com o pessoal. Eu encontrei o Adam e a gente ficou.

— Estão namorando? — perguntou Danilo, um pouco sem graça.

— Não, não. Eu descobri que ele é um babaca. Você acredita que ele tentou passar a mão em minha bunda e quando reclamei ainda me chamou de vadia?

— Nossa, que desgraçado. Mas ele não sabe a garota incrível que está perdendo. — Danilo ficou nervoso com o que disse e suas mãos começaram a suar. Ele era completamente apaixonado por Josie desde o primeiro ano do colegial, eles já estavam no terceiro.

Ela sorriu.

— Mas e aí? Por que você me chamou? — perguntou a garota.

— Ah é. Você esqueceu seu caderno na sala sexta e eu guardei para você. — Danilo tentou pegar o caderno, mas sem querer deixou-o cair. Ele ainda estava com vergonha da situação anterior e quando ele ficava assim, era desastrado e deixava as coisas caírem.

Josie e Danilo abaixaram-se para pegar o caderno ao mesmo tempo e seus olhares se cruzaram. A garota pegou o caderno, levantou rapidamente e se despediu de Danilo, o sinal havia tocado e eles tinham aula de matemática, sua preferida.

— Oi Dan, tudo bom? Cara, você viu a Kate por aí? — perguntou Max, amigo de Danilo. Ele era um cara alto, com um metro e noventa de altura, tinha cabelos verdes e espetados.

— Não vi, por quê?

— É que eu fui tentar falar com ela, ela deu um pequeno sorriso e me ignorou — respondeu Max.

— Não entendo, mas ela não estava bem no show sexta? — questionou Danilo.

— Estava, mas nós a deixamos sozinha. Encontrei uma garota que eu estava saindo

e Josie encontrou com outro menino e depois nos afastamos dela e fomos embora.

— Está explicado o porquê de ela estar assim com você — disse Danilo com um sorriso irônico. — Vocês são loucos pra deixar ela sozinha? Sabem que ela está em tratamento e não está bem.

— Mas é que eu achei que ela estava...

— Olha cara, não tem “mas”... Vocês vacilaram com ela. — Danilo saiu e deu de ombros com Max.

— Cara, por que você está “estressadinho”? — perguntou Max visivelmente irritado. — Vocês agora são “namoradinhos” é?

— Não, não somos namorados. Só que a Kate é nossa amiga, ela faz parte do grupo — respondeu Danilo.

— É, mas esse grupo já acabou. O trabalho foi finalizado e não precisamos mais ser amigos — disse Max. Ele arrumou a mochila em suas costas e foi para a sala de aula.

O sinal da escola tocou e todos saíram para o intervalo.

— Oi Dan. Você está bem? — perguntou Josie a Danilo ao ver que ele estava um pouco aborrecido.

— Não é nada... — Ele fez uma pausa. — Eu fiquei um pouco chateado que a gente deixou Kate sozinha ontem no show — disse Danilo um pouco triste.

— Mas Dan, Kate já é grandinha e sabe se virar — disse Josie.

— Mas ela está com alguns problemas e nós sabemos disso. Não devíamos ter deixado ela para trás.

— Dan. A Kate está melhorando, ela vai entender o porquê de termos deixado ela lá.

— Não sei... — Danilo foi interrompido por Max.

— Hey Danilo, já contou pra ela que você gosta dela? — disse Max deixando Danilo sem jeito.

— O quê? Não, eu... — Danilo não conseguiu terminar de falar de tanta vergonha que estava sentindo.

— Sai daqui Max! — exclamou Josie. — Hey Dan, não liga pra ele.

— Está bem. Ele adora me provocar — disse Danilo enquanto pegava sua mochila para entrar na aula.

— Hey, espera! — Josie chamou por ele. — É verdade o que o Max disse?

— O quê? Não... Eu tenho que ir. — Isso deixou Danilo mais confuso ainda e ele não conseguiu nem prestar atenção na aula. Ele não parava de pensar em Josie e que ela poderia estar desconfiada que ele estivesse gostando dela.

Danilo era um menino de família rica, o pai tinha muitos negócios, porém o garoto era muito tímido. Ele e Josie haviam se conhecido fazia dois anos, ele tinha acabado de se

mudar para a escola e ela começou a tentar conversar com ele e aos poucos ele foi perdendo a timidez com ela até que viraram melhores amigos, pelo menos para Josie. Depois de algum tempo de amizade, começou a brotar no coração do garoto um sentimento muito forte que fazia com que ele se sentisse muito feliz ao lado dela, ele estava apaixonado por ela, mas tinha medo de falar e estragar toda a amizade que construíram.

Ao final da aula, Danilo estava esperando seu pai enquanto mexia no celular.

— Preste mais atenção quando estiver mexendo no celular perto de nossa escola — disse Josie enquanto pegava o celular da mão do garoto.

— Hey, devolve meu celular — pediu Danilo enquanto tentava tomar o celular da mão de Josie.

— Vem pegar — disse a garota com um sorriso estampado em seu rosto e saiu correndo de perto dele.

Danilo tentava pegar o celular, mas a garota colocou-o em lugares que o garoto não ousava colocar a mão para pegar.

— Por favor. Me dá o celular — disse o garoto com um pequeno sorriso em seu rosto.

— Já disse. Vai ter que pegar. — A garota sorria enquanto falava.

— Eu não vou colocar a mão em seu sutiã — disse o garoto envergonhado.

— Tá bom, então chega um pouco mais perto que eu te dou o celular.

— Por que chegar mais perto?

— Venha e descubra.

Danilo se aproximou de Josie e para sua surpresa ela lhe beijou. Aquele beijo fez o garoto voar entre as nuvens, foi como se o maior sonho da sua vida estivesse se realizando. A garota que ele era apaixonado havia lhe beijado.

— Uau — disse ele em um impulso e ela riu.

— Eu estava pensando... Você quer sair comigo?

— Mas não seria eu que deveria perguntar? — perguntou Danilo.

— Não, se você não me perguntou até agora e eu estou gostando de você, então eu posso te convidar para sair.

— Tu-tudo bem, eu aceito. — Os olhos do garoto chegaram a brilhar.

— Combinado, amanhã depois da aula, pode ser? — perguntou Josie com um sorriso em seu rosto. Ela também gostava dele e estava muito feliz com o que havia acontecido.

— Pode sim. — Danilo retribuiu o sorriso, mas sua conversa foi interrompida pela buzina do carro de Francisco, seu pai.

— Quem era aquela garota que você estava conversando? — perguntou Francisco

ao garoto enquanto ele entrava no carro.

— O nome dela é Josie. Faz tempo que nos conhecemos, ela até já foi lá em casa — disse Danilo enquanto batia a porta do carro.

— Não a conhecia — respondeu Francisco.

— Claro que não. Você nunca está lá em casa. — Danilo olhou para seu pai e em seu rosto mostrava aborrecimento.

Francisco evitou o olhar de seu filho e ligou carro, mas antes de sair, ele encarou Josie por alguns segundos...



— Estou ansiosa para hoje à noite — disse a garota ao abraçar Danilo por trás, que estava mexendo em seu armário. Ele se assustou, mas sorriu quando escutou a voz dela.

— Eu também — disse Danilo com um pouco de timidez.

Danilo ajeitou sua mochila em suas costas e acompanhou Josie pelo corredor da escola, a aula deles só começaria em vinte minutos então daria para tomarem ao menos um café.

— E aí, qual faculdade você vai prestar? — perguntou Josie a Danilo.

— Então, eu estou pensando em prestar o curso de medicina na Unicamp ou em alguma universidade pública que meu pai aceite. — Danilo abaixou a cabeça, pensativo. Ele não ligava para qual faculdade queria entrar, mas o pai insistia que queria o filho em uma universidade pública, dizia que era melhor que todas as outras, mas Danilo acreditava que não era a universidade que fazia o aluno e sim o aluno que fazia a universidade. A pessoa poderia estar na melhor universidade do mundo, se ele não se esforçasse não conseguiria aprender muita coisa. — Mas e você, o que quer fazer? — O garoto retornou a pergunta para sua amiga.

— Eu quero fazer publicidade e propaganda, mas não sei em qual faculdade ainda. — Josie e Danilo estavam distraídos enquanto conversavam e de repente ela esbarrou em alguém, isso fez com que seus livros caíssem no chão. — Olha por onde anda garot... — Ela interrompeu sua frase quando viu que era Kate.

— Me desculpe. Eu não vi você — disse Kate enquanto recolhia os livros de Josie, que estavam caídos ao chão. Josie se abaixou e a ajudou.

— Tudo bem, a culpa foi minha, eu estava distraída conversando com o Dan e não a vi. — Josie olhou nos olhos da garota, mas estes demonstraram tristeza e decepção ao encontrar com os seus olhos. — Você está bem?

— Ela está sim — disse uma garota em um tom seco ao aproximar-se delas, tinha cabelos pretos e olhos castanhos, estava vestindo o uniforme da escola, mas Josie e Danilo nunca a tinham visto antes.

— Karen, essa é Josie e esse é Danilo. — Kate apresentou-os para sua amiga, mas esta não demonstrou reação de felicidade e fechou a cara.

— É um desprazer conhecer quem te deixou sozinha no Bar Club, Kate — disse Karen em um tom irônico. Josie e Danilo apenas assentiram.

— Karen, não faz isso... — repreendeu Kate.

— Ela está certa Kate, nós erramos em te deixar sozinha — disse Josie em um tom triste. — Me perdoa... O Dan não teve nada a ver, mas eu sim. Me perdoa?

— Tudo bem Josie, eu sei que vocês não fizeram por mal. — Kate a perdoou.

— Você vai perdoá-los, mas... — Karen retrucou, mas foi interrompida por Kate.

— Karen, para com isso — silêncio —, Josie, eu perdoo vocês, mas não consigo mais ter confiança, então não poderemos voltar a sermos amigas — disse Kate. Josie abaixou a cabeça e apenas assentiu.

— Vamos Josie — disse Danilo. — Tchau Kate.

Eles passaram por Kate e seguiram para o pátio do colégio. Era um imenso pátio a céu aberto, com muitas árvores ao redor, que muitos alunos utilizavam para dormir em suas sombras.

— Hey, Josie, não fique assim, não. — Danilo a aconselhou. A garota ficou meio para baixo ao saber que perdeu uma grande amiga, mas ela sabia que havia sido culpa dela.

— Está tudo bem... Só que eu não queria que tivesse acontecido isso, eu gostava de nossa amizade — respondeu a garota.

Danilo a abraçou meio sem jeito e ela se acalmou.

— Mas onde você pretende me levar hoje, senhor Barose? — Josie olhou para Danilo com um pequeno sorriso em seu rosto.

— Será surpresa, senhorita Moura — respondeu Danilo e deu risada da cara que a amiga havia feito quando ele disse isso.

Ao fim da aula, Danilo e Josie foram para suas casas se arrumarem para o encontro que eles teriam naquela noite. Danilo tinha apenas dezessete anos e a buscou de Uber, pois seus pais não estavam em casa para levá-los.

O encontro dos dois foi incrível, conversaram sobre muitas coisas que ainda não conheciam um do outro e foram se conhecendo cada vez mais, um sentimento de euforia começou a brotar em seus corações que fez com que, ao final do encontro, os dois se beijassem intensamente.

Danilo deixou Josie em casa e também foi para a sua, ao chegar, Danilo deitou-se em sua cama e começou a pensar na noite incrível que tivera com a maravilhosa Josie. Ele sentia seu coração palpitar mais forte cada vez que pensava na garota, mas algo estava para mudar.

— Danilo, eu posso entrar? — perguntou Francisco.

— Entra aí. — Danilo estava com um sorriso estampado de orelha a orelha.

— Como foi o seu encontro hoje? — perguntou Francisco ao abrir a porta do

quarto de seu filho e aproximar-se de sua cama.

— Pai, eu estou apaixonado! A Josie é incrível! — Sua alegria aumentava cada vez mais.

— Filho é sobre isso que eu quero conversar. — Silêncio. — Há cerca de dezessete anos eu conheci uma mulher muito linda e, mesmo casado, não consegui resistir aos seus encantos e comecei a trair sua mãe com ela. — Danilo o encarava. — Depois de alguns meses, ela me falou que estava grávida; eu fiquei desesperado e com medo de sua mãe descobrir o que estava acontecendo. — Francisco fez mais uma pausa. — Então, eu paguei dois milhões de reais para que ela ficasse de boca fechada e criasse a criança sozinha, mas eu não sabia que isso poderia acontecer...

— O que está acontecendo? — perguntou Danilo em um tom seco. — Eu não acredito que você traiu minha mãe.

— O nome da mulher é Angelina Moura. — O coração de Danilo gelou. — Filho, a Josie é sua irmã. — O olhar de Danilo demonstrava ódio pelo pai.

Interrogados

Algumas horas antes...

Era uma noite quente e estrelada na cidade de Campinas.

Um Chevrolet Cruze vermelho estacionou ao lado de um grande lago e uma mulher de cabelos loiros e olhos castanhos desceu; ela estava vestindo jaqueta jeans clara, camisa preta e saia vermelha; em seus pés havia uma bota preta de cano curto e usava uma meia que ia até sua saia.

Ela abriu o porta-malas de seu carro e retirou um saco preto de dentro, levou até a beira do lago, e joga-o na água. De repente o celular dela tocou.

— *Alô!?* — A garota atendeu.

— *Você conseguiu deixar tudo limpo?* — perguntou a voz ao telefone, era de um homem.

— *Acabei de terminar o serviço* — respondeu a garota.

O homem desligou o telefone.



Danilo terminava de contar sua história com Josie enquanto Márcio e Rafael o encaravam.

— E foi isso que aconteceu — disse ele meio sem graça ao perceber que Rafael o encarava scandalizado.

— Você beijou sua própria irmã? — perguntou Rafael.

Danilo permaneceu em silêncio.

— Ela soube que você começou a namorar novamente depois dela? — perguntou o delegado. Danilo apenas concordou com a cabeça. — Ela sentia ciúmes de você?

— No começo do meu namoro com Jéssica, Josie sentia ciúmes e até nos seguia. Certa vez, eu cheguei em casa com Jéssica e ela estava parada em meu portão dizendo que não se importava com a nossa situação, apenas queria ficar comigo.

— Depois disso, aconteceu mais alguma coisa? — perguntou o delegado.

Danilo negou com a cabeça.

— Neste dia eu disse que não daria para ficarmos juntos, pois além de sermos irmãos, eu amava Jéssica — continuou Danilo.

— E ela aceitou? — indagou o delegado.

— Depois desse dia, não a vimos mais.

— Isso faz quanto tempo?

— Aconteceu há uns três meses.

O delegado iria fazer mais alguma pergunta, mas a conversa foi interrompida por um homem de cabelos pretos e olhos castanhos que havia acabado de chegar. Ele estava com os olhos roxos e vestia camisa preta e calça jeans escura.

— Delegado Mendes, este é Jonathan Prim, ele disse que o senhor o chamou aqui — disse um dos policiais ao abrir a porta da sala do delegado.

— Claro! Entre, detetive. — O delegado respondeu amigavelmente. — É um prazer conhecê-lo — Mendes estendeu a mão para cumprimentar Jonathan.

— O prazer é meu. — Jonathan apertou a mão do delegado e seus olhos correram pela sala, vendo Rafael, Danilo e Regina sentados atrás de Márcio. — Bom dia — ele os cumprimentou.

Rafael e Danilo retribuíram os cumprimentos. Regina ainda estava em estado de choque e quieta.

— Vocês são os familiares da vítima? — perguntou o detetive.

— Jonathan, ainda não se sabe muito a respeito para tratá-la como vítima.

— Então iremos investigar para dizer se ela não é vítima, mas até então temos o depoimento da família confirmando que é a garota e eu irei confiar neste depoimento para começar a investigar.

O delegado apenas assentiu.

— Ela é a minha namorada e filha deles — Danilo respondeu à pergunta do detetive apontando para Regina e Rafael.

Jonathan pegou a ficha em que estava escrito o que Danilo havia dito para o delegado e depois de alguns minutos, perguntou:

— Como Jéssica iria até sua casa?

— Ela iria de carro, mas ele quebrou há três dias e estava no conserto.

— E por que você não a buscou?

— Eu estava ocupado ajeitando algumas coisas para a festa e ela disse que iria de Uber.

— E ela chegou a entrar no Uber?

— Não tive contato com ela depois que ela saiu.

— Ela pediu o Uber em sua casa? — Jonathan virou-se para perguntar a Rafael.

— Não, ela me disse que passaria na casa de uma amiga antes de ir à casa de Danilo e eu fui à igreja.

— Qual era o nome dessa amiga, você sabe?

— Eu não me lembro... — Rafael pensou um pouco mais. — O nome dela é Camila. — Danilo o encarou.

— Mas você não me disse que conhecia a Camila — comentou Danilo.

— Eu não me lembro do nome de todas as amigas de minha filha. — A situação entre Rafael e Danilo começou a ficar tensa novamente, mas foi apaziguada por Jonathan.

— E ela chegou até a casa dessa amiga? — O detetive olhou para Rafael que não soube responder.

— Ela não chegou — disse o garoto. — Eu liguei para Camila e ela achava que Jéssica estava comigo.

— Mas ela poderia ter ido à casa dela e chamado o Uber dizendo que iria à sua casa — disse o detetive.

Danilo permaneceu em silêncio.

— Algum de vocês sabe a senha da conta do Uber dela? — Enquanto o detetive ia perguntando, o delegado Mendes anotava algumas informações em seu caderno.

Danilo confirmou que tinha e passou a senha para o delegado. O detetive agradeceu e encerrou as perguntas.

— Nós iremos analisar a conta e qualquer informação que tivermos, avisaremos vocês — disse o delegado. — Enquanto isso, peço que vão para as suas casas e aguardem. — Ele fez uma pausa e olhou para Regina. — Senhora, acharemos o paradeiro de sua filha e prometo que se aconteceu algo, levaremos o culpado à justiça.

— Obrigada. — Regina começou a chorar só de pensar em sua filha. Rafael a abraçou e entraram no carro.

Danilo deixou Rafael e Regina na casa deles e foi embora. Quando chegou à sua casa, seu pai perguntou o que havia acontecido e Danilo não conseguiu dizer uma única palavra, foi para seu quarto e ficou aos prantos pensando em sua amada que poderia não estar mais entre eles.

Louca Obsessão

Alguns anos antes...

Danilo mal conseguiu levantar-se da cama na manhã seguinte. Ele queria que tudo o que seu pai havia lhe falado fosse um sonho, queria poder ficar com Josie, tomá-la em seus braços e beijá-la, mas não podia, ela era sua irmã.

— Droga! — Danilo socou o espelho de seu banheiro enquanto se barbeava, este trincou.

Suas lágrimas começaram a escorrer de seu rosto e ele as enxugou. Cada lágrima que escorria era devido a uma dor imensa que ele estava sentindo em seu coração. Muitas pessoas, principalmente na idade de Danilo, acreditavam que não podiam sentir amor sem ao menos ter namorado a pessoa, mas para Danilo era diferente, seu amor por Josie ia aumentando a cada dia. Ele conhecia todos os seus gostos, sabia todos os seus gestos e gostava de cada um de seus sorrisos, desde aquele mais tristonho, quando ela estava triste e ele tentava animá-la até o seu sorriso mais alegre.

Danilo olhou novamente para o espelho e seus pensamentos sobre Josie foram interrompidos. Ele lavou seu rosto e saiu do banheiro. Faltava uma hora para a aula começar, Danilo queria muito faltar à aula naquele dia, mas era a prova final de matemática e precisava das notas todas azuis para que seu pai não lhe desse um sermão.

— Hey, filho, aonde você vai? — perguntou Francisco que estava sentado à mesa junto com sua esposa.

Danilo olhou para sua mãe que lhe deu um sorriso e o cumprimentou com um bom dia.

— Eu estou indo para a escola — disse Danilo com um pouco de olheiras, o que demonstrava que ele não conseguira dormir à noite.

— Não quer que seu pai te leve, filho? — A linda mulher de cabelos loiros e olhos cor de mel, que Danilo chamava de mãe, pegou as torradas que haviam acabado de sair da torradeira. — Sente-se, coma uma torrada. — Danilo sorriu para sua mãe e ela o convenceu a comer algo antes de ir. Ele não gostava da ideia de ir para a escola com o seu pai naquele dia, mas sua mãe sabia como convencê-lo.

O garoto puxou uma das cadeiras e sentou-se à mesa. Seu pai estava vendo as notícias do dia pelo celular e comentou:

— Se essa presidente não tomar cuidado, logo eles a tirarão do governo.

— Querido... No café da manhã não é hora para se falar de política. Vamos comer. — Rebeca passou geleia em uma das torradas e serviu seu marido.

Danilo olhou para seu pai e sentiu repulsa. Não conseguia entender como ele podia ter traído sua mãe, ela era uma mulher incrível.

— Eu tenho que ir para a escola — disse o garoto ao terminar a refeição.

— Espere, deixa que eu te leve. — Francisco levantou-se da mesa para oferecer carona ao seu filho.

— Não precisa. Eu irei sozinho. — Danilo ajeitou a mochila em suas costas, beijou o rosto de sua mãe e saiu pela porta da sala.

O garoto foi se perdendo em pensamentos indo ao ponto de ônibus, que ficava a um quilômetro de sua casa, e resolveu colocar seu fone de ouvido, tocava em seu celular a música mais melancólica que ele tinha em sua playlist.

Ao descer do ônibus, Danilo abaixou a cabeça ao ver Josie indo em sua direção com aquele sorriso incrível estampado em seu rosto. O garoto tentou desviar, mas ela o abraçou e Danilo virou o rosto quando ela tentou beijá-lo.

— Você está bem? — A garota estava confusa.

— Oi. Estou sim. — O garoto não queria se desfazer de sua amada, mas ele tinha que fazer isso. Ele a amava, mas ela era sua irmã e se ele continuasse sustentando essa relação ou amizade os dois poderiam sair machucados.

— Não parece que você está bem. — A garota colocou a mão em seu ombro, mas Danilo a tirou.

— Só estou com um pouco de dor de cabeça. — Danilo desviou seu olhar para o chão, e percebendo que o clima entre os dois não estava bom, Josie ajeitou sua mochila e foi para a sala de aula.

Ele reparou no olhar tristonho que Josie fez antes de sair e ficou se corroendo por dentro, o que o deixava com mais raiva de seu pai por ter feito o que fez, mas se nada disso tivesse acontecido, a garota incrível que ele conhecera poderia nem ter nascido.

A aula durou pouco tempo, pois já estavam no fim das aulas e os professores só iriam passar a nota de cada aluno naquela semana. Danilo sentava em uma cadeira ao lado de Josie, mas naquele dia ele sentou-se quatro carteiras longe e ela ficou olhando-o, sem que ele percebesse, e pensando no que tinha acontecido para ele estar daquele jeito. De repente ela resolveu tomar uma atitude.

— Danilo, eu amei o nosso beijo ontem à noite — disse ela para o garoto.

— Eu também amei. — Danilo deu um sorriso sem graça e preocupado. Ele não queria que aquela relação seguisse adiante, ainda mais sabendo que Josie era irmã dele, mas ele não podia mentir em relação ao beijo, foi perfeito.

— Eu queria mais um beijo como aquele. — Josie aproximou-se de Danilo e ele disfarçou olhando para o lado e tentando sair de perto dela, ela era irresistível, mas ele tinha que resistir. Josie o encurralou e não o deixou sair, aproximou-se mais um pouco de sua boca e beijou seus lábios. Danilo sentiu o leve toque de seus lábios e o gosto de morango que vinha de seu gloss.

— Não! — Danilo virou o rosto, interrompendo o beijo imediatamente. — Não podemos ficar juntos.

— Por que não podemos ficar juntos? Ontem nós estávamos tão felizes juntos. O que aconteceu? — Começou a escorrer lágrimas dos olhos de Josie e Danilo não

conseguiu segurar as suas e também começou a chorar; um choro leve e silencioso.

— Eu preciso ir embora. — O sino da escola já havia soado e só estavam os dois dentro da sala. O garoto pegou sua mochila, que estava embaixo de sua carteira, e tentou sair da sala, mas foi interrompido por Josie segurando em seus braços.

— Você não vai sair sem me falar o que está acontecendo. — O olhar da garota, além de tristeza e confusão, agora mostrava a raiva que ela estava sentindo por dentro, Danilo mal a reconheceu naquele momento, mas ele estava decidido e não queria ficar mais um segundo conversando sobre isso, pois em seu peito também havia dor devido a toda aquela confusão.

— Pergunte para a sua mãe. — O garoto fez uma pausa enquanto Josie soltava a mão de seu braço, confusa. — Adeus, Josie. — Danilo foi embora deixando a garota sozinha, perdida em pensamentos.

Angelina, uma mulher loira de olhos castanhos, com quarenta e três anos de idade estava se preparando para começar a fazer o almoço quando escutou a porta da sala de sua casa bater fortemente, levou um susto, mas se acalmou ao ver que era sua filha. A menina subiu para seu quarto sem a cumprimentar e ela estranhou, afinal, ela e Josie eram tão próximas que sempre que havia alguma confusão as duas conversavam e não demoravam a se entender novamente.

— Filha, você está bem? — perguntou Angelina, preocupada.

— Não quero conversar agora, me deixe um pouco sozinha — retrucou a garota.

Angelina não deu ouvidos ao que a filha disse e foi até o quarto da garota, batendo de leve na porta, e pedindo licença para entrar.

— Sai daqui. — A garota estava chorando e não queria que sua mãe a visse assim, afinal, Danilo tinha citado sua mãe na conversa e no fundo ela temia que Angelina tivesse alguma coisa a ver com o que estava acontecendo.

— Filha, por favor, me deixe entrar. — Josie não disse nada e então, sem perguntar novamente, Angelina entrou em passos calmos e foi em direção à sua filha. — O que aconteceu para você estar assim? — A mãe da garota acariciou seus cabelos e enxugou algumas lágrimas de seu rosto.

A garota não conseguia parar de chorar. A dor era tão forte que ela chegava a soluçar.

— Foi algum garoto que te deixou assim? — Angelina a tomou em seus braços e foi acalmando a sua querida filha.

— Infelizmente, foi. — A garota já estava um pouco mais calma e conseguiu falar.

— O que aconteceu entre vocês dois?

— Nem eu sei o que aconteceu. Ontem tínhamos tido uma noite incrível e hoje ele foi super frio comigo.

— Filha, não fique assim por um garoto. Ele não sabe o que está perdendo, você vai encontrar outro que te faça extremamente feliz e queira sempre o seu bem.

— Mas eu o amo, mamãe.

— Filha... Você é muito nova ainda para entender o que é o amor. Ele não é como mostram em filmes Hollywoodianos, é bem mais que isso. O amor é uma escolha; é quando escolhemos ficar com uma pessoa para a vida inteira e só é provado em nosso último suspiro de vida.

— Mas eu amo o Danilo e quero ficar com ele para o resto da minha vida — disse a garota, revelando o nome do menino de quem estava falando.

Angelina empalideceu. O único Danilo que ela conhecia era Danilo Barose, melhor amigo de sua filha e filho de seu amante, Francisco Barose.

— Mãe, você está bem? — perguntou a garota.

— Estou sim, filha. Só me ocorreram algumas lembranças de minha juventude e em como eu era ingênua como você.

— Mas eu não sou ingênua, eu realmente sei o que sinto por ele.

A mulher permaneceu em silêncio, com os olhos vidrados em sua filha, mas a mente em outro lugar.

— Filha... — A mulher fez uma pausa e pousou suas mãos sobre os ombros da filha. — Há algum tempo atrás eu e Francisco Barose estávamos em um evento local e começamos a conversar; tudo rolou muito rápido e de repente estávamos apaixonados um pelo outro.

— Mas ele era casado? — perguntou a garota enquanto enxugava as lágrimas de seu rosto.

— Sim, mas eu não pude conter os desejos de meu coração — disse a mulher, com a cabeça baixa.

A garota fixou os olhos em sua mãe e ela continuou:

Certa vez, eu e Francisco nos encontramos em um motel e passamos a noite juntos. Quando acordamos, nos demos contas de que nos esquecemos de usar preservativos e na época eu não tomava anticoncepcional.

Dava para ver no rosto de Josie o espanto que ela levara.

— Há quanto tempo faz isso? — perguntou a garota, com os olhos se enchendo de lágrimas.

— Faz dezessete anos...

Josie desabou a chorar.

— Por que vocês fizeram isso com a gente? Por que não nos contaram antes? Por que deixou que nossa amizade durasse tanto tempo?

— Quando Francisco soube que eu estava grávida, ele me sugeriu que eu abortasse, mas eu disse que nunca iria cometer uma atrocidade dessa e falei que não faria isso. Então ele me fez outra proposta, não iria assumir a criança, mas me deu uma grana para que eu não contasse a ninguém o que tinha acontecido. E quando você e Danilo

começaram a conversar, achávamos que não passaria de uma amizade. — Angelina chorava enquanto falava.

Josie estava decepcionada demais para conversar com sua mãe e saiu para dar uma volta.

Agora tudo fazia sentido, pensou ela. Quando Josie era mais nova, raramente Angelina falava de seu pai; ela dizia que ele era de um grupo de motoqueiros que passou pela cidade e o conheceu no bar, passaram uma única noite juntos, mas ela estava em seu período mais fértil e acabou engravidando. Quando Josie perguntava de qual grupo ele era e se sua mãe tivera notícias dele depois, ela dizia que ele havia morrido na estrada, atropelado por um caminhão na BR 116.

Certa vez, muito tempo depois de ter contado essa história, Josie, na beira da porta, escutou seu avô conversar com sua mãe que sentia muita falta do filho mais velho, José. Ele tinha sido atropelado da mesma forma que sua mãe lhe contara sobre seu pai e na mesma rodovia. Poderia ser pura coincidência, pensou Josie, mas, após o velhinho ir embora, resolveu perguntar para sua mãe.

— Mãe, como era o tio Zé? — perguntou Josie.

— Ah, filha, ele era uma pessoa muito boa, mas acabou se envolvendo em coisas erradas quando começou a andar de moto; ele chegou a ser procurado algumas vezes por roubos e assaltos e quase não tivemos notícias dele depois que saiu de casa, fugindo da polícia. A última notícia que tivemos foi quando um caminhão desgovernado passou por cima dele e de sua moto; ele não sobreviveu.

— Nossa, mas o acidente dele parece muito com o do papai — disse a garota, confusa.

Angelina parecia perdida em sua própria resposta e tentou não cruzar olhares com sua filha, trocando de assunto logo depois. Josie resolveu não tocar mais no assunto, mas a garota nunca se esquecera daquele dia.

Josie já havia atravessado metade da cidade, correndo, com seu fone de ouvido, escutando algumas músicas em seu Ipod. Quando de repente viu Danilo sentado em um banco de praça, próximo à sua casa.

— Oi — disse ela, cumprimentando-o. Ele estava lendo um livro, Harry Potter e o cálice de fogo. Ele colocou seu marca-páginas sobre a folha, fechou o livro e a olhou.

— Me desculpe por ter sido um babaca hoje na escola — disse o garoto que visivelmente sentia culpa por tê-la deixada chateada.

— Tudo bem... — A garota sentou-se do lado dele e iria continuar a falar, mas ele a interrompeu.

— Eu estava com raiva e com medo. Não queria te deixar chateada. — Escorreu uma lágrima do rosto do garoto. — Eu te amo, mas não podemos ficar juntos.

Nesse instante, Josie começou a chorar.

— Minha mãe me contou o que aconteceu. — Ela limpou as lágrimas com a manga de sua camisa. — Eu não quero me separar de você.

— Nós podemos ser amigos — disse o garoto, agora ele tornou a chorar.

— Eu não quero ser sua amiga, quero namorar com você, me casar, ter filhos, uma família. — Danilo deixou transparente em seu rosto que estranhou a garota falar em casar, sendo que haviam começado a ficar há pouco tempo.

— Mas não podemos, somos irmãos! — Danilo ia levantar-se do banco, mas foi impedido pela garota.

— E que importância isso tem? Na idade média eram comuns os casos de irmãos casarem-se entre si para manterem o reino com uma só linhagem. Podemos fazer isso!

— Josie, os tempos mudaram! Surgiram novas doenças que podem causar má-formação na gestação e quando tivéssemos um filho ou filha, isso poderia acontecer!

— Não precisamos ter filhos, qualquer coisa nós podemos adotar. — Insistiu a garota.

— Me desculpe, não dá! — O garoto levantou-se do banco e deixou a garota chorando, enquanto se afastava. Mas antes de perdê-lo de vista, Josie o chamou novamente.

— Danilo, eu vou te amar para sempre... — O garoto não conseguiu olhar para trás. Ele não queria vê-la chorando e também não queria que ela soubesse que em seu peito também batia um coração partido.

Uma pequena lembrança

Eram sete horas da manhã, os pássaros cantarolavam nas árvores das calçadas próximas à casa de Danilo. Francisco acabava de levantar-se e estava na cozinha quando dona Maria, a empregada da casa, chegou ao local.

— Bom dia, senhor Francisco — disse a mulher ao chegar próximo à pia, retirar um avental branco de uma das gavetas e colocá-lo.

— Bom dia, dona Maria. Eu não ficarei muito tempo, não precisa fazer nada para mim. O Danilo ainda está dormindo, pois teve uma noite muito complicada — disse Francisco enquanto pegava um copo com água.

— O que aconteceu com ele?

— Jéssica está desaparecida — disse o homem, friamente.

— Oh, coitadinho. Mas não teve nenhuma notícia sobre ela? — perguntou a mulher. Dona Maria trabalhava para a família havia alguns anos e tratava Danilo como um filho que nunca poderia ter, já que era estéril.

Dona Maria tinha pouco mais de cinquenta anos de idade, seus cabelos eram pretos, lisos e compridos, mas quase sempre ela os deixava presos; vestia uma saia longa todos os dias, nunca andava de calça, mas isso se devia à sua religião que proibia o uso dessa vestimenta; debaixo de seu avental estava uma camisa da mesma cor, que ficava justa a seu corpo, já que ela estava um pouco acima do peso.

— Receio que não — disse Francisco. — Mas deixe o garoto dormir mais um pouco, ele teve uma péssima noite de sono. Deve ter tido alguns pesadelos, escutei seus gritos de dentro do meu quarto.

— Está bem. Eu cuidarei para que ele durma um pouco mais. — A mulher concordou com Francisco e o mesmo a abraçou antes de sair.

— Eu não sei o que eu faria sem você, dona Maria.

— Provavelmente, nada — brincou a mulher.

Assim que Francisco saiu, dona Maria terminou de preparar o café e foi recolher as correspondências. Ficou curiosa quando viu uma embalagem com Danilo como destinatário, achou melhor entregar assim que ele acordasse, poderia ser alguma coisa que ele comprara na internet.

Ela deixou a pequena embalagem na mesa e foi cuidar de seus afazeres.

Danilo acordou assustado, havia tido um sonho que algo havia acontecido à sua namorada, Jéssica, e foi correndo conferir o celular, mas infelizmente ele percebeu que não era um sonho.

Antes de levantar-se, ele ficou relendo várias vezes as suas conversas de WhatsApp que teve com ela; dos “memes” que ficavam mandando um para o outro e começou a chorar.

— Oi, tudo bem? — disse dona Maria ao abrir a porta do quarto de Danilo.

Danilo virou o rosto para que ela não o visse chorando e limpou as lágrimas de seus olhos.

— Tudo sim... — Ele interrompeu a frase, não queria falar muito.

Dona Maria aproximou-se da cama do menino, sentou-se próximo a ele e o abraçou. Sentiu o aperto do abraço de Danilo e uma lágrima escorreu de seu rosto.

— Vamos tomar café da manhã? Eu fiz um suco de laranja para você, do jeito que você gosta. — Dona Maria limpou as lágrimas de seu rosto e levantou-se da cama, puxando levemente o garoto com a mão.

Danilo sentou-se novamente na cama e abaixou a cabeça por alguns segundos. Ele queria refletir sobre tudo que tinha acontecido e o que estava acontecendo. Ainda não conseguia acreditar, mas algo latejava dentro de seu coração, dava pontadas que eram sentidas na alma. Os policiais ainda não confirmavam se era ou não Jéssica nas filmagens, mas por dentro Danilo tinha certeza de que sua namorada já não estava mais entre eles, sentia isso no fundo de seu coração.

O garoto calçou seus chinelos, que estavam ao lado de sua cama e desceu as escadas para ir à cozinha.

— Danilo chegou uma encomenda para você — disse dona Maria enquanto colocava um pouco de suco em um copo e retirava a torrada da torradeira.

Estranhando a pequena caixa, Danilo a manuseou e a abriu. A caixa era de papelão comum, em um tamanho médio, utilizado para embalagens dos correios. No remetente estava escrito o endereço de Jéssica e Danilo se assustou. Ao abrir a embalagem, o garoto viu que existia outra embalagem dentro, dessa vez, uma caixa preta, de alumínio, com um pequeno coração desenhado e quando a abriu Danilo deu um grito, e a deixou cair no chão revelando seu conteúdo.

Dentro da caixa estava um dedo anelar esquerdo que aparentava ser o de Jéssica e estava com a aliança que Danilo entregou-lhe semanas antes, quando a pediu em casamento.

Dona Maria quase desmaiou ao ver que o dedo, que estava dentro da caixa, tocou seus pés quando fora ao chão. A aliança, que se encaixava ao anelar, quicou para debaixo da mesa da cozinha e Danilo agachou-se para pegá-la. Notou, com o objeto em sua mão, que havia algo novo escrito em sua superfície. Quando comprou a aliança, pediu nada mais que algo minimalista para aderir aos gostos de sua amada, e para que não fosse escrito nada em sua aliança. Porém, ao aproximar-se o rosto a ela, leu a seguinte frase escrita em sua superfície: “Eu te amarei para sempre”.

O garoto assustou-se, colocou a aliança em cima da mesa e correu pegar o celular para ligar ao delegado.

— Oi, senhor Barose, aconteceu algo? Tem alguma pista? — perguntou o delegado ao atender o celular. Jonathan estava próximo a ele e pediu para que ele colocasse no viva voz, ele instantaneamente o fez.

— Delegado, aconteceu algo horrível! Eu recebi uma encomenda e dentro da caixa estava o dedo anelar de Jéssica, com a aliança que eu dei a ela. — O garoto parecia desesperado.

— Traz a evidência aqui, imediatamente!

Danilo colocou o dedo novamente na embalagem, entrou em seu carro e foi direto para a delegacia. O garoto estava com a mente embaralhada, era uma mistura intensa de sentimentos que vinha em seu coração. Danilo sentia raiva, tristeza, sentia o coração batendo como se fosse sair de seu peito e se estilhaçar no para-brisa de seu carro. Por um instante, o garoto foi na contramão de uma avenida de mão dupla; não queria mais saber da vida, mas quando um caminhão estava se aproximando, voltou a si e desviou-se do veículo.

Ele olhou para o banco do passageiro e foi tomado por um sentimento de justiça ao ver a pequena embalagem que estava levando para a delegacia. Ele não conseguia entender como alguém poderia fazer tamanha barbaridade, mas faria de tudo para ajudar a polícia a descobrir quem foi o desgraçado que acabou com sua vida e a vida de sua namorada, e traria justiça e paz à alma de Jéssica Bernardes.

Uma mão amiga se descobre nos piores momentos

Um ano antes...

— Me vê um copo de cerveja, por favor — pediu Danilo ao entrar em um barzinho com música ao vivo. Ele estava usando um moletom azul escuro e a touca sobre sua cabeça, cobrindo uma parte de seu rosto.

— Posso ver sua identidade? — pediu a barwoman, uma garota de cabelos castanhos que vestia o uniforme do local que estava escrito “Mr. Boêmios”.

Danilo olhou para ela e reparou que ela aparentava ser bem nova para trabalhar como barwoman, parecia ter sua idade. Então o garoto sorriu e a perguntou:

— Quantos anos você tem? Acho que não tem idade para trabalhar em um local como esse.

— Não interessa a minha idade. Posso ver sua identidade? — ela insistiu.

— Na verdade, vou querer uma água mesmo. — O garoto era menor de idade ainda e não deixariam comprar uma cerveja.

A garota sorriu e foi pegar um copo de água para ele.

Danilo a estava esperando quando se sentou um homem ao seu lado. Ele era calvo, tinha uma cicatriz de corte em sua bochecha direita; vestia uma camiseta da banda “Sex Pistols” e uma jaqueta de couro preta por cima.

— Eu quero uma dose de uísque — pediu o homem quando a barwoman entregou o copo de água para Danilo.

A garota saiu para pegar o que o homem havia pedido, mas esperou quando reparou que Danilo e o homem estavam conversando.

— Você está com o dinheiro aí? — perguntou o homem para Danilo, discretamente.

Danilo pegou sua carteira e retirou de lá uma nota de cinquenta reais. Colocou o dinheiro sobre a mesa e o empurrou para o homem.

O sujeito pegou o dinheiro e colocou no bolso direito de sua jaqueta. Do bolso esquerdo ele sacou dois pinos de cocaína, colocou sobre a mesa e jogou para Danilo. Quando viu isso, imediatamente a garota foi até eles e entregou o pedido do traficante.

— Você parece ser tão inteligente, por que usa esse tipo de coisa? — perguntou a jovem.

— Não interessa. — Danilo se estressou com a pergunta. — Onde é o banheiro?

A barwoman apontou para o local e Danilo saiu após deixar o pagamento pela água.

Danilo entrou no banheiro, retirou uma nota de dois reais de seu bolso, colocou um pouco de cocaína sobre a pia e enrolou a nota de dois reais como um canudo; aproximou-a de seu nariz e inspirou todo o conteúdo.

Fazia dois anos que Danilo e Josie haviam “terminado” e, mesmo que difícil no começo, o garoto conseguiu se curar da ferida que seus pais tinham provocado nos dois.

Ele havia passado na faculdade de medicina, começara a estudar em uma das melhores faculdades do país, a Unicamp. Quando entrou na universidade, o garoto acreditava que as cobranças do pai parariam por ali, mas isso não ocorreu. Francisco Barose, ao ver o potencial do filho, quis que ele o aprimorasse mais ainda e o obrigava a estudar até de madrugada todos os dias, o que fazia com que o garoto não conseguisse se concentrar nem nas aulas e nem nos estudos.

Certa vez, ao ver que o filho havia ficado de dependência em uma matéria, Francisco bateu tanto em Danilo que deixou suas costas roxas, mas o garoto não revidava, ele havia aprendido desde pequeno que deveria respeitar os pais acima de tudo. Após a briga com o filho, Francisco o obrigou estudar ainda mais e não ficar de dependência em nenhuma matéria, porém, Danilo ainda não conseguia se manter concentrado.

Ele havia feito alguns amigos na escola e um deles ofereceu cocaína dizendo que ajudava a focar nos estudos, Danilo experimentou e gostou do resultado, tinha conseguido se concentrar e no outro dia lembrou-se de tudo que havia estudado. Desde então, o garoto começou a comprar a droga com Carlos, um traficante indicado por seu amigo. Carlos era um imigrante que fugiu da Venezuela com sua esposa e filho quando o ditador Nicolás Maduro assumiu o poder, e se envolveu com uma facção criminosa que dominava o país.

No dia seguinte ao que foi no bar, Danilo acordou com uma náusea intensa e foi correndo para o banheiro de seu quarto, vomitando todo o salgadinho que comera enquanto estudava na madrugada anterior. Sentia pontadas e dores em seus braços e pernas, mal conseguia andar. Sua cabeça estava latejando e ele queria poder ficar na cama o dia inteiro, mas havia uma avaliação na faculdade e ele precisava fazê-la para passar.

— Bom dia, dona Maria — o garoto a cumprimentou.

— Oi, Danilo, bom dia! Quer que eu prepare seu café? — Dona Maria gostava de preparar o café na hora, pois Danilo era um garoto indeciso e assim poderia fazer o café do jeito que ele queria no momento.

— Sem açúcar, por favor — pediu o garoto. Dona Maria estranhou, fazia algumas semanas desde que o garoto não parecia o mesmo. Danilo sempre fora um garoto alegre, mas agora acordava sempre cansado e com dores, e a mulher ficava sem entender o porquê.

Dona Maria estava preparando o café de Danilo quando Rebeca chegou à cozinha.

— Bom dia, filho. — Ela foi até Danilo, o abraçou e beijou seu rosto.

— Oi, mãe, tudo bem? — Ele retribuiu o cumprimento e percebeu que sua mãe estava com uma cara de cansaço.

— Tudo sim. Só estou um pouco exausta. Muitas coisas no trabalho, sabe? — Rebeca trabalhava como gerente de banco e muitas vezes ficava até tarde no trabalho.

— Você está precisando de umas férias. — Danilo a beijou em seu rosto. — Estou indo para a aula.

— Nada disso, você vai esperar eu preparar uma panqueca para você — disse Rebeca.

— Mas mãe, eu preciso estudar... — Insistiu o garoto.

— Ainda falta uma hora para começar a aula, então, senta na cadeira e coma a panqueca que eu vou fazer.

Danilo sabia que sua mãe adorava cozinhar e ele amava tudo que ela fazia, principalmente suas panquecas e omeletes.

— Está bem, mas só um pouco. Preciso revisar o conteúdo antes da prova.

Rebeca sorriu para seu filho e disse à dona Maria que a cozinha agora era dela. Dona Maria riu e foi fazer seus outros afazeres da casa.

— Obrigado, mãe. A panqueca estava muito gostosa, mas agora eu preciso ir — disse Danilo ao terminar de tomar café da manhã.

Rebeca se despediu do filho com um beijo na bochecha e alguns minutos após o garoto sair de casa, sentiu uma dor imensa na barriga que a fez ir para a sala e se encolher no sofá.

— Está tudo bem, dona Rebeca? — perguntou dona Maria.

— Está sim, eu só preciso de um analgésico, consegue pegar para mim na nossa despensa de medicamentos? — pediu a mãe de Danilo. — Ai! — Ela gritou de dor.

— A senhora não está bem, quer ir ao médico?

— Não precisa. Logo eu vou estar melhor... Ai!! — Rebeca mal conseguiu terminar de falar.

Dona Maria ignorou o que ela falou e foi ao telefone ligar para Francisco, que estava em seu serviço.

— Alô! — Francisco atendeu ao telefone.

— Senhor Francisco, Aqui é a Maria. Sua mulher está muito mal, precisa levá-la ao hospital.

— O que aconteceu?

— Eu não sei. Ela começou a sentir muitas dores na barriga e não está conseguindo nem se levantar do sofá.

— Já estou indo para aí.

Francisco desmarcou uma reunião que teria com os sócios naquela tarde e foi para casa para levar Rebeca ao hospital.

— Querida, segure em mim, por favor — disse Francisco ao abaixar-se próximo à Rebeca e colocar seus braços enrolados no pescoço dele.

Francisco levantou-a com cuidado e caminhou com a mulher até o carro, ajudando-

a deitar-se no banco de trás do carro, pois Rebeca mal estava conseguindo sentar-se.

Ao chegar ao hospital, um dos melhores da cidade, Rebeca foi imediatamente atendida e levada para fazer uma tomografia, pois seu estado parecia urgente.

Logo após fazer o exame, o médico lhe mandou para tomar medicação na veia, pois ainda estava com muitas dores e pediu para que ela esperasse o resultado do exame.

Danilo estava na faculdade quando seu pai lhe telefonou dizendo o que havia acontecido com sua mãe.

— Meu Deus, mas ela está melhor? — perguntou o garoto ao seu pai.

— Ela está tomando medicação, mas dentro de algumas horas saberemos o resultado e o laudo do que possa ser.

— Eu já terminei a prova, chego aí dentro de meia hora.

Francisco se despediu do filho e desligou o celular. O garoto pediu uma corrida por aplicativo e foi direto para o hospital.

Danilo e seu pai estavam conversando quando a enfermeira os chamou para ajudar Rebeca, que estava grogue devido ao medicamento que tomara.

— Você tem alguma notícia do resultado da tomografia? — perguntou Francisco à enfermeira.

— Ainda não, mas acredito que o médico logo venha conversar com vocês.

— Está bem, obrigado! — Francisco agradeceu a enfermeira e com a ajuda do filho serviu de apoio para sua esposa, que estava quase desmaiando de sono.

Eles a colocaram sentada em uma das cadeiras de espera e perceberam que Rebeca estava melhor, pois a mulher não havia reclamado de dor, o que ela não conseguiria fazer algumas horas antes.

— Senhor Francisco Barose!? — chamou o médico.

— Sim, sou eu. Doutor Cláudio Silveira!? — Francisco o cumprimentou.

— Já estou com o laudo do caso da sua mulher.

— E aí, é algo grave?

— Os exames deram um pouco alterados, mas precisarei de mais alguns exames para confirmar o resultado.

— Você acha que pode ser um tumor? — perguntou Francisco, confuso.

— Senhor, não tem como confirmar para o senhor agora, mas pedirei uma biópsia.

— Tudo bem, obrigado.

O médico lhe entregou o laudo do exame e foi atender outro paciente. Francisco conversou com Danilo sobre o que o médico havia falado e acordaram Rebeca, que estava em um sono bom na cadeira do hospital, para irem embora.

Rebeca, quando soube do laudo e que poderia haver algo de errado, ficou triste e até chorou, mas ainda assim manteve a esperança de que não era nada.

Ao chegar em casa, Danilo subiu para o seu quarto. O garoto ficou em silêncio por algum tempo, queria tentar entender o que estava acontecendo com sua mãe e, como ela, ficar esperançoso, mas tinha medo de que algo acontecesse. Há alguns dias Danilo havia planejado contar para sua mãe o que seu pai havia feito a ela anos atrás, mas agora não poderia, pois se fosse algo grave, ela precisaria de todo o apoio possível.

Ele pegou seu celular, que estava em seu bolso direito da calça jeans azul escura, e mandou uma mensagem para Carlos, seu traficante.

— Oi, quero uma água, por favor — pediu Danilo com educação. A barwoman que estava atendendo era a mesma do dia em que ele tinha ido lá.

A garota o olhou, fechou a cara e foi pegar a água que ele tinha pedido.

— Me desculpe, eu não queria falar daquele jeito com você aquele dia — disse Danilo. Seus olhos lacrimejavam e sua voz parecia triste.

— Mas falou... — Ela lhe entregou o pedido.

— É sério... O que eu posso fazer para que me perdoe?

— Por que quer tanto assim que eu te perdoe?

— Você parece ser uma pessoa legal... — O garoto fez uma pausa. — E no momento o que eu mais preciso é de uma pessoa legal para conversar.

A garota ficou olhando-o e viu que Danilo estava abatido.

— Tudo bem, mas você não veio aqui só para me pedir desculpas, né? — A garota apontou para a entrada do bar, por onde Carlos estava entrando. — Olha, se você quer conversar comigo, não se drogue. Não vou conversar com alguém que esteja drogado.

— Eu não vou me drogar, só vou comprar — prometeu Danilo. A garota não disse nada.

Danilo foi até Carlos e entregou o dinheiro. O traficante lhe passou a droga e saiu do bar.

— Viu? Eu só fui comprar. Não estou bem para cheirar hoje — disse Danilo ao guardar dois pinos no bolso de sua calça.

— Está bem. Vamos conversar, mas hoje eu saio meia-noite, terá que esperar um pouco.

Danilo olhou no relógio e se assustou com o horário, não percebeu que ficaram no hospital por tanto tempo. Quando Rebeca foi levada ao hospital era quase meio-dia e quando Danilo olhou já era quase onze horas da noite.

— Tudo bem, então me vê um copo de suco — pediu Danilo.

A garota lhe trouxe um copo de cerveja.

— Hoje você está precisando... — Ela fez uma pausa. — Mas só um, senão eu me ferro.

— Obrigado... — Danilo sorriu. — A propósito, qual é o seu nome?

— Jéssica — ela respondeu.

Uma prova em pedaço

Atualmente...

O delegado Mendes já estava esperando quando Danilo chegou à delegacia.

— Você está bem? — perguntou o delegado a Danilo.

— Nem um pouco — respondeu o garoto.

— Nem imagino o quão difícil deve estar sendo para você... — O delegado fez uma pausa. — Está com o que você havia me dito pelo telefone?

Danilo pegou a pequena caixa, que ele havia embrulhado em um plástico e entregou para o delegado.

— Danilo, eu precisarei recolher o seu depoimento novamente — disse Márcio enquanto entregava a pequena caixa para a perícia analisar. — Acompanhe-me até minha sala, por favor.

A sala do delegado Mendes já estava mais organizada quando Danilo entrou. O quadro que o garoto tinha visto já não estava mais no chão e em sua mesa já não havia tantos papéis.

— Danilo, o que aconteceu? — O delegado pegou um papel e uma caneca, e se prontificou a escrever o que o garoto iria dizer.

O garoto, ainda assustado, respirou fundo, esperou alguns segundos e finalmente abriu a boca para falar, após sentar-se na cadeira.

— Eu estava dormindo na hora em que a Maria, empregada da casa, encontrou uma caixa, como as dos correios, junto com nossas outras correspondências. A caixa estava com o meu nome como destinatário, então dona Maria esperou que eu acordasse para abrir a caixa. Quando eu acordei, achei estranha a encomenda, pois não havia comprado nada que fossem entregar. Eu abri a embalagem imediatamente e quando vi havia essa outra caixa dentro. — O garoto fez uma pausa e respirou fundo. — Quando abri a caixa, estava o dedo anelar de Jéssica junto com a aliança que eu havia comprado a ela, antes de pedi-la em noivado, há duas semanas.

— Além do dedo e da aliança, havia algo mais?

O garoto começou a lembrar-se da frase na aliança e suas mãos começaram a tremer, logo após seus olhos lacrimejarem.

— Sim... Quando eu vi a aliança, tinha algo novo, uma frase.

— Qual era a frase?

— “Eu te amarei para sempre” — o garoto respondeu pausadamente.

— Essa frase significa algo para você?

Danilo sabia que já tinha ouvido aquela frase em algum lugar, mas parecia algo distante para que lembrasse concretamente do que tinha ouvido. Todas as lembranças de

sua vida passaram por sua mente naquele momento, desde os beijos e o carinho de sua mãe até ao momentos que tinha vivido com Jéssica. Mas algo que Danilo não queria lembrar também lhe atingiu; o último dia em que tinha visto Josie, sua irmã, antes de terminar com ele. Ela tinha dito algo parecido, mas não conseguia lembrar. Esforçando sua mente ao máximo, Danilo se lembrou de algo: “Eu te amarei...”

— Josie! — disse o garoto, por fim.

— Josie? A sua ex-namorada-irmã? — perguntou o delegado.

— Sim! — Danilo fez uma pausa. — Quando eu disse a ela que não daríamos certo, ela insistiu dizendo que sermos irmãos seria apenas “detalhes” e que podíamos ficar juntos. Eu expliquei a ela que não e ela disse “Eu te amarei para sempre”.

— Isso pode ser mera coincidência, mas em todo caso, chamarei todas as pessoas ligadas a vocês e ela para prestarem depoimento.

O delegado abriu a porta e deixou que Danilo saísse na frente dele, pois precisava fechar sua sala. Jonathan estava esperando do lado de fora da delegacia e Márcio foi conversar com o detetive acerca do depoimento do garoto, logo após, pediu a um de seus policiais uma lista com o nome e contato de todas as pessoas próximas a Jéssica e Danilo para que ele os convocasse para depor.

Camila estava assistindo televisão e de prontidão no celular na esperança de ter notícias de sua melhor amiga, Jéssica.

— Quem é? — perguntou a garota, estranhando alguém tocar a campainha de sua casa, pois era sábado e ela quase nunca recebia visitas.

— Polícia!

— Já estou indo. — A garota desligou a televisão, trocou de roupa, pois estava de pijama, e foi atender o portão.

— Senhorita Coimbra? — perguntou um dos policiais. Quando Camila abriu o portão, tinha uma viatura e dois policiais à sua porta.

— Sim, sou eu. — Camila estava assustada, mas não queria demonstrar.

— Peço que a senhora venha conosco até a delegacia. Precisamos que preste alguns esclarecimentos.

— Está bem. Só vou pegar minhas coisas e me arrumar para ir.

Os policiais a esperaram e após dez minutos, Camila estava pronta para ir à delegacia.

Enquanto Camila chegava à delegacia junto dos policiais, outros dois batiam na porta da casa de Josie.

— Pois não!? — Uma mulher de cabelos loiros e olhos castanhos atendeu, era Angelina. Ela usava um vestido roxo que ia até suas canelas e sapatos de salto alto; estava de saída.

— Gostaríamos de falar com a senhorita Josie Moura — respondeu um dos policiais.

— Posso saber o motivo? — perguntou a mulher, curiosa.

— É para prestar esclarecimentos.

— Sobre o quê?

— Isso é tudo o que podemos dizer para a senhora — disse o outro policial.

— Nós estamos de saída no momento, posso ir amanhã? — perguntou Josie ao aparecer na porta. Ela já não tinha mais cabelos rosa como antes, tinha deixado seus cabelos loiros naturais crescerem e estava muito parecida com a mãe, porém mais jovem.

— Pode, sim. — Os policiais entregaram uma intimação a ela e foram embora.

Antes de sair, Josie abriu o envelope em que estava a intimação e se espantou quando viu o assunto.

— Mãe... Estão me intimando a prestar esclarecimento acerca do assassinato ou desaparecimento de... — ela fez uma pequena pausa. — Jéssica Bernardes.

Os olhos de Angelina arregalaram.

— Vamos, Josie, já estamos atrasadas — disse ela, por fim, sem comentar sobre o assunto.

Algo a acrescentar

O delegado Mendes e o detetive Jonathan estavam na sala de interrogatório, junto com Camila.

— Você chegou a encontrar com Jéssica no dia de seu desaparecimento? — Jonathan, que estava em pé, puxou uma cadeira e sentou à mesa ao lado do delegado Mendes para interrogar Camila.

— Sim, ela foi à minha casa. Disse que estava indo para a casa de Danilo, mas estava um pouco triste com algumas coisas que haviam acontecido entre os dois.

— Mas você havia dito a Danilo que ela não havia passado em sua casa — questionou o delegado Mendes.

— Ela não queria que ele soubesse que passou lá.

— Por que não?

— Ela e Danilo haviam discutido por causa de Josie na segunda-feira. — A garota pegou um copo de água que estava na mesa e levou à boca.

— Mas não fazia algum tempo que Josie não aparecia entre eles? — perguntou o detetive, lembrando que Danilo havia dito que não via Josie há meses.

— Na verdade, fazia sim algum tempo que não a viam, mas ela voltou a tentar contato com Danilo e Jéssica havia visto os dois juntos.

— O que eles estavam fazendo?

— Estavam apenas conversando, mas Jéssica ficou com ciúmes e acabou discutindo com ele.

— E vocês chegaram a conversar sobre isso quando ela chegou à sua casa?

— Conversamos bastante e dei conselhos a ela para que conversasse com Danilo e resolvesse isso. Eu disse que ele a amava, pois até havia pedido sua mão em casamento. — O detetive a observava fixamente e ela continuou. — Depois que conversamos, Jéssica pediu um carro por aplicativo e disse que iria para o aniversário.

— Por que você não foi ao aniversário?

— Eu e Danilo conversamos, mas não somos muito próximos. Ele não me convidou.

— Você chegou a falar com ela após ela sair de sua casa?

— Eu mandei mensagem para ver se ela estava bem, mas como não respondeu, achei que havia chegado ao aniversário e estava com Danilo.

— Tudo bem, muito obrigado, Camila. Vou registrar seu depoimento e, se precisar, chamaremos você novamente, ok? — disse o delegado Mendes enquanto levantava-se de sua cadeira.

— Ok... Faço o que for preciso para saber o que realmente aconteceu à minha amiga.

— Faremos o que for preciso. — Jonathan abriu a porta para que Camila passasse.

Após Camila sair da sala de interrogatório, Mendes virou-se e aproximou-se do detetive para conversar:

— Você acha que ela pode ter algo a ver com isso? — perguntou o delegado.

— Acredito que não, ela está muito abalada para estar envolvida nisso. — O detetive fez uma pausa, dando um gole no copo d'água e continuou. — Quem é nossa próxima interrogada?

— Josie Moura...

Uma resposta errada, uma sentença...

No dia seguinte ao depoimento de Camila, Josie chegou à delegacia pela manhã.

— Senhorita Moura? — perguntou o delegado Mendes a ela.

— Sim, sou eu — respondeu a garota, que estava com um copo de café em sua mão.

— Me acompanhe, por favor.

Jonathan estava esperando por eles à frente da sala do delegado.

— Olá, senhorita Moura. Meu nome é Jonathan Prim e temos algumas perguntas a você acerca de Jéssica Bernardes. Poderia nos ajudar? — disse Jonathan enquanto abria a porta da sala para que pudessem passar para conversarem.

O delegado Mendes puxou a cadeira para que Josie se sentasse e sentou-se em uma cadeira ao lado de Jonathan, do outro lado da mesa.

— Senhorita Moura. Sabemos que você e Danilo tiveram algumas proximidades. Eram amigos? — começou o delegado Mendes.

— Éramos, sim. Estudamos na mesma sala e nos conhecemos no começo do ensino médio; éramos bem próximos.

— Eram? O que aconteceu?

— Problemas familiares... — Ela fez uma pausa. — Francisco traiu sua esposa com a minha mãe e, quando descobrimos, acabamos nos afastando.

O delegado, mesmo já tendo a informação, anotou em sua caderneta.

— E quando você recebeu essa notícia? Ficou abalada? — perguntou Jonathan.

— Quando recebi a notícia, eu e Danilo estávamos começando a ficar e fiquei um pouco abalada, pois o lance que estávamos tendo teve que acabar.

— E quando Danilo começou a namorar novamente, como você ficou?

— Eu fiquei muito triste e irritada, pois eu o amava muito, mas não podia ficar com ele.

— Irritada ao ponto de querer matar a pessoa com quem ele estava?

— Jesus! Não! Eu nunca faria algo assim. Por mais que eu não gostasse dela e nem da ideia de os dois estar juntos, eu nunca faria isso.

— Quando as pessoas estão com raiva, fazem coisas impensáveis, senhorita...

Josie ficou em silêncio.

— Nós temos a informação de que foi encontrar com Danilo há alguns dias; vocês não haviam perdido o contato? — o delegado continuou o questionamento.

— Nós tínhamos... Na verdade, eu só havia perdido contato com Danilo. Quando

eu soube que poderia ser filha de Francisco, quis fazer exames de D.N.A. para comprovar que eu realmente fosse sua filha. Mas quando os exames saíram, descobrimos que eu não era e fui contar para Danilo.

— Mas se vocês haviam feito os exames há dois anos, por que foi falar com ele só agora?

— Eu não disse que fizemos os exames há dois anos. Francisco não queria fazer os exames de D.N.A. e tive que recorrer a um advogado, mas este demorou muito para conseguir que Francisco fosse convocado até lá. Os resultados saíram há pouco mais de um mês.

— E por que não contou para Danilo que estava querendo fazer os exames?

— Eu não queria envolvê-lo nisso.

— Mas envolveu depois?

— Eu só contei para ele, pois ele e Jéssica estavam em um momento de alguns conflitos; os dois estavam discutindo bastante, então achei que poderíamos ter alguma chance de retomar o que tínhamos!

— E o que ele disse? Atendeu as suas esperanças?

— Não... Ele disse que mesmo que ele e Jéssica estavam discutindo, os dois se amavam muito e eles estavam pensando em se casar.

— Um ótimo motivo para querer matar alguém, não? — o detetive Jonathan se intrometeu, questionando a jovem.

— Mas eu não fiz... — A fala de Josie foi interrompida por um guarda entrando na sala chamando o delegado Mendes.

— Delegado, telefone para o senhor... — disse o policial. — Acharam algo.

— Fiquem aí que eu já volto — disse Márcio a Jonathan antes de sair da sala.

O delegado foi ao telefone.

— *Delegado Mendes falando.*

— *Delegado... Aqui é o policial Marcos, estou com uma patrulha próximo ao rio Atibaia e achamos algo que parece ser um coração em decomposição. Estamos chamando os legistas para inspecionar a área, mas recomendo que o senhor venha até aqui.*

— Certo. Estou indo praí.

O delegado Mendes voltou à sala em que Josie estava sendo interrogada.

— Tenho mais algumas perguntas para você — disse o delegado. — Onde você estava na noite do assassinato?

— Eu estava próxima ao rio Atibaia, gosto de correr à noite por lá — respondeu ela, notando uma certa inquietação na delegacia e sem entender o que estava acontecendo.

— Lugar estranho para correr à noite, não acha? Pouca iluminação dá muita margem para assaltantes e tarados. — Jonathan puxou um copo de água para perto e

perguntou a Josie, olhando fixamente em seus olhos.

A garota começou a se enrolar para falar e estremeceu.

— Eu quero meu advogado — disse ela, por fim.

— Josie Moura, você ficará sob custódia com a suspeita pelo assassinato de Jéssica Bernardes — disse o delegado.

PARTE II

Um vínculo com uma paciente

— *Doutor Cláudio Silveira, favor comparecer à sala de emergência 2* — chamava uma voz pelo PABX do hospital.

Doutor Cláudio era um homem alto, um metro e oitenta de altura, com cabelos pretos e olhos castanhos. Ele era um cirurgião que acompanhava a melhora de seus pacientes e estava de plantão naquela noite, saindo de um quarto de um senhor de setenta anos que havia feito uma cirurgia há dois dias.

Cláudio apressou-se para a sala de emergência e para sua surpresa era uma de suas pacientes mais recentes, Rebeca Barose.

— O que aconteceu com ela? — perguntou o médico, vendo que já parecia estabilizada.

— Ela chegou inconsciente e com parada cardiorrespiratória. Realizamos todos os procedimentos e a estabilizamos, porém, como a oxigenação está baixa, a colocamos no oxigênio de dois litros — disse uma das socorristas.

— E o coração?

— Os batimentos estão com ritmo um pouco acelerado por causa da oxigenação baixa, mas não passa de noventa batimentos por minuto.

— Tudo bem. Eu quero que a observem e caso ocorra algo, me chamem. Ela é minha paciente há alguns meses e farei alguns pedidos de exames... — Cláudio fez uma pausa. — Caso o quadro não melhore e os batimentos não diminuam, aumente o oxigênio para três litros...

As enfermeiras apenas concordaram com a cabeça.

— Ela veio com familiares?

— Veio sim. O marido e o filho estão na sala de espera.

Cláudio saiu da sala e foi ao encontro deles. Ao chegar à sala de espera, Cláudio se deparou com a aflição e ansiedade de Danilo, indo de um lado a outro da sala, esperando por informações.

— Senhor Barose!? — Chamou Cláudio.

— Doutor? Ela está bem? — perguntou Francisco.

— Está sim, mas ficará em observação na sala de emergência. Preciso fazer alguns exames.

— Por quanto tempo ela ficará aqui? — perguntou Danilo, entrando na conversa.

— Ainda não posso dizer, mas recomendo que vão para a casa e assim que ela apresentar melhora, te ligaremos.

— Não vamos para casa. Esperaremos ela aqui — disse Danilo, aproximando-se do pai.

— Tudo bem, mas como farei alguns exames, pode ser que demore um pouco.

— Não tem problema... Nós esperamos aqui — respondeu Francisco.

O doutor assentiu com a cabeça e foi para sua sala preparar o pedido dos exames.

Dr. Cláudio, ao entrar em sua sala, respirou fundo e, por um instante, se perdeu em pensamentos. Ele era formado em medicina e especializado em cirurgias há algum tempo, mas também era um médico muito conectado a todos os seus pacientes. Ele sabia que não podia, que deveria ser frio para conseguir fazer as coisas que necessitava de frieza, pois se não agisse assim poderia colocar a vida do paciente em alguns riscos, ainda mais um cirurgião. Mas Cláudio pensava diferente, acreditava que quanto mais conectado estivesse com o paciente, melhor saberia a dor dele e poderia atendê-lo melhor. Nas questões de decisões difíceis, como em algumas cirurgias que havia cinquenta por cento de chance de dar certo e cinquenta por cento de dar errado, ele era otimista e confiava no seu trabalho.

O caso de Rebeca, para ele, era diferente. Ela era a paciente com quem ele mais se conectou, mas não porque ele gostava dela acima dos outros ou algo do tipo, e sim porque ela estava com a mesma doença de sua mulher, a qual Cláudio amava muito.

O médico estava prescrevendo alguns exames para fazer na paciente quando foi interrompido:

— *Doutor Cláudio Silveira, favor comparecer à sala de emergência 2* — novamente o PABX chamava-o. Rebeca deveria estar passando mal.

Cláudio saiu de sua sala e foi imediatamente para a sala de emergência. Chegando lá, os enfermeiros estavam tentando bombear ar para o pulmão de Rebeca, mas o doutor sabia que era tarde demais. Seus pulsos estavam diminuindo e nada da paciente voltar, a doença havia atingido seus pulmões e o órgão havia entrado em falência. De repente, o coração de Rebeca parou de pulsar. Com os médicos tentando fazer a paciente voltar à vida, quinze minutos depois, Cláudio olhou no relógio.

— Hora da morte, catorze e trinta — disse ele, com pesar no coração.

Conhecendo um novo amor

Alguns meses antes da morte de Rebeca...

Fazia algumas semanas que Danilo e Jéssica estavam saindo. Depois que o garoto foi pedir desculpas, os dois se conheceram melhor e começaram a se gostar e ficavam juntos quase todos os dias. Mesmo que Danilo já tivesse apresentado Jéssica para seus pais, os dois ainda não haviam oficializado que estavam namorando, diziam que eram apenas amigos.

— Nossa, esses bêbados me deixam estressada — disse a garota a Danilo após sair do serviço, por volta das onze horas da noite.

— O que eles têm feito para te deixar assim? — perguntou Danilo ao abraçá-la.

— Eles são escrotos. Achem que podem tratar mulher de qualquer jeito. Ficam me assediando.

— Você já conversou com o seu tio sobre isso?

— Já, mas ele não liga. Quanto mais bêbados estiverem no bar, mais bebidas serão vendidas e para ele é o lucro que importa. — Ela fez uma pausa. — Sabe, quando eu entrei na faculdade de moda, acreditei que as coisas melhorariam e conseguiria sair dali logo para exercer a função que amo, mas não saiu como o planejado.

Danilo sabia que Jéssica queria trabalhar com moda. Quando se conheceram, a garota lhe contou que, desde quando era apenas uma menina, queria ser modelo. Ela havia entrado em uma faculdade de moda, mas já estava indo para o terceiro semestre e via que não era nada do que ela imaginava. A faculdade que ela estava fazendo falava muito sobre a teoria da moda, mas não lhes ensinava muitas coisas sobre a prática.

— Eu posso ver se consigo um trabalho para você — disse o garoto, pegando-a no colo e a beijando no meio do estacionamento em que estava estacionado seu carro.

— Sério? Como? — perguntou a garota, respondendo seu beijo com um sorriso no rosto que ia de orelha a orelha.

— Sei lá... Eu posso falar com meu pai. Ele tem alguns contatos nesse meio da moda — o garoto respondeu, colocando-a no chão logo em seguida para abrir a porta do carro.

— Obrigada, lindo! — Os olhos de Jéssica chegaram a brilhar quando Danilo tocou no assunto. Antes de saírem do estacionamento, a garota lhe deu um beijo novamente, agora em seu rosto. Ela estava muito feliz por ter alguma chance de virar modelo.

O passado retorna

Algumas semanas após a morte de Rebeca...

Josie estava sentada e mexendo em seu computador, em seu quarto; na sua mão havia um envelope e na sua escrivaninha, ao lado do monitor de seu computador, havia uma carta de um laboratório de exames sanguíneos em que estava escrito o resultado de um teste de D.N.A.

Josie havia lido o relatório e estava com um sorriso em seu rosto. O teste, que deu tanto trabalho para conseguir, mostrava algo que a garota queria há algum tempo. Ela não era filha de Francisco Barose e, consequentemente, não era irmã de Danilo, seu amado.

A garota navegava sem rumo na internet, entrava nas redes sociais e as fechava. Não sabia ao certo o que procurar, estava ansiosa e feliz com o resultado. Essa felicidade trazia lembranças de quando tudo começou...

Algum tempo depois que Josie descobriu que era filha de Francisco a garota foi até ele para pedir exames de D.N.A.

— Eu não vou fazer exame de D.N.A. nenhum — disse Francisco, estressado.

— Mas você não quer comprovar que sou sua filha? — perguntou a garota.

— Não! Eu já dei dinheiro suficiente para a sua mãe. Ser seu pai ou não, não faz diferença alguma!

— Mas eu quero saber se sou realmente sua filha. Minha mãe pode ter se confundido. Ela pode ter ficado com outra pessoa e acreditava que era seu o bebê.

— Sua mãe não é de se confundir. E mesmo que fosse, você já é quase maior de idade. Não fará diferença. Além do mais, isso acabaria com a minha família. Rebeca jamais me perdoaria por tê-la traído.

Josie começou a chorar; em seu coração havia uma mistura de sentimentos. Ela queria fazer o exame de D.N.A. porque se desse negativo para a paternidade, significaria que ela e Danilo poderiam ficar juntos e caso realmente fosse seu pai, ela teria a chance de ter um pai que nunca teve, mas estava claro que ele não queria o mesmo.

— Que bobeira minha pensar que você fizesse o teste de D.N.A. agora — disse ela, chorando. — Você nunca quis estar presente na minha vida, não é agora que iria querer. — A garota encarava Francisco enquanto este permanecia em silêncio.

— Pois bem. Você já teve sua resposta. Agora, saia da minha casa! — exclamou Francisco expulsando-a.

— Eu vou, mas você fará esse exame de D.N.A. por bem ou por mal — a garota o ameaçou, antes de sair da casa de Francisco, batendo a porta.

Josie, chegando em sua casa, conversou com sua mãe, que não gostou nada da ideia de ela ter ameaçado Francisco.

— Minha filha, Francisco tem muitos contatos. Ele pode acabar com a sua vida se

ficar ameaçando-o — dizia sua mãe.

— Mas mãe, eu preciso descobrir a verdade.

— Você já tem a verdade, Josie! Francisco é seu pai! — A mãe dela havia ficado nervosa com a desconfiança que a menina tinha dela.

— Se isso é verdade, então deixem-me fazer o teste de D.N.A. para comprovar. — A garota chorava de nervosismo. — Eu preciso comprovar!

— Por que você quer comprovar algo, minha filha?

— Para saber que ter me afastado da pessoa que eu amo por causa disso foi por algum propósito! — A garota desabou a chorar.

— Calma, filha. Está tudo bem — disse Angelina ao se aproximar de sua filha. — Eu a apoio. Ligue para o nosso advogado e peça esse exame, mas tome muito cuidado com essa família. Eles são bem poderosos e têm muita influência.

No outro dia, Josie pegou seu telefone e ligou para o advogado de sua mãe, Celso, para pedir ajuda. Além de Celso conhecer a família de Josie há anos, também era um grande defensor de o pai ter obrigação de registrar o filho, afinal, muitos deles reclamavam de aborto, brandindo que teria que deixar a criança viver, mas quando suas parceiras ficavam grávidas, as abandonavam. Como era o caso de Francisco. Católico de nascença, que ia em todas as missas de domingo, mas não estava ligando para a garota, mesmo acreditando que era sua filha. Para Celso, com exceção a estupro e má formação, deveriam criminalizar o aborto em ambos os sentidos, tanto o aborto da mãe quanto o abandono paterno do pai, pois, mesmo que o abandono paterno seja criminalizado no país, Celso sabia que a justiça não dava a mínima importância para tais coisas e, caso a mãe não tivesse dinheiro para um bom advogado, poderia demorar muitos anos para conseguir alguma coisa. Então, caso Francisco não comparecesse ao exame, o advogado aceitaria o caso de Josie.

Mesmo que Francisco tivesse dito a Josie que não compareceria para a realização do exame de D.N.A., a garota, bem lá no fundo, ainda tinha uma gota de esperança de Francisco comparecer, mas quando ela marcou e foi fazer o exame, junto de sua mãe, Francisco não apareceu para a realização e, naquele momento. Josie soube que a única forma de Francisco comparecer, seria judicialmente, isso se ele não tentasse comprar algum Juiz para que não precisasse comparecer, o que, conhecendo-o desde que era uma criança, Josie sabia que poderia acontecer.

Francisco ainda não sabia, mas não ter comparecido àquele exame foi a pior coisa que ele poderia ter feito, pois, acreditando que protegeria sua mulher de saber a verdade e, conseqüentemente, seu casamento, ele abriu brecha para que Josie entrasse em processo judicial contra a sua pessoa e, em poucos dias, chegou à sua casa uma intimação para comparecer ao laboratório para que fosse feito o exame de D.N.A.

Francisco estava tomando café da manhã, em casa, com sua esposa, quando a campainha tocou e a empregada foi até a porta atender.

— Pois não? — perguntou dona Maria ao atender a porta.

Uma mulher estava à frente dela, parada. Tinha cabelos castanhos compridos e

usava roupa social, seus olhos estavam tapados por um óculos de sol com lentes redondas e seu rosto aparentava ser de poucos amigos. Claramente ela parecia ser uma policial ou de algum outro poder judiciário. Dona Maria assustou-se ao vê-la na porta da casa de seus patrões, mas não ficou surpresa, afinal, Francisco era um homem muito poderoso financeiramente e tinha muitos amigos e, ela tinha visto na televisão, uma operação que estava prendendo muitos políticos e empresários corruptos. Com tantos amigos poderosos, não se surpreenderia se seu patrão fosse um deles.

— Francisco Barose se encontra? — perguntou a mulher.

A empregada analisou a mulher de cima abaixo e, com o seu jeito de falar, constatou que, definitivamente, ela era de algum poder judiciário e se preparou para livrar Francisco de uma possível prisão ou investigação. Quando ia dizer que seu patrão não estava em casa no momento, foi surpreendida.

— Dona Maria, está tudo bem aí? — perguntou Francisco, dando um pequeno grito da mesa para que ela escutasse, afinal, a cozinha ficava um pouco distante da porta de entrada da casa.

— Está sim. Vou chamá-lo. — Dona Maria sorriu, meio sem graça, pois se envergonhou do que iria fazer para proteger seu patrão, quando viu que a mulher reparou que ela estava prestes a mentir.

Ela disse para a mulher esperar alguns minutos e foi até a cozinha avisar para Francisco que havia alguém querendo falar com ele. Francisco estranhou, afinal, ninguém que ele conhecia o chamaria naquele horário e achou mais estranho quando reparou que dona Maria estava um pouco pálida quando foi chamá-lo. Parecia que ela tinha visto um fantasma.

Rebeca ficou um tempo sentada à mesa até que, ansiosa, foi espiar por um vão, que não a deixava visível, o que estavam conversando.

— Pois não? — atendeu Francisco.

— Francisco Barose. Eu tenho em minhas mãos um intimação para comparecer a um teste de D.N.A. para o reconhecimento de paternidade de Josie Moura — disse a mulher, entregando-lhe a intimação judicial.

Rebeca iria dar um grito de susto se não tivesse se contido tapando a boca com suas próprias mãos. A mulher não queria que seu marido soubesse que ela estava lá para escutar, mas foi tarde demais. Quando Rebeca saía do vão para voltar à mesa, Francisco fechou a porta e a viu.

— Há quanto tempo você estava aí? — perguntou ele.

— O suficiente — respondeu Rebeca, claramente chateada.

— Olha. Não é o que está pensando. — Ele sabia que havia estragado o dia deles.

— Como não é o que parece? Eu escutei e você está com uma intimação em suas mãos.

— Amor... — Francisco tentou aproximar-se de Rebeca, mas ela se afastou.

— Quem é ela? — perguntou Rebeca, levantando sua voz.

Francisco permaneceu calado.

— Me diz! Quem é ela? — insistiu.

Francisco abaixou a cabeça e tentou se aproximar novamente para abraçá-la, mas Rebeca o empurrou. Vendo que não tinha alternativa, respondeu:

— Josie Moura. — Na hora que a oficial de justiça estava conversando com Francisco, Rebeca tentou escutar, mas na hora que falou o nome da garota, não pôde ouvir muito bem.

— A filha da Angelina? — Rebeca sabia quem era Angelina. Sabia que ela era mãe da amiga de seu filho e, mesmo chamando para festas e almoços em sua casa, nunca entendeu o porquê de ela não aceitar. Agora tudo fazia sentido.

Francisco confirmou com a cabeça.

— Nós sempre fomos muito felizes, como pôde me trair? — Rebeca começou a chorar.

Francisco tentou se aproximar pela terceira vez, mas em vão. Rebeca não queria papo com ele e foi para seu quarto, um lugar que ela poderia pensar e chorar em paz.

Ele ficou parado, pensando no que havia acontecido. Há muitos anos que ele já não pensava em Angelina e acreditava que o dinheiro que ele havia dado para que ela abafasse aquela história tivesse resolvido tudo, mas parecia que o passado estava voltando para lhe atormentar e, infelizmente, ele tinha magoado a pessoa que ele mais amava na vida, justo quando ela mais precisava. Sabendo que não conseguiria resolver nada naquele momento, pegou a chave de seu carro e foi para uma reunião, que estava marcada para dali a uma hora. No caminho, tentou acalmar seus sentimentos, mas não parava de pensar em Rebeca e em como ele a tinha magoado.

Danilo não estava em casa quando a briga aconteceu. O garoto havia dormido fora com Jéssica e, quando chegou em casa, percebeu que sua mãe não estava nem na sala e nem no seu lugar preferido, a cozinha.

— Dona Maria, está tudo bem? — perguntou Danilo ao ver a empregada subindo as escadas e indo em direção do quarto de seus pais.

— Não está, Danilo. Sua mãe está muito triste — respondeu ela.

— Mas o que aconteceu para que ela ficasse triste? — O garoto estava curioso e preocupado com sua mãe.

— Você acredita que seu pai tem outra filha? Fora do casamento! — Dona Maria estava abismada, afinal, ela era de uma religião muito rígida que considerava o adultério o maior pecado de todos.

— Sério!? — Danilo fez uma pergunta retórica, fingindo surpresa, ao saber da notícia.

— Você já sabia, não é? Você não consegue mentir, querido. — Disse dona Maria que o tratava como um filho.

Danilo confirmou e abaixou a cabeça, envergonhado.

— Sobe lá. Sua mãe está precisando de você — disse ela.

— Mas o que eu vou falar a ela se eu já sabia? Ela ficará triste comigo.

— Ela não ficará triste com você. Ele é seu pai, o que você poderia fazer?

— Mas eu não contei a ela.

— Sinceramente? Eu não achei uma boa ideia ela ter escutado, afinal, ela já está passando por muita coisa — disse dona Maria, referindo-se à doença que Angelina tinha.

— Escutado? Escutado o quê? — perguntou o garoto.

— Que a garota... Essa tal de Josie, pediu para fazer um teste de D.N.A. para reconhecimento de paternidade.

Danilo ficou parado na frente de dona Maria, perdido em pensamentos, então, ela continuou:

— Mas por que agora ela quer reconhecimento de paternidade? Deve estar querendo o dinheiro do seu pai. — A empregada ousou falar mal de Josie perto de Danilo, mas ele relevou, afinal, dona Maria não a conhecia e também não sabia que Danilo já tivera um caso com ela.

— Ela deve ter seus motivos. Não acho que seja por causa de dinheiro — disse o garoto, tentando se desvencilhar da conversa de dona Maria e ver como sua mãe estava.

— Não sei não, hein? — disse a empregada, quando Danilo já estava quase no final da escada, subindo para o quarto de sua mãe.

O garoto chegou até a porta e bateu três vezes de leve, para conferir se sua mãe estava bem.

— Quem é? — perguntou ela. Pela sua voz, dava para perceber que ela já havia parado de chorar, mas ainda estava com a voz um pouco manhosa.

— Oi, mãe, sou eu. Está tudo bem? — respondeu o garoto, parado à porta, esperando que ela a abrisse.

Rebeca levantou-se da cama e foi até a porta para que seu filho entrasse.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Não, mas vou melhorar — disse ela, fazendo uma pausa antes de continuar. — Você sabia? — perguntou.

Danilo sentiu vergonha de ter escondido aquele fato de sua mãe todo aquele tempo e conseguiu apenas abaixar a cabeça, mostrando que sim, ele sabia o que tinha acontecido. Quando Rebeca soube que ele sabia, sua feição mudou e aparentava estar decepcionada com ele.

— Mãe... O papai disse para eu não contar nada para você, pois ele não queria que você brigasse com ele por causa disso e logo depois que eu soube você ficou... — Danilo hesitou ao continuar sua frase.

— Fiquei o quê? Doente? — perguntou ela.

— É... — A cada fala, Danilo percebia que estava estragando ainda mais as coisas. — Mas mãe, eu te amo muito.

Rebeca encarou seu filho por alguns segundos e logo em seguida disse que também o amava muito. Ela sabia que Danilo havia escondido a verdade, pois queria o seu bem e, mesmo que ela estivesse muito chateada com o filho, o perdoou.

— Tudo bem, filho. Eu entendo — disse ela. — Entra. — Ela abriu a porta do quarto e Danilo entrou para que os dois conversassem sobre o que havia ocorrido.

Naquele dia, Danilo e Rebeca passaram o dia inteiro no quarto tendo um dia de mãe e filho. Os dois conversaram sobre diversas coisas. Ela contou a ele sobre coisas que havia feito quando tinha a mesma idade que a dele e ele lhe contou sobre Jéssica e o quanto achava que estava apaixonado por ela, mas, mesmo falando de seus relacionamentos amorosos com sua mãe, Danilo não tocou no nome de Josie. Se a mãe dele soubesse do que havia acontecido entre os dois, teria ficado ainda mais chateada com tudo que estava acontecendo.

Por volta das nove horas da noite, Francisco chegou à sua casa. Sabendo que não tinha saído em um clima agradável, foi até seu quarto conversar com sua esposa, para ver se ela havia melhorado. Quando ele abriu a porta, viu Danilo e Rebeca cochilando, abraçados e em seu coração veio um arrependimento imenso do que havia feito.

— Pai? É você? — perguntou Danilo quando Francisco acendeu a luz.

— Oi, filho. Sou eu — respondeu. — Sua mãe está melhor? — perguntou ele, visivelmente preocupado.

— Ela está dormindo, mas está muito chateada com o senhor. É melhor você dormir em outro canto hoje — disse Danilo ao sentar-se na cama para conversar com o seu pai.

— Está bem, eu irei me deitar em um outro quarto. — Francisco foi até seu guarda-roupa pegar um lençol e um travesseiro e, quando abriu a porta, acabou fazendo um pequeno barulho que acordou Rebeca.

— Eu quero que você vá embora — disse ela, ao levantar-se da cama, após alguns segundos.

— Querida, me desculpe — ele implorou pelo seu perdão.

— Vá embora, agora! — esbravejou a mulher. Ela ainda parecia muito zangada com seu marido.

— Eu não vou embora. A casa é minha também — disse Francisco um pouco estressado.

Danilo levantou-se da cama e tentou apaziguar a brigar e amenizar o clima tenso que havia se formado no local.

— Pai. Dorme em algum hotel hoje, por favor — disse Danilo ao tocar no ombro de seu pai. — Amanhã vocês conversam.

Francisco viu o quão ele havia errado com Rebeca e aceitou a condição de seu filho. Ele fez uma pequena mala de roupas, pegou o carro e foi se hospedar no hotel mais

próximo, sem saber quanto tempo ele ficaria hospedado por lá.

No dia seguinte, Francisco tentou contato com sua esposa para voltar para a sua casa novamente, mas sem sucesso. Ela não o queria lá e o único que estava conversando com ele era Danilo. Os dois se viam todos os dias e o garoto falava para seu pai como andava a saúde de Rebeca; perguntava se o filho a estava levando nas consultas e quimioterapias e se o coração dela havia amolecido para perdôá-lo e aceitá-lo de volta, mas essa segunda pergunta não tinha a resposta desejada por Francisco.

Devido a tudo que havia acontecido no dia em que Francisco saiu de casa, Danilo não havia conseguido pedir a seu pai para que ajudasse Jéssica conseguir um emprego na área de moda, mas, alguns dias depois, ele conseguiu a oportunidade de pedi-lo e seu pai disse que a ajudaria. No mesmo dia, Francisco disse a Danilo que, no dia seguinte, faria o exame de D.N.A. que Josie tanto estava pedindo e o garoto achou uma ótima ideia, afinal, encerraria esse assunto e Francisco poderia focar novamente em pedir desculpas para sua esposa e se explicar.

Josie estava ansiosa. Finalmente faria o teste de D.N.A. que tanto queria e, finalmente, Francisco havia dito que compareceria. Ela sabia que não era de boa vontade, afinal, ele havia sido intimado e arrumaria uma encrenca com a justiça, caso não comparecesse. Mesmo assim, ela havia se surpreendido quando o viu chegando ao laboratório. Eles colheram o D.N.A. para fazer o exame e, alguns dias depois, Josie e Francisco foram chamados novamente, dessa vez para ver o resultado, na presença de uma mediadora.

A mediadora sentou-se em uma das cadeiras, pegou o envelope e o abriu. Josie e Francisco sentavam um de frente com o outro, não queriam contato. Os dois estavam tensos com o que iria sair do envelope.

— Francisco Barose é excluído de ser o pai biológico de Josie Moura — disse a mediadora. A resposta chocou os dois, pois desde o início, Angelina falava para Francisco que Josie era sua filha e ele havia lhe dado muito dinheiro para que ela não falasse a ninguém quem era o pai da garota. E para Josie, sua mãe lhe dissera que não havia tido caso com nenhum outro homem, quando a garota questionou.

Ela acreditou que Francisco a olharia nos olhos com um olhar de vencedor, mas ele mesmo estava assustado com o resultado, acreditava que seria totalmente diferente e, Josie reparou, Francisco parecia não estar bem.

Josie voltou de seus pensamentos, que estavam longe, com tudo aquilo que havia acontecido. Resolveu desligar o computador, pegar o envelope e ir mostrar para o garoto que amava, Danilo Barose.

O coração dos rios

Jonathan e o delegado Márcio já haviam chegado ao local que os policiais encontraram um órgão em um saco de lixo preto e o delegado estava conversando com eles sobre o ocorrido quando o detetive começou a olha ao redor e procurar por alguma pista que ligasse o órgão à alguma pessoa. Pois, mesmo que Josie estivesse no local no momento, a garota dizia que não havia matado ninguém e ele a havia analisado e não acreditava que ela era uma assassina.

Jonathan andou por uns quinze metros de onde haviam achado o coração ensacado quando viu uma pegada que poderia levar ao assassino ou a quem tivesse feito aquilo.

— Delegado. Olha só isso — o detetive chamou Mendes até o local.

— É uma pegada... Parece ser de tênis e muito pequena para ser masculina — disse o delegado, olhando para Jonathan confirmando que poderia ser de Josie. O detetive aquiesceu. — Vou chamar os peritos. — Mendes foi até os peritos e avisou o que Jonathan havia descoberto.

O perito chegou no local e analisou bem antes de tirar uma foto e avisar o delegado que iria levar para a análise, que estaria pronta em cerca de algumas horas.

— Tem alguma novidade sobre o coração achado no local? — perguntou o delegado ao perito.

— Ainda não. Temos que analisar bem para ver se o órgão é humano ou animal — respondeu o perito.

— Animal? — O delegado ficou em dúvida.

— Sim. Órgãos de bois, como fígado e coração, se confundem muito com os mesmos órgãos humanos.

— Entendi. Tudo bem, então. Muito obrigado pelo seu trabalho — agradeceu o delegado.

O perito saiu de perto deles e o delegado voltou a conversar com o detetive Jonathan.

— Você acha que a garota pode ter algo a ver com isso? — perguntou o delegado ao detetive.

— Ela disse que esteve aqui no dia do assassinato, mas ela não parece ser uma assassina — respondeu o detetive.

— Assassinos não têm rosto e nem idade, meu caro Jonathan.

— É, eu sei, mas vamos esperar para ver...

O delegado concordou com a cabeça e voltou para conversar com os peritos. Jonathan voltou a procurar por pistas. Ele seguiu uma pequena trilha que levava a um lugar asfaltado, um pouco longe do local, mas que também apresentava pegadas parecidas. O detetive deduziu que a pessoa que esteve no local poderia ter desviado caminho pela

pequena grama úmida que havia envolta e algumas vezes teve que passar pela terra, sem saber que estava deixando as pegadas. Claramente, não sabia que estava deixando pistas. *Como essa pessoa pode ser uma assassina?* Perguntou o delegado a si mesmo. Geralmente, criminosos planejam todo o crime para deixar o mínimo de pistas possíveis ou nenhuma pista, mas, se aquela pegada fosse realmente do criminoso, era um amador que deve ter cometido o crime por medo ou estava com muita pressa.

Jonathan olhou para o asfalto onde a pista terminava e reparou que muita poeira ia parar lá. Ele ficou curioso, achou que poderia haver alguma outra pista por lá; os carros passavam em cima da poeira e podiam deixar rastros, mas, quando Jonathan foi investigar, Márcio o chamou e eles foram embora sem verificar o local.

Algumas horas após chegarem na delegacia, o delegado Mendes recebeu um telefonema dos peritos.

— *Delegado Mendes!? Aqui é o doutor Alberto Ferraz, do departamento da polícia técnica* — disse a voz do outro lado da linha.

— Pode falar — respondeu o delegado.

— *Nós já temos um parecer sobre o tamanho da pegada que achamos no local.*

— E então...?

— *A pegada é de numeração trinta e cinco. Possivelmente de uma mulher* — o perito confirmou o que Márcio desconfiava.

— Certo. E alguma novidade sobre o coração encontrado? Já sabem se é humano? — perguntou o delegado.

— *Ainda não, mas estamos trabalhando com isso. Em breve entraremos em contato.*

— *Tudo bem, muito obrigado, doutor Ferraz.*

O delegado desligou o telefone.

— Saiu o resultado da análise da pegada que estava no local — disse Márcio ao olhar para Jonathan.

— E então? — perguntou o detetive.

— Teremos que bater mais um papo com a senhorita Moura — respondeu Márcio, fazendo algumas anotações em um papel e saindo da sala.

Jonathan o acompanhou até a sala em que Josie estava.

— Senhorita Moura? — chamou o delegado ao ver que a garota estava deitada na cadeira, dormindo.

A garota acordou e reparou que o delegado e o detetive estavam sentados à sua frente.

— Senhorita Moura. Podemos continuar nossa conversa? — perguntou o detetive.

— Não até meu advogado chegar. Aliás, eu preciso ligar para ele — disse ela, nervosa.

— Certo. Jonathan, acompanhe-a até o telefone, por favor — disse o delegado.

O detetive a acompanhou até o telefone e Josie fez duas ligações, uma para seu advogado e outra para a sua mãe. Jonathan ficou observando-a e não sabia como uma garota tão jovem, com tanto futuro pela frente poderia estar envolvida com aquilo, mas, até agora, tudo indicava que ela cometera tal crime.

— O que você está escondendo? Por que precisa de um advogado? — questionou ele.

Josie não respondeu.

— Foi você que cometeu aquele crime? — perguntou ele.

— Eu não cometi crime nenhum — esbravejou ela.

— Então por que você precisa de um advogado?

Ela deu de ombros e Jonathan novamente não obteve resposta. Ele resolveu que deveriam voltar à sala e não insistiu mais em obter alguma resposta da garota.

Não demorou muito para que o doutor Roberto Brandão, advogado de Josie, chegasse ao local, acompanhado da mãe dela, que protestou ao não poder entrar na sala de interrogatório, mas se acalmou após uma pequena conversa com o advogado.

— É inaceitável você manter minha cliente aqui — disse o advogado para o delegado. Estavam apenas os três na sala. Jonathan não pôde ficar, afinal, ele era apenas um ajudante de Márcio e não um funcionário da polícia. Ele nem deveria estar ali, segundo a legislação. — Não há pista alguma que leve a ela!! — continuou o advogado. Mendes sabia que mantê-la sob custódia, sem ter sido presa em flagrante e sem provas contra ela, ia ao desencontro da lei, mas sua intuição dizia que ela tinha alguma coisa a ver com aquilo.

— Tudo bem. Só precisarei fazer mais algumas perguntas e já estará liberada — respondeu o delegado, tentando ser paciente, afinal, não era o primeiro advogado chato que ele encarava.

— Não fará mais pergunta alguma! — esbravejou o advogado. — E ela já está liberada, afinal, nem era para ela estar aqui!! E eu o denunciarei para a corregedoria, delegado. — O advogado pediu para Josie se levantar da cadeira e os dois saíram da sala, deixando Mendes sentado em sua cadeira, sem saber o que dizer.

Após o advogado e Josie saírem da delegacia, o delegado Mendes deu um soco na mesa que fez com que suas anotações, que estavam em cima, caíssem no chão. Ele agachou para recolhê-las e, após guardá-las, saiu da sala.

— Está tudo bem? — perguntou Jonathan, que estava ao lado de fora.

— Perdemos a garota. — Foi a única coisa que Márcio conseguiu dizer naquele momento. O detetive Jonathan sabia que isso iria acabar acontecendo, pois, mesmo não trabalhando na polícia, conhecia bastante sobre as leis de liberdade individual e claramente o que eles haviam feito ia contra isso. O máximo que deveriam ter feito era ouvir o depoimento dela e liberá-la e, caso as provas levassem a ela, prendê-la como suspeita.

Márcio ficou fora da delegacia, tomando um ar por alguns minutos e Jonathan, ao perceber que ele não estava bem, foi tentar acalmá-lo.

Um passo em falso, uma incriminação

Já era quase noite quando o telefone de Márcio, que já estava calmo, tocou. Era uma outra patrulha. Ele atendeu.

— Delegado Márcio Mendes. Alguma notícia?

— *Delegado. Nós estávamos fazendo ronda procurando por algo quando achamos um estacionamento abandonado próximo à Villa Madalena. Decidimos fazer uma patrulha lá por dentro e achamos um corpo.*

O coração do delegado Mendes acelerou. Era triste achar um corpo devido a tudo que a pessoa deve ter vivido, mas para o delegado isso era um começo, poderia ter algo com a investigação, ainda mais no mesmo distrito, e finalmente poderiam dar mais um passo para prender o assassino, se é que já tinham dado algum.

— *Me passe o endereço. Falarei com a perícia e logo estarei aí.*

O policial, que estava ao telefone, passou o endereço para o delegado. Ele chamou Jonathan e explicou o que falaram para ele e, logo após avisarem a perícia de que tinham achado um corpo, foram para lá.

Enquanto estavam indo para o local, Jonathan não tirava da cabeça sobre outro local que haviam visitado; acreditava que lá poderiam haver mais alguma pista que podia levar a quem cometeu tal crime. Mas ele também acreditava que tal pista poderia ser a marca de uma roda e isso o fazia pensar em desistir, afinal, se tivesse ficado, no asfalto, alguma marca de pneu por causa da poeira, com certeza já não estava mais lá; ventava muito naquele final de semana e o vento deveria ter dissipado a poeira do local. Mesmo assim, algo em Jonathan dizia a ele que lá poderia haver algo.

— Se alguém levou o coração ensacado para lá, deve ter ido em algum veículo — disse ele, dentro do carro, pensando em voz alta.

— O quê? — perguntou Márcio, ao entender apenas partes do que o detetive havia dito.

— Hoje à tarde. É impossível a pegada ter desaparecido naquele lugar. A pessoa deveria estar dirigindo algum veículo — disse ele. — E essa pessoa era uma amadora, deve ter deixado alguma outra pista naquele lugar, que podemos seguir — raciocinou.

— Quer que eu o deixe lá? — perguntou o delegado.

— Pode ser. Você vai até o corpo e eu procurarei por algo lá.

— Mas é noite. Como você vai achar algo? — questionou o delegado.

— Eu levo alguma lanterna... E tenho olhos de águia — disse ele, rindo.

O delegado achou que não era momento para piada e a achou sem graça, mas relevou.

Márcio deixou Jonathan exatamente onde haviam achado o coração ensacado e foi para o local.

Jonathan ligou sua lanterna e foi andando, iluminando por onde passava, até o local onde haviam achado a pegada. Ainda estava com a marcação que a polícia havia colocado de manhã. Ele virou a lanterna para a trilha que ele havia visto e seguiu-a até subir um pequeno barranco, que levava para o asfalto, como ele imaginava — e para sua decepção — quando iluminou aquela parte do asfalto viu que não havia vestígio algum de pneu. Apesar de frustrado, sabia que era o mais lógico, afinal, mesmo não sendo uma rua muito movimentada, muitos carros passavam por ali e, somente no tempo em que Jonathan tinha ficado observando, o vento já havia dissipado a poeira umas duas vezes e apagado qualquer vestígios do pneu mais recente que havia passado por lá.

O detetive ficou desanimado. Havia ido até o local à toa, mas mesmo assim continuou procurando por algo. Iluminando o caminho ao redor, reparou que, na frente do acostamento onde os carros paravam para descer até aquela parte do rio, havia uma casa, uma chácara, para ser mais exato, e nela havia uma câmera que filmava exatamente o ângulo que ele queria. Então, vendo que haviam luzes acesas no local e querendo descobrir alguma pista do que poderia ter acontecido, Jonathan resolveu atravessar a avenida e ir contatar os moradores, que saíram logo na primeira campainha tocada. Os residentes eram um casal de idosos muito simpático.

— Boa noite, senhor...

— Bonifácio... — disse. — José Bonifácio.

Jonathan se conteve para não rir, mas o senhor tinha o mesmo nome que o ministro de Dom Pedro e ele achou um pouco engraçado e... diferente.

— É, eu sei. Tenho o mesmo nome que ele, e não é coincidência — disse o senhor. — Minha avó viveu nos tempos da monarquia e gostava muito dele, então, minha mãe resolveu colocar meu nome em homenagem... — Ele fez uma pausa. — Mas em que posso ajudar, senhor...?

— Prim, Jonathan Prim — respondeu Jonathan, um pouco envergonhado pela descoberta do senhor sobre a pequena risada que ele deu ao velhinho se apresentar. — Sou detetive particular e estou em busca de uma garota desaparecida. Temos notícia de que ela foi vista pela última vez nas redondezas e vi que o senhor tem uma câmera aqui. — O detetive mentiu.

— Mas desaparecimento não é caso de polícia? — questionou José Bonifácio.

— É... Mas a garota fugiu da família e já é maior de idade, então não dá como desaparecimento. A família quer ajudá-la e por isso continua procurando por ela. — Jonathan continuou na mentira, mas se ele tivesse falado que era caso de polícia poderia ter dado um pouco mais de trabalho para explicar, pois o senhor poderia pedir o distintivo e o detetive não o possuía.

— Tudo bem. Pode ver, mas não sei se irá ajudar, pois só deixa gravado por sete dias e esquecemos de fazer o backup da semana passada. — Jonathan estranhou ao ver o senhor falar sobre backup. *Que velhinho mais conectado*, pensou ele, mas ao mesmo tempo ficou preocupado.

— Vocês não têm o backup da semana anterior, mas isso não é perigoso? Como vão saber se não estão te vigiando?

— Não temos as filmagens somente aqui. Moramos em chácara, mas temos internet por aqui e as imagens são enviadas todos os dias para uma central de monitoramento que contratamos. O backup que nós fazemos é por um aparelho que compramos, para guardarmos uma cópia da imagem — disse. — Vai que acontece mais um ataque como em 2001 e o servidor da empresa vá para o “beleleu” — brincou.

Jonathan achou diferente o assunto que o velhinho estava falando, mas lembrou que hoje em dia quase todo mundo está conectado, então não era tão diferente assim.

O detetive entrou na casa do senhor Bonifácio e da dona Hilda, que soube seu nome e a conheceu assim que entrou na casa. Ela parecia ser uma senhora que não saía de frente da televisão. Estava assistindo a novela bíblica da Record TV, como muitas senhoras estavam fazendo ultimamente.

— Querida. Posso usar a televisão? — perguntou José. — O detetive está aqui para um caso de desaparecimento — ele explicou.

— Mas está tão legal. Agora vai mostrar a parte em que eles derrubarão os muros de Jericó — comentou ela.

— Querida, por favor... — pediu José. — Vamos ajudar o rapaz.

— Tudo bem. Só se você me der um beijo — brincou ela.

— É claro que eu te dou. — José a abraçou e deu-lhe um selinho. Isso fez com que Jonathan, por um instante, voltasse às lembranças de um passado distante com sua esposa. — Então. Qual dia você está procurando? — perguntou o senhor, cortando as lembranças de Jonathan.

— As imagens de sexta-feira, por favor — pediu ele.

O senhor pegou o controle da televisão e voltou as imagens alguns dias. As imagens ficavam salvas em um aparelho que ficava plugado na televisão, a todo instante.

A filmagem começou e Jonathan viu a sombra de um carro parando exatamente no local em que ele acreditava que a pessoa que cometeu o crime poderia ter estacionado. Não dava para ver a cor do veículo e nem a pessoa que havia descido dele devido à escuridão que fazia no local. A única luz que havia iluminava apenas próximo ao carro, porém não era visível nas filmagens. Jonathan ficou observando as imagens atentamente e percebeu que a pessoa foi até o porta-malas pegar algo, mas não conseguiu ver muito bem o que era. O detetive ficou frustrado por não ter tido visão alguma do caso e perceber que aquilo ali não levaria a lugar algum, quando percebeu a câmera se mover e iluminar, para sua alegria, a placa do carro.

As imagens terminaram e Jonathan pediu uma cópia, que não demorou a ser feita. Antes de sair, ele se despediu de José e em um bloquinho de anotações, anotou o número da placa que ele havia visto na filmagem.

O delegado Márcio Mendes havia chegado ao local e foi conversar com os peritos para um parecer sobre a situação. O corpo exalava um odor muito forte que havia infestado todo o local, mas o delegado ainda não tinha chegado próximo a ele.

— Vocês sabem o que aconteceu? — perguntou o delegado ao perito. — Podem

me dizer se esse corpo está relacionado ao coração que encontramos?

— Senhor. Receio que sim. O Cadáver já está em estado de decomposição e precisará ser analisado, mas há indícios de que seu coração não está em seu corpo.

— E onde ele está?

— Não sabemos, senhor, mas tudo indica que na nossa sala de análises.

Márcio assentiu.

— Já sabem se o corpo é masculino ou feminino? — perguntou o delegado.

— Ainda não conseguimos identificar, mas logo o levaremos ao instituto médico legal e faremos toda a perícia no corpo para identificar a vítima.

— Ele está tão mal assim?

— Sim. Caso queira dar uma olhada... Ele está morto há pelo menos seis dias — alertou o perito.

O delegado tentou chegar próximo ao corpo e não conseguiu; o odor que exalava estava muito forte. Mendes teria que ficar no local até o corpo ser retirado, mas, por sorte, Jonathan ligou.

— Achou algo? — perguntou o delegado ao atender o telefone.

— *Achei, sim. Próximo ao local que o criminoso parou o carro, tem uma câmera, que filmou uma pessoa tirando algo de dentro do porta-malas. Estava escuro, mas parecia o saco que encontramos o coração* — respondeu o detetive.

— Deu para ver qual a marca ou modelo do carro?

— *Não, mas consegui ver a placa. Eu estou levando uma cópia da filmagem, poderia passar aqui?*

— Estou indo. — O delegado Mendes desligou o telefone; explicou ao perito que poderiam ter achado alguma outra pista e foi em busca de Jonathan.

Já passava das duas horas da manhã e, na delegacia, Jonathan já havia mostrado a filmagem ao delegado Márcio Mendes e ele estava entrando em contato com o departamento de trânsito para ajudar na busca da placa e do endereço que o carro estava registrado quando o telefone tocou.

— *Delegado Mendes. Aqui é da polícia científica e, depois de coletar o D.N.A. e compararmos com o D.N.A. do coração achado, concluímos que o órgão pertence à vítima.*

O delegado tinha quase certeza de que daria esse resultado, mas mesmo assim se espantou ao perceber que alguém faria tamanha crueldade.

— E já sabem qual é o nome da vítima?

— *Sim. O nome da vítima é Carlos Suaréz* — disse o doutor. — *O corpo já estava em estado de decomposição, mas os Papiloscopistas do local resolveram testar um novo método de identificação conhecido como Identificação Necropapiloscópica, onde foi feita uma dissecação dos dedos e reidratação da epiderme em dissolução de hidróxido de sódio*

e potássio e álcool, permitindo a reconstrução da digital e a sua coleta. Logo após a coleta, colocaram no banco de dados e localizaram o prontuário civil da vítima, possibilitando reconhecê-lo.

Lugar errado, hora errada

Fazia duas semanas desde que Danilo havia conversado sobre Jéssica com seu pai. Francisco havia conversado com alguns de seus contatos e conseguiu uma oportunidade de trabalho para ela como modelo em um comercial de cerveja e ela estava mais frequente em sua casa. A briga entre Francisco e Rebeca havia durado mais alguns dias depois que ele foi fazer o exame de D.N.A., mas ela viu o quanto ele realmente estava arrependido e o perdoou, acreditando que ele seria uma pessoa melhor daquele dia em diante, mas essa bondade toda não durou por muito tempo.

Francisco, como a empregada havia previsto, mexia com negócios ilegais também, mais precisamente tráfico de drogas. Ele tinha traficantes laranja para que, quando “estourasse” alguma bomba, ele saísse ileso, mas ele era tão cuidadoso que nunca havia acontecido tal coisa e nunca haveria, ele acreditava.

Muitas pessoas não sabem, mas, geralmente, quando veem algum chefe de facção ou tráfico de drogas sendo preso na televisão, ele não é realmente o chefe, afinal, o mercado de tráfico de drogas é um dos negócios mais lucrativos do país e grandes empresários financiam-nos para obter ainda mais lucros. Para não serem pegos, colocam alguém como um laranja e criam diversas pequenas empresas para lavarem o dinheiro do tráfico, afinal, o governo só se importa se você paga o imposto no final do ano. De onde as pessoas o conseguiram, não importa, contanto que paguem. É mais fácil ser preso por sonegação do que por lavagem de dinheiro. E Francisco era uma dessas pessoas. Assim como outros empresários, financiava uma das maiores redes de tráfico do país sem sujar as próprias mãos, mal sabia ele que essa mesma rede que ele financiava um dia atingiria sua família, como atingiu seu filho.

Certo dia, Francisco precisava fazer uma reunião com um dos traficantes e se descuidou. Seu filho e sua mulher haviam saído, mas ele esqueceu que Jéssica havia ficado em sua casa, fazendo um trabalho de faculdade.

Carlos, o traficante, sócio de Francisco, também era o traficante que, no passado, vendia drogas para Danilo e Jéssica o conhecia, já o havia visto no bar. Ele estava na sala de estar, esperando por Francisco, quando Jéssica desceu as escadas e deu de cara com ele.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela. — Danilo já não quer mais nada com você — esbravejou.

Carlos a encarava, tentando reconhecê-la quando Francisco chegou.

— Vocês dois se conhecem? — perguntou Francisco, tentado disfarçar quem realmente era o homem que estava lá.

— Ah, se eu conheço. Esse cara é traficante! — disse ela.

Francisco ficou encarando-a, sem demonstrar surpreso e ela deduziu que ele já sabia.

— Você sabe quem ele é, não sabe? — perguntou ela.

— Não sei do que você está falando. — Francisco disfarçou, mas ela já havia percebido o que estava acontecendo.

— Você sabia que esse filho da puta vendia drogas para o seu filho? — perguntou a garota.

Dessa vez ele demonstrou surpresa, pois não fazia a mínima ideia que o filho dele havia usado drogas.

— Eu não sabia que ele era seu filho — manifestou-se Carlos.

Francisco ficou quieto, percebeu que a vida era um boomerang e o que ele fazia, um dia o atingiria. Ele não queria que seu filho se envolvesse com drogas, mas viu que não conseguiu controlá-lo e percebeu que aquilo tudo era culpa dele, afinal, ele financiava o tráfico que vendeu ou vendia drogas para o seu filho. Mas já era tarde demais e ele só se importava com dinheiro.

— Você é igualzinho esses filhos da puta que estão sendo preso pela polícia federal, não vale nada! — disse ela, com raiva.

— Jéssica, acalme-se — pediu ele. — São apenas negócios. — Ele tentou fazer com que a garota ficasse do seu lado.

— São apenas negócios? Você financia algo que acaba com a vida das pessoas; que acaba com famílias e pede para eu me acalmar? Esse cara vendeu drogas para o seu filho. Ele passou todos os dias de estudo dele com essa merda no organismo, isso se ainda não passa. — Jéssica estava muito brava com o que havia descoberto.

— Não aceito que me insulte desse jeito em minha própria casa. Eu quero que você saia daqui! — Francisco perdeu a paciência com a garota.

— Saio, e com prazer! — disse ela. — Não ficaria para ver essa merda por nem um minuto a mais. — Jéssica foi em direção à porta e, antes que ela saísse, Francisco a chamou com a voz mais calma.

— Não diga nada para meu filho e nem para minha esposa, por favor. Eles já estão passando por coisas demais — pediu ele. Jéssica deu apenas uma olhada para trás, antes de sair da casa, batendo a porta. Carlos e Francisco ficaram se olhando por alguns minutos e Francisco, pensando no que aconteceu, resolveu terminar a conversa por ali mesmo.

— Quer que eu dê um jeito nela? — perguntou o traficante.

— Ainda não. Meu filho nunca me perdoaria se descobrisse. Primeiro, tentarei as coisas do meu jeito.

Carlos saiu da casa de Francisco e ele ficou pensando em onde tudo havia chegado. *Como se livraria de Jéssica sem que precisasse sujar suas mãos?* Era a única coisa que ele conseguia pensar e teria que planejar logo ou correria o risco de seu filho saber o que havia acontecido.

Francisco se assustou quando seus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de Danilo e de Rebeca chegando; ela o chamou para que ele ajudasse a tirar as compras do carro e seus pensamentos ficaram perdidos, tentando procurar alguma desculpa para Jéssica não estar mais ali.

— Oi, tudo bem? Como foram nas compras? — perguntou ele.

— Foram boas, fizemos algumas comprinhas particulares também — disse Rebeca, sorrindo.

— Compras particulares? E o que seria? — Francisco deu uma de curioso.

— Nada demais. Só algumas coisas para mim e outras para Danilo — respondeu Rebeca, tentando parecer misteriosa.

— Onde está Jéssica? — questionou Danilo ao reparar que a namorada não havia ido ajudá-los.

— Ela teve que resolver algumas coisas em sua casa e disse que amanhã voltava — respondeu Francisco, sem saber de onde ele havia tirado uma desculpa tão rápido.

— Ah, tudo bem. — Danilo estranhou um pouco e Francisco percebeu que não foi uma desculpa tão boa, mas, por hora, seu filho parou de perguntar e desceu as coisas do carro.

Após ajudar seus pais, Danilo subiu para o seu quarto e resolveu ligar para sua namorada.

— Oi, está tudo bem aí? — perguntou ele quando ela atendeu ao telefone.

— *Está, sim.* — Jéssica queria contar ao seu namorado o que havia acontecido, mas percebeu que, infelizmente, Francisco estava certo. Danilo e Rebeca estavam passando por coisas demais. Rebeca estava doente e a reconciliação dela e de Francisco ainda era recente. Quando Rebeca e Francisco brigaram, a saúde da mulher piorou um pouco e, caso acontecesse outra confusão, pode ser que piorasse mais ainda. Jéssica não entendia muito bem o que uma coisa tinha a ver com a outra, mas ela acreditava ser que quando a pessoa ficava triste, perdia um pouco de forças para lutar pela vida.

— Meu pai me disse que você teve alguns problemas aí na sua casa. Está tudo bem mesmo?

Claro que disse... Pensou Jéssica com ironia.

— *É... Minha mãe estava sozinha e tinha ficado com algumas dores no corpo e me chamou* — respondeu ela. Jéssica sabia que essa desculpa iria colar, afinal, ela era muito apegada com os pais e Danilo sabia disso.

— Está bem, então. Amanhã você vem aqui? — perguntou ele.

— *Eu estava pensando... Que tal a gente sair? Eu soube que estreará um novo filme de Star Wars no cinema, e sei que você ama esses filmes de Ficção Científica* — respondeu ela. Jéssica o conhecia muito bem e isso era uma das coisas que Danilo mais amava em sua namorada.

— Tudo bem. Vamos, sim. Eu vi o trailer e parece que esse filme será demais! — Danilo ficou entusiasmado e logo começou a falar sobre os filmes, pelo telefone. Jéssica riu de seu namorado.

Danilo ficou conversando com Jéssica por mais alguns minutos até que resolveram combinar o horário que iriam se ver no dia seguinte e desligar o telefone. Quando o garoto

estava indo se deitar, Francisco bateu na porta para conversar.

— Jéssica está bem? — perguntou ele ao entrar no quarto, conferindo se a garota não havia falado nada para seu filho.

— Está, sim. A mãe dela passou mal e Jéssica foi lá para ficar com ela — respondeu o garoto.

— Filho, você tem certeza de que Jéssica é a garota ideal para você? — perguntou Francisco. Ele sabia que Jéssica não havia contado, mas não queria correr o risco, então a melhor forma de resolver isso era colocar questionamentos na cabeça de seu filho.

— Por quê? Ela também é minha irmã? — ironizou o garoto, sem demonstrar brincadeira.

Francisco o encarou, chateado por ele ter tocado naquele assunto novamente.

— Não... E você não tem irmã — disse ele, referindo-se ao resultado negativo do exame de D.N.A. — É que eu não acho que ela será uma boa esposa para você.

— Por que não? — perguntou o garoto. — Ela me ama. Eu a amo. Como não seríamos bons um para o outro?

— Não sei... Essa carreira de modelo não a levará a lugar algum — disse ele. — E você tem que arrumar uma mulher direita. Dizem que essas coisas sempre levam a prostituição.

— Pai. Eu a amo... E não é porque você ouve falar que todas as agências de modelo têm tráfico de pessoas e prostituição; não estamos em uma novela — brincou ele.

— Eu sei, filho, mas a família dela não está na mesma classe social que a gente — respondeu seu pai.

— Não acredito. O senhor não mudou nada. Por que acha que tudo tem a ver com dinheiro? Nem todas as pessoas são interesseiras, pai. Às vezes elas só estão próximas da gente porque nos ama — disse Danilo. — Você tem que parar de pensar que tudo gira em torno do SEU dinheiro. — Danilo se exaltou ao dizer “Seu”.

— Mas claramente Jéssica é uma interesseira. Não tinham nem uma semana de namoro direito e ela já te pediu para ajudá-la a arrumar emprego. Ela só quer dinheiro.

— Não, pai. Eu que me ofereci para tentar conseguir um emprego a ela. Jéssica não me pediu nada.

— Eu sei, mas é que... — Francisco tentou se explicar, mas Danilo o interrompeu.

— Me deixe dormir, pai. Por favor — pediu Danilo.

— Filho... — insistiu ele.

— Apague a luz quando sair — pediu o garoto, virando-se para o lado.

Francisco percebeu que não conseguiria nada com Danilo e saiu de seu quarto. Ele não sabia o que iria fazer quanto a Jéssica, mas fazer os dois terminar, pelo jeito, não seria uma opção viável. O homem desceu as escadas de sua casa e foi até um lugar mais escondido, dentro da casa, para ligar para Carlos.

— Eu tentei do meu jeito e não deu certo — disse Francisco quando Carlos atendeu o telefone.

— *Quer que eu faça do meu jeito?* — perguntou o traficante.

— Ainda não. Quero que me ajude com outra coisa.

— *O quê?*

— Quero que coloque um dos seus homens para observá-la e achar algum podre dessa menina. Ainda continuarei com o meu plano, com sua ajuda, mas se não funcionar, faremos do seu jeito.

— *Certo...*

Francisco desligou o telefone e sua esposa o chamou para deitar.

No outro dia, à tarde, Danilo estava terminando de se arrumar para ir ao cinema com Jéssica quando seu pai o chamou.

— Filho, aonde você vai? — perguntou.

— Vou dar uma saída com Jéssica. Não me esperem para o jantar — respondeu.

— Tudo bem. Vai com Deus. — Francisco despediu-se de seu filho, mas Danilo já havia saído de casa.

Rebeca estava dormindo devido aos remédios para dor que estava tomando e dona Maria havia ficado doente, não podendo comparecer à casa naquele dia. Francisco percebeu que estava totalmente sozinho e ligou para Carlos, alertando que os dois iriam sair juntos, para observá-los. O traficante mandou um de seus comparsas seguir os dois e ficar observando-os de perto, sem que eles percebessem, com um microfone gravando o que eles estavam conversando.

Danilo buscou Jéssica em sua casa e escolheram assistir filme no cinema do maior shopping da região, parque Dom Pedro. Na praça de alimentação, o garoto estava meio cabisbaixo e sua namorada percebeu.

— Gatinho, está tudo bem? — perguntou ela.

— Está, sim — ele respondeu, mas ela pôde perceber que não estava.

— Pode falar. Não precisa esconder nada de mim. Você sabe, né? — disse ela, sem perceber que sentou um homem na mesa ao lado, que ficou observando-os.

— Não é nada. É só o meu pai sendo ele mesmo — respondeu o garoto.

— Como assim? — ela insistiu. — O que aconteceu?

Danilo finalmente cedeu e começou a contar.

— Ontem ele estava meio estranho. Entrou no meu quarto querendo conversar sobre... — O garoto fez uma pausa.

— Sobre quem?

— Sobre você...

— O que ele queria falar de mim? — perguntou ela.

— Não é nada. — O garoto sentiu vergonha de contar o que o pai havia falado.

— Me conta, por favor — insistiu novamente.

— Ele falou mal de você. Disse que não era boa para mim e que só estava atrás do meu dinheiro. — O garoto sabia que ela ficaria chateada, mas ela havia insistido e ele não gostava de esconder nada de sua amada.

A garota assentiu.

— Amor, eu também tenho uma coisa para te contar sobre seu pai — começou a garota.

— Amor, podemos falar disso depois? — perguntou ele, que não estava nem um pouco confortável em estar falando sobre aquele assunto. — A sessão já está para começar.

— Vamos, sim — disse ela. Os dois saíram da mesa e foram para a sala de cinema. O homem que os observava também se levantou, após eles saírem, e foi embora, afinal, já tinha gravado o suficiente para aquele dia.

Quando saíram, Danilo e Jéssica ficaram tão surpresos com o filme que ela até esqueceu que iria contar a ele o que havia acontecido.

Mas o que Jéssica começou a contar, caiu nos ouvidos de Francisco Barose, que ficou furioso ao saber que a garota poderia contar ao seu filho o que havia acontecido. Carlos sugeriu a ele para que fizesse do seu jeito, mas Francisco ainda insistia que conseguiria convencer seu filho a terminar com aquela garota, mas o tempo era curto. Carlos estipulou um prazo para ele, pois, se tudo desse errado, não seria só Francisco que iria rodar. A liberdade de Carlos também estava em jogo.

Porém, no dia seguinte, aconteceu um baque na vida da família Barose. Danilo mal sabia que o dia em que ele e Jéssica foram no cinema teria sido o seu último dia feliz nos próximos meses, senão anos.

Rebeca acordou e, como de costume, mesmo doente, preparou o café da manhã para eles tomarem. Francisco não estava conversando; não tinha dormido à noite pensando em como faria com que seu filho terminasse com Jéssica. Danilo estava feliz, porém ainda não tinha esquecido o que o pai havia lhe pedido e também não estava conversando. Aquela parecia uma manhã triste. Rebeca percebeu e tentou puxar assunto com os dois, mas falhou, pois até seu filho a ignorou. Eles ainda não sabiam, mas foi a última vez que ignoravam Rebeca e foi a última vez que eles ouviram o seu tão suave “bom dia”. Aquela foi, sem dúvidas, a pior manhã de todas, pois, quando Rebeca, tentando puxar assunto, respirou forte perto do café, dizendo que ele estava muito cheiroso, começou a passar mal. Era uma parada cardiorrespiratória. Danilo e Francisco tentaram socorrê-la, levaram-na para o hospital, mas, quando eles acreditavam que tudo iria ficar bem, veio o doutor trazendo-lhes a triste notícia de que Rebeca já não estava entre eles.

Os dias seguintes foram os piores, tanto para Danilo quanto para Francisco. O empresário viu que Jéssica era muito importante para seu filho e, no velório de sua esposa, ela não saiu de perto dele, consolando-o a todo instante.

Após o velório, Danilo precisou de um tempo para espairecer o que havia acontecido e não contatou muito a sua namorada, que dizia, por mensagem, que queria vê-lo, mas se decepcionava quando o garoto dizia que não podia. Ele estava muito mal e ela entendia, então disse ao garoto que iria dar um pouco de espaço para ele. Ela o amava muito.

Francisco, depois do velório, não tocou mais no assunto de Jéssica com seu filho, afinal, não conseguia pensar em mais nada do que no tempo que ele deixou de passar com sua esposa para resolver outras coisas e até traí-la.

Dizem que a morte é o melhor remédio para refrescar a memória de quem deixa seus entes queridos de lado para fazer coisas que não irão agregar em nada em seu relacionamento familiar, pelo contrário, às vezes desfaz relações. Francisco estava tomando desse remédio naquele exato momento e o arrependimento lhe cortava como os espinhos das rosas que ele tinha jogado no caixão. Ele não havia tido tempo para lhe dizer o último “Eu te amo” nem para lhe dar o último beijo. A morte tirou Rebeca de sua vida como um flash de luz de um relâmpago que avisa, poucos segundos antes, que uma tempestade está vindo. Rebeca levou consigo a felicidade de Francisco como um furacão que passa sem avisar e leva tudo que estava no lugar.

Os sentimentos bons de Danilo tinham se esvaído e a tristeza tomou conta de seu coração. O garoto chorava a todo instante a morte da pessoa que havia lhe dado à luz e lhe dado amor por todo aquele tempo, ele não conseguia pensar em mais nada a não ser nela.

Josie não sabia o que havia acontecido e foi contar a Danilo sobre o resultado do teste de D.N.A. Ela acreditava que ele ainda a amava e que os dois poderiam ficar juntos.

A campainha da casa de Danilo tocou e dona Maria foi atender. Só ela e Danilo estavam em casa no momento. Quando ela abriu a porta, era Josie.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela. — Já não deu problemas demais a essa família?

— Oi, dona Maria, tudo bem? O Danilo se encontra? — perguntou a garota.

— Ele não está bem para conversar — respondeu dona Maria.

— Eu só preciso conversar com ela.

— Vai embora... — A fala de dona Maria foi interrompida por Danilo.

— Quem está aí, dona Maria? — perguntou o garoto.

— Sou eu, Josie — respondeu a garota, antes de a empregada impedir.

— Não quero conversar hoje — Danilo deixou claro.

— Por favor. É só um instante! — insistiu a garota.

Danilo desceu as escadas e foi até a porta conversar com a garota, pedindo privacidade para dona Maria.

— O que você quer, Josie? — perguntou ele.

— Eu tenho uma novidade para te contar — disse ela, contente.

O garoto não gostou do sorriso dela. Nada o estava alegrando no momento e ela sorrir para ele enquanto ele ainda estava de luto pela mãe, o deixava irritado.

— Fala — disse ele, com rispidez.

— Eu e seu pai fizemos um teste de D.N.A. há alguns meses e deu negativo. Eu não sou sua irmã — contou ela, com um pequeno sorriso.

— E daí? — perguntou ele.

— E daí? Você disse que me amava. Podemos ser muito felizes juntos!

— Sério? Você vem em minha casa fazendo apenas um mês e meio que minha mãe faleceu me dizer que podemos ficar juntos? Meu Deus, Josie.

— Sua mãe morreu? Eu não sabia. Sinto muito. — Ela estava constrangida.

— Tudo bem. — Ele percebeu que ela estava sendo sincera. — Mas eu não posso ficar com você. Eu estou com Jéssica e a amo muito.

— Eu sei, mas eu soube que vocês discutiram — contou ela.

— Quem te disse isso? Nós não discutimos. Ela só está me dando um pouco de espaço para espairecer minha mente.

— Ninguém me disse. — Josie não queria contar que uma das amigas de Jéssica, que também era sua amiga, lhe contou que os dois haviam discutido.

— A única discussão que tivemos foi quando ela queria vir aqui e eu não queria, mas isso não significa que eu não a ame, apenas que não estou bem agora. Aliás, ela tem me ajudado tanto com tudo que está acontecendo e tem demonstrado que me ama tanto que estou até pensando em pedi-la em casamento.

Josie ficou chateada e viu que não havia mais chances de ela e Danilo voltarem, então, ela deu meia volta e foi embora. Quando Josie estava saindo do quintal, Francisco chegou do trabalho e viu a garota. Ficou feliz, pois achou, por um instante, que Danilo havia feito as pazes com Josie e, mesmo não tocando mais no assunto, ele ainda queria que seu filho se separasse da sua atual namorada.

Quando Francisco entrou em casa, Danilo estava pensativo. Ele havia inventado tudo aquilo para Josie ir embora, mas estava começando a lembrar de tudo que Jéssica havia feito e sentiu o quanto a amava. Ele percebeu que tudo que ele havia dito a Josie era real e que, no fundo de seu coração, ele queria pedir Jéssica em casamento, pois cada som que saía da boca da garota, fazia seu coração acelerar mais e mais.

— Josie estava aqui. Vocês voltaram? — perguntou seu pai.

— Não! Eu estou com Jéssica, nunca a trairia! — respondeu o garoto.

— É que vocês não conversam mais, então eu achei que...

— Nós estamos juntos... E, na verdade, estou até pensando em oficializar essa união.

— Oficializar? Mas você não tem nem vinte anos.

— E daí? Nós temos dinheiro e daqui alguns anos me formo. Vou pedi-la em

casamento.

O coração de Francisco acelerou. Ele percebeu que não conseguiria mais fazer do jeito dele e, quando seu filho saiu de casa para comprar a aliança de casamento, ligou para Carlos.

— *Pode fazer do seu jeito* — disse ele. Carlos apenas escutou e desligou o telefone.

Danilo chegou à loja de alianças e começou a olhar uma por uma. Cada uma mais linda que a outra e, mesmo triste, ficava imaginando como ficaria no dedo de Jéssica. Cada vez mais ele percebia que pensar em sua amada lhe dava forças para continuar.

— Eu quero a aliança mais bonita para a mulher mais linda — disse ele ao vendedor. Essa frase chamou a atenção de um faxineiro do local, que estava limpando um piso atrás de Danilo.

O vendedor sorriu para ele e lhe mostrou três modelos de aliança. Danilo sabia que Jéssica gostava de coisas simples e não muito chamativas, então, escolheu uma aliança com uma única pedra no meio.

— Vai querer escrever algo? — perguntou o vendedor.

— Não. Eu gostei dela desse jeito. Tenho certeza que minha namorada também irá amar.

— Tudo bem, então. — O vendedor sorriu por Danilo já querer finalizar a compra e pagar a aliança à vista.

Danilo pegou a sacolinha. Agora, só precisava falar com Jéssica e marcar um encontro. Ele não queria algo tão incrível quanto nos filmes; não estava bem para isso. Danilo queria pedir a mão de Jéssica na casa dela, pois também precisava conversar sobre tudo que estava sentindo.

Ele tentou ligar a primeira vez e ela não atendeu. Tentou ligar a segunda e ela também não atendeu. A terceira e a quarta também foram sem sucesso.

O garoto achou estranho e resolveu ir até a casa da garota. Quando ele tocou a campainha, Jéssica o atendeu com uma cara brava.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Você está bem?

— Não. Pergunte para Josie se ela está bem — respondeu ela. Danilo não entendeu nada. — Não é ela que você deixou te consolar?

— Quê? Não! Você estava lá?

— Eu ia te fazer uma surpresa, mas vi que não precisava de mim por lá.

— Amor, você entendeu tudo errado. Eu a amo, nunca iria te trair. Josie foi lá dizer que ela não era minha irmã, o que eu já sabia, mas eu disse a ela que eu amo você e que nunca iria te largar.

— Sei...

— É verdade! Eu até comprei essa aliança para te pedir em casamento — disse ele, ajoelhando em sua frente.

Os olhos de Jéssica se encheram de lágrimas.

— Acredite em mim — pediu ele.

Ela havia ficado feliz com o gesto.

— Tudo bem, eu te perdoo, mas você só saberá a resposta sexta, no dia do seu aniversário — disse ela fazendo suspense. Francisco iria fazer uma festa para o garoto, que não estava bem para tal coisa, mas seu pai acreditava que o ajudaria e insistiu para que ele aceitasse. Danilo concordou com os termos de Jéssica, mas mal sabia ele que ela ainda estava chateada que Josie foi procurá-lo e não havia lhe dado a resposta na hora, pois ainda precisava pensar.

Danilo abraçou e beijou sua amada antes de ir embora, sem saber que estavam sendo observados.

O faxineiro da loja de alianças tinha ficado tão intrigado com que Danilo havia dito, de uma forma tão estranha, que resolveu segui-lo até a tal pessoa descrita na frase do garoto. Mas rapidamente foi embora para não ser visto pelo casal, não antes de ver Jéssica discutindo com seu amado.

No dia seguinte, Jéssica, ainda pensativa com o que Danilo havia pedido e com o que havia visto no dia anterior, foi para o trabalho, na agência de modelo, para fazer um comercial para uma propaganda de protetor solar que estaria no ar nos meses seguintes. Ela estava tão preocupada com tudo o que estava acontecendo e com tantas dúvidas em sua pequena cabeça, que não reparou que havia um carro preto seguindo-a. No meio do caminho, seu estômago a lembrou que ela não havia comido nada e a garota resolveu passar em um supermercado. Como seria rápido, estacionou o carro no primeiro lugar que viu próximo ao pequeno mercado, sem reparar que era um estacionamento abandonado.

O carro preto, que a estava perseguindo, também parou no estacionamento. Do carro, desceu Carlos, o traficante que trabalhava com Francisco. O lugar era com pouco movimento e não havia lugar melhor para que Carlos conseguisse o que queria fazer, matar Jéssica. Ele ficou esperando-a, porém, o que ele não percebeu é que outra pessoa também a estava perseguindo. O homem chegou por trás de Carlos e bateu em sua nuca com uma pequena marreta, mas com tanta força que o matou na mesma hora. Esse não era o modo como o assassino queria matar, mas teve que fazer como medida drástica. Não podia deixar Carlos fazer algo com ela. Ele queria matá-la do seu próprio jeito.

O homem viu que, bem ao fundo do estacionamento, havia um local menos visível e levou o corpo para lá. Antes de deixar o corpo completamente só, viu que não poderia deixar um órgão tão valioso como o órgão que simboliza o amor apodrecer naquela carne que logo se tornaria pó. Então, foi até seu carro, do outro lado da rua e pegou uma faca, abriu o corpo, retirou o coração da vítima, colocou em uma caixa de isopor com muito gelo — que comprou rapidamente no mercadinho ao lado —, limpou o pouco de sangue que havia espirrado no local que ele matara Carlos e saiu sem deixar rastro algum, pois, além de ser um local com pouco movimento, não havia câmera alguma.

Jéssica demorou no mercado, pois precisou chamar a gerência porque não queriam

trocar a nota de cinquenta reais que ela tinha pago sua mercadoria, que tinha dado um total de três reais. Quando ela chegou ao local, reparou que havia um outro carro estacionado, mas não reparou que, do outro lado da rua, havia alguém lhe observando.

Momentos de dúvidas

O delegado estava confuso. Não entendia como aquele corpo poderia ajudar com as investigações, afinal, ele estava investigando o assassinato de uma jovem envolvida com uma família muito rica e, pelo histórico de Carlos, ele não tinha nada a ver com eles.

Será que, investigando o assassinato da garota, se depararam com outro crime totalmente diferente? O delegado se questionava, mas na dúvida, pediu para seus homens chamarem a família novamente para prestar novos esclarecimentos e ver se sabiam algo que poderia ligar Carlos ao assassinato de Jéssica Bernardes.

Quando a família chegou para prestar esclarecimentos, todos que foram ouvidos disseram que não sabiam quem era Carlos Suaréz, nem mesmo Camila, que era a confidente de Jéssica. Porém, Francisco e Danilo tiveram compromissos e não puderam comparecer naquele dia, e Josie Moura não estava em casa quando a polícia lhe contatou.

Márcio percebeu que, no momento, a descoberta do corpo não tinha tirado a investigação do caso de Jéssica do lugar, e ele esperava descobrir o modelo e o endereço do carro da filmagem. Acreditava que assim poderia ligar mais alguns pontos daquela história toda.

Naquele mesmo dia, à tarde, ansioso para receber uma notícia, o delegado Mendes até se assustou quando seu telefone tocou. Era do departamento de trânsito. Parecia mágica, pois estava desejando receber aquela notícia naquele momento e eles o contataram.

— *Delegado Mendes? Já temos um nome e um endereço para o senhor* — disse a voz no telefone.

— Ótimo! Pode falar. — Era a melhor notícia que Márcio poderia esperar naquele dia.

— *O modelo é um Chevrolet Cruze, vermelho. Ano 2016. Está no nome de Angelina Moura.*

O delegado acreditava que a notícia ajudaria a clarear algumas coisas, mas o deixou ainda mais confuso. *O que Josie ou Angelina poderiam ter a ver com Carlos? Como eles se conhecem? E como elas poderiam estar ligadas à morte dele?*

— Jonathan. Temos que ter uma conversinha com a senhorita Moura novamente — disse o delegado, após contar, para o detetive, a notícia que havia recebido.

— Mas como vamos fazer isso? Ela não está em casa. Não conseguimos contatá-la.

— Nós a esperaremos em frente sua casa até ela chegar — disse o delegado.

— Está bem.

Márcio e Jonathan entraram em uma das viaturas da polícia e foram até a casa de Josie que, como Jonathan esperava, não se encontrava no momento.

— Podemos ver seu carro? — perguntou Jonathan à mãe dela, que havia lhe dado a notícia de que sua filha não se encontrava no local.

— Não tem como. Josie saiu com ele... — respondeu. — Mas por que vocês querem ver meu carro?

— É para uma investigação. Ainda não sabemos se tem a ver com o caso de Jéssica Bernardes, mas encontramos uma filmagem de seu carro perto da cena de um crime e tudo indica que pode estar relacionado — disse o delegado.

— Por que acham que meu carro pode estar relacionado à uma cena de crime? — insistiu a mulher.

O delegado Mendes não podia dar tanta informação sobre a investigação, mas resolveu respondê-la.

— Nós encontramos um coração humano ensacado e encontramos o corpo do dono do coração. — Angelina colocou a mão na boca, espantada. — A filmagem mostra seu carro parando próximo ao local em que foi deixado o órgão e alguém descendo com um saco na mão. Ou seja, se vocês não deram queixa alguma de roubo do seu carro, como é o caso, todos os indícios levam para você ou sua filha — disse o delegado, por fim.

Angelina assustou-se com a explicação do delegado e não acreditava que sua filha poderia ter alguma coisa a ver com o crime, mas o delegado estava certo, pois, apenas ela e Josie utilizavam o carro, então, se não foi ela, só poderia ser... *Sua filha*. A mulher se espantou com os próprios pensamentos, afinal, a garota nunca faria algo do tipo, *ou faria*? Angelina já não sabia mais o que pensar, pois desde que Josie havia voltado, triste, da casa de Danilo, ela quase não conversava mais com sua mãe. A última vez que as duas haviam conversado direito, foi quando Josie perguntou quem era seu verdadeiro pai e a fez lembrar de um caso que ela havia tido na mesma semana que dormiu com Francisco.

Márcio e Jonathan conversaram com Angelina até sua filha chegar.

— Senhorita Moura? — chamou Márcio quando ela desceu do carro.

— Pois não? — perguntou ela.

— Queira nos acompanhar até a delegacia, por favor.

— Mas... — Ela tentou protestar.

— Vá com eles, filha, por favor. Será melhor para você — disse Angelina, não sabendo mais no que acreditar.

Jonathan, Mendes e Josie estavam na sala de interrogatório da delegacia e, quando a garota começou a questionar o porquê de estar ali, o delegado pediu a um policial que trouxesse um tablet com a filmagem que tinha encontrado.

— É por isso que você está aqui, senhorita Moura. — O delegado apertou o play da filmagem e a garota começou a sentir um frio na barriga, pois reparou que, quando ela foi jogar o órgão no rio, não olhou em volta para saber se estava deixando alguma pista. — E também temos a foto e o número exato de uma pegada que tenho certeza que se comparasse ao seu pé seria mais uma prova contra a senhorita. — Josie permaneceu calada. — A questão é: O que você tem a ver com Carlos Suárez?

— Quem? — perguntou ela.

— Carlos Suaréz. O indivíduo que é dono do coração que você jogou no lago.

— Eu não joguei nada no lago! — protestou ela.

— Não minta para nós, senhorita Moura. Sua mãe nos disse que somente as duas utilizam o carro e se ela não estava utilizando naquele dia, era você.

— Eu não matei ninguém! — O discurso dela havia mudado.

— Não? Então me explica como o coração de Carlos Suaréz foi parar no saco que você jogou no rio Atibaia.

— Eu não matei ninguém. — Josie manteve o discurso e começou sair lágrimas de seus olhos.

— Então quem matou? — perguntou o delegado.

Josie, chorando, não conseguia falar e isso irritou o delegado Mendes.

— Fale! — exigiu ele, mas Josie só conseguia chorar.

— Eu quero um nome! — O delegado, exaltado, deu um soco na mesa do interrogatório.

Josie deu um grito de susto.

— Delegado. Você não pode fazer isso — alertou Jonathan.

— Não me interessa o que eu posso ou não fazer. Eu quero que ela me diga quem matou Carlos Suaréz — disse o delegado com rispidez.

— Meu pai! — disse Josie, finalmente, enquanto soluçava. — Meu pai me deu aquele coração para eu jogar no rio, mas ele também não matou ninguém! — disse ela.

— Isso é o que veremos com ele — respondeu o delegado Mendes. — Qual é o nome dele? — Josie permaneceu em silêncio.

— Garota, responda, pelo seu bem. Você ajudou a esconder um homicídio qualificado. Poderá até ser considerada coautora do crime. Sua pena pode ser reduzida, mas, caso isso não aconteça, pegará de doze a trinta anos de prisão. — O detetive Jonathan entrevistou na discussão.

— Mas ele também não matou ninguém...

— Se ele não matou ninguém, terá a chance de provar perante a justiça — disse ele.

— Tudo bem... O nome dele é Cláudio... Cláudio Silveira. — Ela fez uma pausa. — Mas ele fez tudo isso por amor — disse ela, por fim.

Tal pai, tal filha

Depois de conversar com Danilo, Josie voltou chorando para a sua casa. Ela queria esquecer tudo o que aconteceu. Estava com raiva de tudo e todos. Naquele momento o que ela mais queria era que um meteoro caísse na terra, bem ao lado de Jéssica e Danilo e os dois se explodissem. A garota, às vezes, se assustava com os desejos de sua mente, mas, naquele dia, ela percebeu que isso era também o desejo de seu coração e, se os dois não existissem, sua vida não seria tão ruim assim.

Ela pegou um caderno, que havia cartas e embalagens de presentes que ela havia ganhado de Danilo desde quando se conheceram, e começou a rasgar todas as folhas. Uma por uma. A cada página rasgada, era uma lágrima a menos que escorria de seus olhos sobre sua face. E a cada rasgo, era um grito libertador que ecoava de sua garganta. Angelina, que estava na sala, ouviu os gritos de sua filha no quarto e resolveu ver o que estava acontecendo.

— Filha, você está bem? — perguntou Angelina.

— Mãe. Eu quero ficar sozinha, por favor — respondeu Josie.

— Filha, abre a porta, por favor — insistiu sua mãe.

— Não!

Angelina ficou quieta e Josie achou que ela havia ido embora. Ela deixou o caderno de lado e deitou-se em sua cama. Com o rosto afundado no travesseiro, começou a chorar.

De repente, ela escutou a porta de seu quarto abrir. Era sua mãe.

— Poxa, você não sabe respeitar a privacidade, não? — perguntou ela.

— Não quando minha filha precisa de mim — respondeu Angelina. Josie sorriu. Quando ela disse à sua mãe que não queria conversa naquele momento, ela mentiu, pois lá no fundo precisava conversar com sua mãe. — O que aconteceu, filha?

— Eu fui até a casa de Danilo dizer a ele que não somos irmãos e que podemos ficar juntos, mas ele disse que não quer ficar comigo, pois ama a atual namoradinha dele.

— Filha. Faz muito tempo que aconteceu algo entre vocês. Ele seguiu em frente e eu acho que você também deveria — disse. — Por que você não sai para se divertir e encontrar alguém para beijar, hein? — Ela fez uma pausa. — Ou até... Tirar seu atraso.

— Mãe! — A garota, envergonhada, repreendeu sua mãe.

— Que foi? Estou sendo sincera. — Ela riu.

— Eu não quero ninguém agora — disse a garota.

— Tudo bem, então, mas quero que você melhore.

— Pode deixar. Eu vou melhorar... — A garota fez uma pausa. — Mãe, se Francisco não é meu pai, quem é? — perguntou.

— Sinceramente? Eu não sei, filha. Eu era muito nova e frequentava bastante lugares. Conhecia bastante gente, mas não me lembro de ter dormido com ninguém além de Francisco — respondeu ela.

— Tem certeza? Não há ninguém especial que você conheceu na mesma semana? — Josie estava remoendo as lembranças de sua mãe e isso deu certo, pois, por alguns minutos, fez Angelina pensar.

— Para falar a verdade, eu acho que tem. — Angelina começou a lembrar. — Certa vez, eu fui em uma festa da PUC e conheci um garoto que estava cursando faculdade de medicina. — Não me lembro ao certo o ano em que ele estava, mas nos gostamos bastante e dormimos juntos por uma noite, mas estávamos um pouco bêbados e não lembro muito bem de como aconteceu.

— Nossa, mas isso é horrível! Ele dormiu com você, mesmo estando bêbada? — Josie ficou horrorizada.

— Eu não o julgo. Naquela época não tínhamos consciência de que isso era errado. Nas festas que tinham, todos ficavam bêbados antes de transar, ainda mais em festas universitárias.

— Nossa... — A garota ainda estava espantada. — Mas você lembra o nome dele?

— Acho que me lembro. — Ela pensou um pouco antes de falar. — O nome dele era Cláudio, Cláudio Silveira.

— Ah, está bem. Muito obrigada, mãe. Eu estou bem melhor — disse Josie, mudando de assunto para a sua mãe sair logo de seu quarto. Ela ficou curiosa e queria procurar mais sobre o que sua mãe dissera.

— Que bom. Eu vou me deitar, mas esquece o assunto que conversamos, tudo bem? Isso não importa mais — disse Angelina. Ela não sabia, mas para Josie importava, e muito. Desde criança a garota sempre imaginou como era seu pai e agora que ela sabia quem realmente era ele, queria encontrá-lo.

— Tudo bem. Eu vou esquecer.

Angelina saiu do quarto da garota e apagou as luzes. Josie aguardou até ter certeza de que sua mãe havia ido deitar e levantou-se para pesquisar.

Doutor Cláudio Silveira. A garota digitou no navegador de buscas e o mais perto que apareceu, estava em sua cidade. *Só pode ser ele.* Pensou ela, feliz por ter encontrado algo. Mas, até então, só sabia o local que ele trabalhava, o nome e seu rosto, que tinha conseguido em sua pesquisa no buscador. Para achá-lo, precisava ir ainda mais fundo e resolveu digitar seu nome no Facebook. Ela até achou estranho quando percebeu que a primeira pessoa das buscas era Cláudio, mas isso era porque, estranhamente, ela tinha um amigo em comum com ele: Danilo Barose.

Josie achou estranho, mas relevou. Queria descobrir mais sobre ele e passou a noite stakeando-o. Viu todas as suas fotos e, finalmente, achou algo que a interessava. Em uma foto, ela viu a fachada da casa de Cláudio e ficou feliz ao perceber que sabia onde era, pois já tinha passado em frente muitas vezes quando estava indo para a escola. A casa de Cláudio ficava no bairro ao lado.

Algumas semanas depois que Rebeca, paciente de Cláudio, faleceu, ele percebeu uma piora na saúde de sua mulher também e, como a amava muito, a levou ao hospital e procurou todos os tratamentos que ela poderia fazer, mas todos os médicos diziam que não havia mais como curá-la e só restava esperar a morte chegar. Ninguém sabia se seriam dias ou semanas, mas a morte de Célia, sua esposa, era inevitável.

— Eu não quero que você me deixe — disse Cláudio, ajoelhado, segurando a mão de Célia perante a cama de hospital que ela estava deitada. O homem molhava a mão de sua amada com suas lágrimas.

— Querido. Olhe para mim — pediu ela. — Quando eu me for, estarei em um lugar incrível olhando por você.

— Como você sabe? — perguntou ele. Célia era muito devota, porém Cláudio não compartilhava da mesma fé.

— Eu apenas sei, querido. E quando eu estiver lá, eu vou vir até você, em espírito, para dizer que estou bem. — Ele levantou o rosto; enxugou suas lágrimas e olhou para ela.

— Tudo bem, meu amor.

— Querido, eu quero ir para casa. Não quero morrer no hospital.

— Mas meu amor... Aqui tem melhores equipamentos para lhe atender — disse ele.

— Por favor, querido. Esses equipamentos não servirão de nada. Só adiarão o inevitável, e não quero ficar sofrendo até minha morte.

— Tudo bem, querida. Vou avisar os médicos que você quer ir para casa.

Cláudio tirou Célia do hospital e a levou para casa. Os dois viveram juntos por mais uma semana intensa. Ele havia tirado alguns dias de folga para cuidar de sua esposa e ficou ao seu lado a todo momento. Cláudio fazia todas as delícias que Célia pedia e os dois relembavam o passado, de quando eles se conheceram, todos os dias. Célia o lembrou do primeiro baile que os dois dançaram juntos. Cláudio a lembrou do primeiro beijo. Devido às quimioterapias, Célia havia ficado muito fraca e Cláudio não arriscava fazer amor com ela, mas os momentos que passaram juntos naquela semana foram os melhores.

— Querida. Cheguei — disse Cláudio, ao chegar do mercado. Naquela semana, o doutor Cláudio não deixou Célia sozinha por nem um minuto, mas naquele dia, ela havia pedido para ele ir ao mercado comprar algumas coisas para fazer seu prato favorito, bisteca com bacon.

Não houve resposta.

Cláudio colocou as coisas na mesa e chamou novamente, e mais uma vez não houve resposta. Ele achou que ela poderia estar dormindo no quarto e foi até lá.

— Meu amor... — Ele chegou próximo a ela e lhe deu um beijo em seu rosto, mas percebeu que ela não estava respirando. — Célia? — Ele tentou sacudi-la e ela não se mexeu.

Cláudio entrou em desespero. Tentou fazer massagem em seu peito e pegou um

equipamento para tentar fazê-la voltar à vida, mas não funcionou.

Dizem que quando estamos prestes a morrer, toda a nossa vida passa diante de nossos olhos, mas Cláudio não havia chegado nem perto da morte e todas as lembranças de sua vida vieram à tona. Cláudio se lembrou do primeiro beijo com Célia; da primeira vez que fizeram amor e até da primeira vez que discutiram. Célia foi seu primeiro amor e Cláudio a amava muito, talvez até mais que a própria vida, pois, caso pudesse escolher quem iria morrer, claramente ele se entregaria no lugar dela. Sua vida agora era só vazio e desespero. Ele não queria deixá-la partir, mas teria que fazer isso. Cláudio ficou por mais de vinte minutos chorando ao lado do corpo de sua mulher, quando escutou uma voz familiar.

— Querido, me ajude. — A voz era suave, mas Cláudio pôde reconhecer. Era a voz de Célia.

— Amor? Você está viva? — perguntou ele, aproximando-se da boca de sua amada. Mas não houve resposta.

— Não, querido. Eu estou aqui. — Ela o chamou e ele olhou para trás.

Cláudio se assustou, não sabia se era delírio ou se estava sonhando, mas ele poderia estar errado em todo seu ceticismo e o mundo espiritual realmente existir.

— Você voltou! — disse ele, entusiasmado. — Está tudo bem lá em cima? — perguntou ele.

— Não, meu amor. Eu preciso voltar — disse ela.

— Mas você me disse que estaria tudo bem quando você se fosse.

— Eu me enganei. Não estou bem. Preciso voltar — respondeu ela.

— Mas como? Você está morta! — perguntou ele, sem entender como estava conversando com ela.

— Há um jeito. Você é cirurgião. Faça uma cirurgia.

— Como?

— Substitua meu coração.

— Não adiantará em nada eu substituir seu coração. Após quinze minutos sem receber o sangue bombeado do coração, o cérebro morre! Seu cérebro já está morto! — Cláudio estava confuso com a conversa.

— Querido, tenha fé. Eu estou aqui! Minhas memórias ainda estão aqui.

Cláudio entrou em desespero, precisava manter o corpo de Célia até conseguir um novo coração. Ele lembrou que, ao fundo de sua casa, havia um freezer que ele e Célia utilizavam para colocar carnes de vez em quando, mas não havia carnes no momento e ele congelava bem. Lembrou, também, de um documentário que havia assistido, sobre pessoas que estavam se congelando para serem descongeladas e “ressuscitadas” no futuro. Ele não sabia se daria certo, mas alguns cientistas diziam que sim e ele colocou o corpo de sua mulher no freezer. Agora o doutor precisava saber onde conseguiria o coração para colocar no corpo de sua mulher. Ele lembrou que, há alguns meses, tinha conseguido

entrar em um fórum de discussão, na deep web, sobre mercado negro de órgãos. Na época, ele só queria aprender um pouco mais como funcionava. Agora, precisaria da ajuda das pessoas que traficavam esses órgãos, então, iniciou uma nova discussão, explicando sua história e perguntando se alguém tinha algum para lhe vender.

De repente algo interrompeu seu foco. A campainha tocou e ele, desesperado para não ser descoberto, mas querendo agir normalmente, apagou a luz de fora para o freezer não ser visto e foi atender a porta.

— Pois, não? — perguntou ele ao abrir a porta.

— Oi, você é o doutor Cláudio Silveira? — perguntou a garota que estava à porta.

— Sou eu — respondeu. — Por quê? — Ele estava desconfiado, e, por dentro, desesperado.

— Eu tenho motivos para acreditar que sou sua filha — disse ela. Cláudio se assustou. Apesar de querer, ele nunca havia tido uma filha e, mesmo não fazendo o exame para comprovar, acreditava que era estéril.

— Eu sou estéril — disse ele, mesmo sem saber.

— Aparentemente, não — disse ela, sorrindo. — Lembra da festa da PUC, que você participou vinte anos atrás?

— Participei de muitas festas enquanto estudava, garota.

— Então, em uma dessas festas, você conheceu uma garota de cabelos loiros e olhos castanhos? Ela se chamava Angelina.

— Sim... Lembro vagamente. — Ele ainda estava desconfiado.

— Então, você dormiu com ela naquela noite e nove meses depois, eu nasci! — Ela riu e ele continuou encarando-a. — Nossa, como você é sério.

— Como você sabe que sou eu, garota?

— Bom.. minha mãe só dormiu com dois homens naquela semana e naquele mês, você e um outro velho arrogante que já comprovamos que, graças à Deus, não sou filha dele. — Ela fez uma pausa. — Eu sei. É difícil de entender, mas posso entrar para conversarmos?

Cláudio olhou para trás, ainda com desconfiança.

— Pode, sim. — Ele deu espaço para ela entrar e Josie foi direto sentar-se no sofá. — Uma garota muito “entrona” você é, não? — Ele a repreendeu.

— Desculpe...

— Tudo bem. Aceita uma água? — perguntou ele.

— Sim, por favor.

Cláudio buscou uma água para Josie e sentou-se no sofá para conversar com ela. Josie estava tão feliz que tinha achado seu pai que começou a contar toda a sua história para o homem, ainda desconhecido. Ele achou estranho, mas gostou da história e deixou que ela continuasse. Por um instante, ele esqueceu de Célia. Josie lhe contou sobre Danilo

e em como o amava, mas lhe contou, também, que ele estava com outra garota e que ela estava morrendo de raiva. Cláudio percebeu que Josie sentia um amor intenso por Danilo, talvez até obsessivo, e, por um segundo, pensou em lhe contar sobre Célia e lhe mostrar o corpo, talvez ela entenderia. *Claro que ela nunca entenderia. Você acabou de conhecê-la.* Pensou ele, antes de deixar esses pensamentos flutuarem para fora de sua cabeça.

— Querido, mostre-a. — O espírito de sua esposa manifestou-se para ele novamente e ele quase se afogou, bebendo água.

Cláudio ficou calado, não queria que Josie pensasse mal dele.

— Mostre-a — exigiu ela, agora, com uma voz menos suave.

Cláudio ainda ficou em silêncio por um instante, mas resolveu fazer o que a esposa havia pedido e, antes de mostrar o corpo para a garota, contou a incrível história de amor que havia tido com Célia até sua morte.

— Que triste. E quando ela faleceu? — perguntou Josie.

— Hoje — ele respondeu.

— Sinto muito. — Josie estranhou que o homem não estava no velório, mas resolveu não perguntar sobre.

— Mas não será por muito tempo — disse ele.

— Como assim?

— Eu e Célia tínhamos uma conexão muito forte e o espírito dela me disse que ainda podemos reverter as coisas.

— Entendi. — Josie percebeu que ele estava paranoico. — Eu preciso ir.

— Não, espere, filha. — Ele tocou em um ponto que mexeu com Josie. — E se acontecesse algo com Danilo? Se pudesse reverter as coisas. Você reverteria?

— Claro que sim — disse ela, pensativa.

— Então, é isso que estou fazendo. Eu só preciso fazer uma cirurgia no corpo dela e instalar um novo coração.

— No corpo dela? Você irá desenterrá-la?

— Não. — Ele fez uma pausa. — Me acompanhe.

Josie, sem saber o porquê, seguiu Cláudio até o fundo de sua casa. Ele abriu o freezer e ela se assustou ao ver o corpo de Célia congelado.

— Tenha calma, filha. Essa é a sua madrastra e, se me ajudar, em breve poderá conhecê-la.

Josie achou doentio, mas também romântico. Ficou curiosa com o que Cláudio queria fazer e decidiu ajudá-lo.

— Está bem. Eu te ajudo, mas como iremos fazer? — Naquele momento, a mente de Josie se tornou tão sombria e doentia quanto a de seu pai.

— Eu comprarei um coração no mercado negro de órgãos e farei a cirurgia.

— Mas se ela faleceu com um câncer no fígado, não precisará substituí-lo também? — Cláudio não havia pensado nisso.

— Tem razão, providenciarei um ótimo fígado para ela.

Cláudio voltou a mexer em seu computador e percebeu que alguém o havia respondido.

Eu tenho um coração em bom estado. Sua história é linda e eu posso dá-lo a você. Dizia a mensagem, com o usuário em números, 12031967.

Muito obrigado! Cláudio agradeceu. *Você tem algum fígado também?*

Posso providenciar. Respondeu. *Me encontre próximo ao cemitério de Sousas daqui a uma hora, no máximo. Você deve saber que esses órgãos não podem ficar mais do que seis horas longe de um corpo.*

Como sabe que sou de Campinas? Perguntou.

Você esqueceu de mudar o IP de seu computador. Respondeu a pessoa, claramente tinha conhecimentos hackers.

Uma hora depois, em um pôr do sol de quinta-feira, Cláudio foi até o cemitério de Sousas encontrar com o usuário 12031967 e conseguiu os órgãos que tanto queria. Chegando em casa, tirou o corpo de sua mulher do freezer e fez a tão esperada cirurgia, mas quando deu choques em seu coração para que ela voltasse à vida, se decepcionou, pois, como previa a biologia, não havia como ressuscitar alguém pela ciência. Ele chorou, não conseguia acreditar que sua experiência não havia dado certo. Ele queria sua esposa de volta e só conseguia pensar que todo o processo deveria ter falhado devido ao órgão. Ele nunca iria admitir que errou, pois era mais fácil acreditar que tudo não deu certo devido ao coração ser velho.

Cláudio colocou novamente o corpo de sua esposa no freezer e ligou para Josie, dizendo que não havia dado certo e perguntando se ela poderia ajudá-lo a descartá-lo. A garota concordou, mas disse que só iria no outro dia, pois estava um pouco cansada e já estava indo se deitar.

Se Josie ao menos soubesse no que estava se metendo, talvez não escolheria ir no dia seguinte jogar o órgão ao rio e, talvez não teria nem ido conhecer seu pai, mas se isso tivesse acontecido, nunca teria conhecido seu lado obscuro e conhecê-lo estava lhe fazendo bem.

Logo que Josie entregou seu pai, Jonathan e o delegado conseguiram seu endereço e foram até a casa de Cláudio. O lugar parecia vazio, estava totalmente escuro e eles esperaram os reforços chegarem para arrombarem o local.

— Delegado. Olhe só para aquela janela da casa — disse Jonathan. — Há uma pequena luz acesa. — Avisou.

O delegado viu e acenou para seus homens olharem para lá também. Devagar, foram até a porta e arrombaram-na. Cláudio se assustou e tentou fugir, não antes de levar o corpo de sua esposa. Quando chegou perto do freezer foi pego por um dos policiais que chamou o delegado para ver o que haviam encontrado quando abriu o freezer. Era o corpo

de uma mulher que, segundo a perícia que chegou logo depois, deveria ter morrido há um ou dois dias. No corpo havia marcas de cirurgia próximas ao coração e eles perceberam que, realmente, Cláudio não era um assassino, mas um louco que queria dar uma de doutor Frankenstein com sua esposa.

O delegado mandou levarem-no para uma clínica psiquiátrica onde ficavam presos com problemas mentais e foi vasculhar os outros cômodos da casa. Quando chegou no quarto, lugar de onde estava saindo a luz que eles haviam visto, viram que Cláudio deixou um computador ligado. O computador estava logado na internet, com uma conversa em um fórum de discussão aberta. Cláudio estava negociando outro órgão com o usuário 12031967, que, estranhamente, era a data de nascimento do delegado.

Jonathan viu que isso poderiam ajudá-los a levar até o assassino, então, sugeriu ao delegado que continuasse a negociação. O delegado estava digitando, quando de repente, surgiu um vídeo na tela do computador.

— *Venha me encontrar, delegado* — disse o homem encapuzado, sem dizer o local ao certo e, antes que o vídeo fechasse, Jonathan conseguiu tirar um print da imagem que apareceu na tela. Poderia haver alguma pista de onde ele estava.

Sombras de um passado doloroso

Abril de 1977.

— Crianças, não corram pela casa. — Uma mulher, morena, com aproximadamente vinte e sete anos repreendia seus dois filhos por estarem correndo pela casa. Um deles se chamava Alexandre, tinha cabelos pretos iguais aos da mãe e cinco anos de idade, era o mais novo. Joaquim era o mais velho, tinha dez anos e parecia muito com o irmão.

Um homem, de cabelos castanhos, abriu a porta e Alexandre foi correndo para abraçá-lo.

— Papai! — disse ele, entusiasmado.

— Quem é o meu herói? Quem é? — perguntou o pai deles a Alexandre, que estava com uma toalha enfiada na camisa, perto do pescoço, para brincar de super-herói.

— Sou eu! — disse ele, levantando os braços.

— Eu também! — Joaquim apareceu e abraçou seu pai pelas costas, enquanto Alexandre estava em seu colo.

— Isso! Vocês dois são meus heróis! — O homem era forte e agarrou cada um em um braço e os levantou.

— Essa é a hora que você chega em casa, Manoel? — perguntou Maria Joana, sua esposa.

— Desculpe, meu amor. Eu estava resolvendo algumas coisas no trabalho — respondeu ele.

— Você estava resolvendo o que no trabalho? Funcionário público não trabalha até essas horas. Já está quase na hora do toque de recolher. Nove horas! Onde já se viu chegar esse horário em casa, deixando seus filhos e sua esposa sem notícias.

— Me desculpe, meu amor. Eu tive que ficar até depois que fechou a escola.

— Tudo bem, eu te desculpo, meu amor, mas não faça mais isso, está bem? — disse ela. Geralmente, naquela época, os homens costumavam mandar em suas esposas e, muitas vezes, até batiam nelas, mas na casa de Maria e Manoel era totalmente diferente. O rapaz parecia amá-la tanto que às vezes até deixava sua esposa perceber que tinha poder sobre ele.

Manoel deu-lhe um sorriso, colocou as crianças no chão e foi até ela, dar-lhe um grande beijo. Ele amava muito Maria e acreditava que ela também o amava muito, tanto que os dois, mesmo não estando oficialmente casados e com tanta falácia a respeito disso, permaneciam juntos, sem importar com as outras pessoas.

Maria e Manoel começaram a namorar ainda não época de colégio. Ele tinha dezenove anos e ela dezesseis. Se conheceram em uma festa junina da cidade. Mesmo Maria não sendo maior de idade e seus pais não gostarem do namoro dos dois, nada os

impediu de ficarem juntos, pois quando iriam fazer terminar a tão intensa relação, Manoel e Maria resolveram que teriam um filho, e foram juntos para a cama pela primeira vez.

Nove meses depois nasceu Joaquim e os dois lhe deram todo o amor do mundo, mas não deixaram de ter tempo um para o outro. Criaram Joaquim mostrando que o amor funcionava, mesmo tendo filhos. Mostraram a ele que o amor dos dois era tão grande que conseguiriam dividir com ele e ainda assim se amarem como marido e mulher e, depois de cinco anos, e Joaquim pedindo por um irmãozinho, nasceu Alexandre. Um nome incomum para a época, mas Manoel era professor de história e um dos personagens históricos que mais o fascinava era o antigo rei, que deu o nome à grande cidade no antigo Egito, Alexandria. Cidade a qual sonhava um dia em visitar.

Joaquim ajudava sua mãe a cuidar de Alexandre enquanto Manoel trabalhava e os dois irmãos eram muito unidos, tão unidos que, quando um fazia bagunça o outro escondia, mas quando a mãe descobria, os dois também apanhavam, entretanto nunca entregaram um ao outro.

Quando Joaquim fez dez anos, sua mãe parou de lavá-lo para a escola e pediu para que ele levasse seu irmão também. Ele o fazia de bom grado. Mas enquanto estavam na escola, nem eles e nem o pai sabiam que a mãe estava traindo Manoel com o vizinho. Depois que Alexandre nasceu, Manoel costumava ficar mais horas no trabalho e quase não tinha mais tempo para sua família, menos ainda para sua esposa que, ao ficar em casa o dia inteiro com as duas crianças, ia se deitar quando ele chegava, cansada.

Certo dia, em uma sexta-feira, Manoel resolveu fazer uma surpresa para Maria. Sem avisá-la que saiu mais cedo do trabalho, resolveu passar na escola em que seus filhos estudavam e pegá-los para ir com eles no shopping e comprar uma aliança de casamento para oficializar a união. Chegando à loja, colocou seus filhos no chão, que havia carregado no colo até o momento, e foi conferir o brilho e o preço de cada aliança. Achou uma mais linda que a outra, mas queria uma dica.

— Eu queria a aliança mais bonita para a mulher mais linda — disse ele para a vendedora, e seu filho, Alexandre, ficou olhando para ele, enquanto conferia as incríveis alianças da loja.

Manoel escolheu uma aliança muito linda, que deixaria Maria boquiaberta quando visse.

— Quer escrever algo? — perguntou o vendedor.

— Quero, sim, por favor — respondeu ele com um sorriso.

— O que quer que escreva?

— “Eu sempre te amarei”.

— Que romântico, não? — disse o vendedor.

— Acredito que ela vai amar essa aliança — retrucou Manoel.

— Eu também acho! — O vendedor finalizou a sua compra e Manoel foi embora da loja, junto com seus filhos.

Quando Manoel chegou em casa, reparou algo estranho. Sua esposa sempre

deixava a cortina da janela da cozinha um pouco aberta, mas naquele dia estava fechada. Ele pediu para seus filhos brincarem um pouco para fora e foi espiar o que estava acontecendo.

Era noite e havia velas apagadas em cima da mesa. Parecia que alguém havia estado ali recentemente.

— Querida. Chegamos!

— Oi, amor, onde vocês estavam? — perguntou ela, andando de costas, com a mão para trás.

— Eu fui no shopping dar uma volta com as crianças — respondeu.

— E nem me chamaram. — Ela continuava não querendo que ele visse algo.

— Está tudo bem? Por que você está com a mão para trás? — perguntou.

— Não é nada. É só uma colher. — Ela revelou as mãos e havia apenas uma colher.

— Você estava fazendo algo? — perguntou ele ao ver que a colher estava suja.

— Ah, sim. Eu estava fazendo um bolo para quando vocês chegassem. — Ela deu uma desculpa, que colou e Manoel parou de perguntar.

— Tudo bem, então, vou para o quarto e depois vou tomar banho.

— Está bem. — Ela deu um sorriso, sem conferir se seu amante havia esquecido algo lá.

Manoel chegou ao banheiro e tirou a camisa, mas quando foi entrar na banheira reparou que havia uma camisa masculina, que não pertencia a ele.

— Maria... — Venha cá, por favor. — Era a primeira vez que ele tinha mandado a esposa dele fazer algo. Ela sabia que estava com problemas.

— O que foi, meu amor? — perguntou ela.

— O que foi? De quem é essa camisa no banheiro? — Ela não soube o que responder. — Você está me traindo!! — gritou ele.

— Eu não estou te traindo. — Ela ficou na defensiva. — Você que deve estar me traindo com aquela sua professorazinha que te ajuda nas aulas. — E reverteu a situação, acusando-o.

— Eu? Eu estou te traindo? — perguntou ele. — Tem uma camisa de um outro homem no nosso banheiro e eu que estou te traindo? Porra, Maria!

— Você, sim. Eu vejo você de papo com ela pelo telefone todos os dias.

— É para programar as aulas do dia seguinte.

As crianças escutaram a briga e foram correndo para dentro.

— Programar as aulas. Sei que é para isso. Você deve estar me traindo, isso sim.

Manoel começou a perder a cabeça.

— Você está tentando reverter a situação? Você me traiu e está me acusando?

— Como você sabe que eu te trai? Só tem uma camisa no nosso banheiro. — Ela tentou fazê-lo de louco na frente das crianças.

— Você está me acusando de sair com uma garota, bem mais nova que eu, só porque conversei sobre as aulas com ela.

— Como eu vou saber que você não foi me trair com ela? — perguntou a mulher. Você saiu sem me avisar. — Manoel pegou a aliança de seu bolso e mostrou a ela.

— Eu fui comprar isso para você — disse ele, mas ela ainda brigava com ele. Parecia que ela desconfiava de seu marido há tempos, mas resolveu acusá-lo bem quando ele descobriu de sua traição.

Manoel pegou uma arma, que estava trancada em seu criado-mudo e apontou para Maria.

— O Diabo que usa, acusa — disse ele e, antes que ela pudesse dizer algo, puxou o gatilho. O sangue espirrou no rosto das crianças e eles gritaram.

Manoel, com medo de descobrirem ou as crianças contarem à polícia, apontou a arma para seus filhos, mas não conseguiu puxar o gatilho. Desesperado, ele colocou as crianças e o corpo de sua esposa no carro e levou até o Atibaia, jogando o corpo ao rio. As crianças ficaram olhando, apavoradas, para o corpo de sua mãe, boiando na correnteza, indo rio abaixo e não perceberam seu pai chegando por trás e também os empurrando junto com o corpo.

Manoel amava sua família. Ele nunca, em sã consciência, faria uma coisa daquelas, mas, em um momento de fúria, surtou com o que havia descoberto sobre sua esposa e cometeu tal crime. Quando ele voltou a si, percebeu a merda que havia feito e, com a mesma arma que atirou na cabeça de sua mulher, apontou para o próprio queixo e suicidou-se.

Enquanto as águas do rio corriam, Joaquim gritava por socorro, mas não ouvia a voz de seu irmão, pois este havia batido a cabeça em uma pedra e desmaiado. Um casal, que passeava ao longo do rio ouviu o grito da criança e foram socorrê-lo. Também acharam Alexandre que, quando bateu a cabeça e desmaiou, a pedra não deixou com que seu corpo passasse.

O casal os socorreu e levou Joaquim para o orfanato, mas Alexandre, como havia desmaiado, foi para a UTI.

Fazia algumas semanas desde que Joaquim estava no orfanato e ainda não havia tido notícias do irmão. Por causa da tragédia, que chocou a cidade, muitos casais se solidarizaram-se e queriam adotá-lo, mas ele dizia que só queria ser adotado se o irmão fosse junto, mas este ainda não havia tido melhora, ainda estava em coma. Certo dia, um casal famoso da cidade foi até o orfanato e disse que queria adotá-lo. Joaquim gostou muito de seus pretensos pais, mas ainda mantinha sua palavra. Até que um monge do orfanato foi conversar com ele.

— Oi, Joaquim, tudo bem? A Madalena e o seu Raimundo são legais, não? — perguntou ele, referindo-se ao casal.

— É... São, sim — disse ele, meio cabisbaixo.

— Por que você não vai morar com eles?

— Eu não quero ir morar com ninguém sem o Alexandre — respondeu ele.

— Olha, Joaquim. Serei sincero com você. Seu irmão está em estado de coma profundo e não sabemos se ele irá sair dessa — disse o monge.

Lágrimas começaram a brotar nos olhos de Joaquim.

— Você não pode parar de viver por causa disso. Seu pai foi o errado e deixou de viver, não você. Não pode deixar a tristeza te consumir. Tem que seguir em frente.

Naquele momento, Joaquim estava chorando muito e abraçou o monge.

— Está bem, eu vou com eles... — disse o garoto, por fim.

Mais tarde, Joaquim, feliz com a nova família, sentia um senso de justiça e raiva pelo que o pai tinha feito e perguntou se podia mudar o nome, pois o assassino de sua mãe que havia lhe dado, e ele não queria mais nenhuma lembrança daquela época. A única coisa que Joaquim levou foi uma foto em que havia somente ele e seu irmão.

Semanas depois, Deus, ou qualquer outra entidade que Alexandre acreditava naquele momento, resolveu dar uma nova chance para o garoto e, um milagre do hospital, saiu do coma sem nenhuma sequela, eles acreditavam. A fama do garoto do orfanato que ficou em coma por semanas e acordou totalmente bem fez tanto sucesso que, quando ele saiu do hospital, já havia um casal para adotá-lo. O casal era de São Paulo, e para ele não ficar perguntando sobre seu irmão, seus pais adotivos disseram que ele se afogou na correnteza do rio. Sendo cúmplices de tal mentira, os padres e as freiras do orfanato confirmaram a versão.

Os anos passaram e Alexandre parecia não gostar de brincar com outras crianças. Ele havia sofrido um grande trauma na infância, mas, estranhamente, parecia sentir prazer e felicidade ao ver sangue e, sempre que ia brincar, machucava-os.

Joaquim, agora com outro nome, deixou o senso de justiça aflorar na sua alma e a cada dia mais sabia que, quando crescesse, queria ajudar as outras pessoas e dar a justiça que merecem. Quando ele fez dezoito anos, resolveu cursar direito.

Alexandre não era muito estudioso. Preferia sair para beber e arrumar briga no bar do que ficar em casa estudando para ter um futuro, como diriam seus pais. Certo dia, depois de uma bebedeira, escutou seus pais conversando sobre ele. Sua mãe questionava se realmente deveriam ter mentido para ele há alguns anos. Ela acreditava que se falasse a verdade sobre seu irmão, Alexandre teria sido um garoto mais feliz.

— Contar o quê sobre meu irmão? — Ele surpreendeu seus pais com a pergunta.

— Nada, filho — disse seu pai.

— Nós temos que contar, Emílio — disse Wanda. Alexandre a encarava. — Quando você era mais novo, seu irmão não havia morrido. Ele havia sido adotado e não queríamos que você ficasse perguntando por ele. — Ela fez uma pausa. — Então dissemos a você que ele havia morrido.

Nos olhos de Alexandre só se enxergava fúria.

— E os padres e as freiras? Elas também me disseram que ele havia morrido! — questionou ele.

— Seu irmão também havia dado problema para eles por você não estar lá, então, para não acontecer isso, nós concordamos em manter essas meia-verdades. — Ela tentou amenizar.

— Meia-verdades? Vocês mentiram para mim sobre meu irmão!

— Filho, nos desculpe — pediu o pai.

Alexandre acalmou, por fora, mas por dentro, seu coração ardia em fúria. Ele acreditou em todos e se entristeceu todos aqueles anos pela morte de seu irmão e agora acabava de descobrir que ele estava vivo. Ele, calado, foi até a cozinha, pegou uma faca e voltou para a sala, onde estava conversando com seus pais.

— Filho. O que você vai fazer? — perguntou sua mãe, enquanto ele se aproximava dela. Ele não respondeu, apenas enfiou uma faca em sua barriga e ouviu-se ecoar, por toda a casa, o grito agudo de sua mãe. Em seus olhos só se via o vazio.

— O que você está fazendo? Eu vou chamar a polícia! — disse seu pai, mas foi tarde demais. Alexandre conseguiu chegar até ele e matá-lo também.

O homem, para não ser descoberto, fez uma fogueira e queimou os corpos de seus pais. Porém, esquecendo a arma do crime e com algum tempo de investigação, a polícia descobriu e ele foi para a prisão. Acusado de homicídio qualificado, pegou vinte e cinco anos de prisão, cumprindo toda a pena.

Na prisão, Alexandre começou a ler e se apaixonou por literatura inglesa. Conhecia os maiores nomes como Shakespeare, Bran Stoker, Marry Shelley e Oscar Wilde. Lendo os maiores romances góticos e policiais, ele se identificava com cada assassino em série que lia e, um em especial o interessou, Jack – O estripador. Jack havia sido o maior assassino em série do século dezenove, matando dezenas de prostitutas e nunca haviam descoberto quem ele realmente era. Alexandre se interessou muito por Jack, mas não pelo seus crimes e sim pelo método que ele usava para assassinar. Abrir a pessoa, da barriga até o começo da virilha deixava-o intrigado, pois gostava de ver as pessoas sangrarem e esse, sem dúvida, era um dos melhores métodos de se matar alguém, com um espetáculo.

O tempo foi passando e, vinte e cinco anos depois, terminando sua pena, Alexandre decidiu ir à procura da pessoa que ele mais amou na vida, seu irmão. Como ele não sabia por onde começar, aprendeu algumas coisas com um grupo de hackers que havia conhecido na prisão e entrou no sistema do orfanato, achando a ficha de seu irmão. Viu o seu verdadeiro nome e começou a pesquisar sobre ele. Descobriu que Joaquim, como ele costumava chamar, havia feito direito e já estava atuando como delegado da cidade onde nasceram. Agora parecia que ele se chamava Márcio, Márcio Mendes...

Uma grande revelação

Márcio e Jonathan estavam com um print da tela que haviam tirado quando o assassino desafiou o delegado, mas Jonathan não sabia por onde começar a analisar. Ele abria e fechava a foto várias vezes, mas não conseguia achar a pista que estava na foto. *“Venha me encontrar, delegado”... Por que o assassino havia falado isso? Como eles iriam encontrá-lo?* Jonathan se questionava a todo instante.

— E aí, já conseguiu achar algo? — perguntou o delegado.

— Ainda não. Parece que nada faz sentido. Ele pediu para encontrá-lo, mas não deixou nenhuma pista — respondeu Jonathan.

— Você tem certeza?

— Tenho. Eu não achei nada.

— Posso ver a imagem?

— Claro. Fique à vontade. — Jonathan abriu a imagem e o delegado Mendes ficou observando. Ele analisou cada detalhe da foto e reparou em algo que acreditava que Jonathan ainda não tinha visto.

— Detetive, veja só — ele o chamou.

— O que foi?

— Está vendo? — O delegado apontou para um lugar específico. Bem ao fundo da imagem havia uma parede e nela havia um quadro, que estava embaçado, devido a qualidade da imagem, mas se reconstruíssem, poderiam ter alguma pista, pois parecia ser uma foto, bem antiga, por sinal. — Vou pedir à polícia científica para fazer a reconstrução da imagem — disse ele.

Quando Márcio e Jonathan saíram da sala onde estavam vendo a prova, o delegado pediu para que a polícia ajudasse no caso e viu que Danilo o esperava. Mesmo achando o assassino, ele tinha algumas coisas para esclarecer com o garoto e o chamou para interrogá-lo.

— Quem é Carlos Suaréz? — perguntou o delegado a Danilo.

— Quem? — o garoto respondeu com outra pergunta.

— Você ouviu muito bem — o detetive se manifestou.

— Ele era meu traficante de drogas.

— Então quer dizer que você andou se envolvendo com drogas? Você? Eu nunca falaria que você é usuário. As aparências enganam, não? — disse Jonathan.

— Eu era usuário. Depois que comecei a namorar com Jéssica, larguei a cocaína e me dediquei totalmente a ela e aos estudos.

— E por que Carlos apareceu morto em um crime relacionado ao assassino de Jéssica?

— Como? Vocês acharam o assassino de Jéssica? Onde ele está?

— Ainda não descobrimos quem é, mas já estamos perto — disse o delegado. Agora, responda minha pergunta.

— Eu realmente não sei o que ele teria a ver com isso — respondeu Danilo.

Apesar de o garoto ser sincero, Jonathan ainda não estava convencido. Ele acreditava que, se cutucasse essa ratoeira, sairia mais rato de dentro dela, mas foram interrompidos por um dos policiais.

— Delegado Mendes? Conseguimos reconstruir a foto.

— Ótimo! Obrigado por avisar. — O delegado agradeceu. — Você está liberado, por hora — disse ele a Danilo.

O delegado foi conferir a reconstrução da imagem e não acreditou no que viu. Era ele e seu irmão mais novo que estava moldurado no quadro. A foto havia sido tirada no mesmo dia da única foto que ele havia guardado de sua família. Ele reconheceu o lugar em que foi feita a filmagem. Era sua antiga casa. *Mas como era possível?* Ele acreditava que, quando aconteceu tudo aquilo com a sua família, os móveis da casa tinham sido jogados fora e ela havia ficado abandonada, devido a ninguém querer comprá-la, mas, pelo que ele estava vendo, essa moldura havia ficado e resistido ao tempo, mas já fazia quarenta anos que tudo havia acontecido. Uma coisa Márcio teve certeza, o assassino queria provocá-lo e tinha tornado tudo isso pessoal.

— Eu sei onde é — disse o delegado a Jonathan.

— Sabe?

— Sim, eu sei. Ele quer desenterrar um passado da minha vida que já está “onze palmos” debaixo da terra.

— Onze? — questionou o detetive.

— Sim, esse meu passado estava muito mais enterrado que o normal.

Enquanto estavam indo para sua antiga casa, o delegado contou sua história para o detetive, que se surpreendeu em como ele conseguiu esconder isso por tanto tempo e a achou interessante, digna de um livro.

Quando chegaram ao local, ficaram surpresos, mas não tanto, ao perceberem que o assassino já os esperava. Ele começou a bater palmas quando eles se aproximaram.

Jonathan e Márcio queriam chegar rápido ao local e dispensaram qualquer reforço para ir com eles.

— Até que enfim vocês me acharam, hein? — O assassino sorriu. — Estavam demorando demais! — disse, como se os estivesse observando a todo instante. Jonathan e Márcio não deram uma única palavra até se aproximarem dele.

— Alexandre? — perguntou Márcio, ao ver algo familiar no rosto do assassino.

— Isso! Agora você me reconheceu, maninho — respondeu. — Eu estava esperando por esse momento!

— Como assim? Me disseram que você estava morto!

— Bom, eu não queria te contar, mas mentiram para você como mentiram para mim. Eu fiquei meses procurando por você e quando eu finalmente te encontrei, você não me reconheceu. Eu fiquei decepcionado, pois nem olhar na minha cara, você olhou. — Márcio estava se lembrando. Um homem havia esbarrado nele há algumas semanas e quando ele disse que era seu irmão, o delegado o ignorou dizendo que não tinha irmão e saiu, dizendo que estava com pressa. — Como assim você esqueceu do próprio irmão? Eu precisava te lembrar que ainda tinha família.

— Me lembrar? — O delegado estava confuso.

— Sim! Eu precisava fazer com que todas as câmeras se voltassem para mim para que você pudesse me ver. O garoto ter ido comprar a aliança foi a oportunidade perfeita! — Ele fez uma pausa. — Jéssica e Danilo. Um casal apaixonado que estava prestes a se casar. A garota discute com o rapaz quando ele iria pedi-la em casamento, acusando-o de traição. — Outra pausa. — Me diz, irmão, você não acha que “O diabo que usa acusa...”? — perguntou. Mendes começou a se lembrar de tudo. Essa era a frase que seu pai havia dito à sua mãe antes de puxar o gatilho para matá-la. — Jéssica não era nenhuma inocente. Ela deveria estar traindo seu namorado com outro qualquer. — Papai estava certo, pessoas assim devem ser eliminadas da face da terra.

— O que você fez com a garota? — Márcio questionou seu irmão.

— O que ela merecia! — Riu. — Vocês sabiam que, tendo os conhecimentos certos, não é tão difícil duplicar uma conta de aplicativo e saber o carro que a pessoa pediu? — Ele fez outra pausa. — Eu não queria mais mortes. Claro que era um risco, mas com uma arma apontada para sua cabeça e alguém ameaçando sua família, ninguém denuncia um roubo de carro. O carro não vale mais que a sua vida ou de sua família. — respirou fundo. — As pessoas, mesmo com o mundo cruel do jeito que está, continuam confiando nas outras pessoas e pegando carona com desconhecidos no banco da frente. Assim facilita para pessoas que querem fazer algo com elas.

— Seu desgraçado! — Jonathan ia dar um soco no rosto de Alexandre, mas foi impedido pelo delegado.

— O pai não estava certo. Ele surtou! Não importa se a mãe estava traindo ele ou não. Ele não deveria tê-la matado — disse o delegado. Enquanto os dois conversavam, Jonathan saiu da visão de Alexandre.

— Mentira! Essas pessoas se entregaram para a tentação da carne e deixaram esfriar o amor traindo umas às outras.

— Mas nem por isso elas devem morrer. — O delegado tentava convencer o assassino de que o que ele fez estava errado.

— Se deixarmos os traidores sem punição, vão continuar cometendo tal ato e acontecerá mais vezes o que aconteceu em nossa família; pessoas boas se tornarão assassinas!

— É difícil de entender, mas não devemos punir os traidores com a morte. Devemos conscientizar as pessoas de que matar quem as traiu não é a melhor solução! O

problema é a raiz da nossa sociedade que acredita sempre que alguém deve ser punido. Essas pessoas devem ser punidas sim. A única forma de punir alguém de ter traído é a própria pessoa traída largar dela. As pessoas precisam se amar mais. Essa é a única solução! Se as pessoas continuarem matando umas às outras quando acontece isso, o amor esfriará e as pessoas estarão juntas por medo, como eram a maioria dos casos na época de nossos avós e bisavós e como são em alguns casos atualmente — disse o delegado, percebendo que seu irmão acreditava no amor.

Alexandre ficou quieto por alguns instantes.

— Você acha que o nosso amor fraternal esfriou? — perguntou o assassino, com lágrimas nos olhos.

— Não, eu não acho que ele esfriou — mentiu Márcio, ao ver que seu irmão estava com uma arma na cintura.

— Então me dê um abraço? — perguntou Alexandre.

— Claro! — Márcio abriu os braços e seu irmão o abraçou, mas o delegado não se sentiu muito confortável.

— Eu não senti a energia do amor no seu abraço — disse o assassino, puxando a arma da cintura. Jonathan pegou a arma e apontou para a cabeça de Alexandre, sem ele perceber.

— Eu não o via há muitos anos, por isso não consegui transmiti-la, mas se você me deixar te ajudar, podemos recomeçar.

— Tarde demais para recomeçar. Como você disse, devemos punir as pessoas que cometem tal crime. Se o problema é a raiz, eliminarei o mal por ela. — Alexandre posicionou a arma em seu queixo.

— Não! — Márcio tentou intervir, mas era tarde demais. Alexandre havia puxado o gatilho e o tiro havia ecoado por todo o redor.

A despedida

Alguns minutos após Alexandre ter se matado, os reforços chegaram e começaram a vasculhar a casa à procura de alguma pista sobre Jéssica. Chegaram a encontrar, na casa, o celular e uma caixa térmica, com o controle da temperatura por fora, registrando que estava bem abaixo de zero, e o coração da garota dentro. Não havia vestígios de seu corpo, mas havia, atrás da casa, uma fogueira apagada há alguns dias.

Algum tempo depois, vasculhando a cidade atrás do corpo da garota, acharam seu vestido às margens do rio Atibaia, próximo ao lugar que o casal havia achado Márcio e seu irmão há quarenta anos.

Antes de morrer, Jéssica resolveu que iria contar a Danilo sobre seu pai e salvou, em rascunho, um texto pronto do que iria dizer a ele naquele aniversário. Ela o amava e aceitaria seu pedido. Alexandre havia se enganado, nem sempre a frase de seu pai estaria certa. Às vezes, jovens só têm um pequeno ataque de ciúmes quando veem seus parceiros ou parceiras conversando com outras pessoas.

Danilo viu o texto e chorou muito ao saber que não a veria mais e nem se casaria mais com sua amada. E, quando soube o que seu pai tinha feito, ficou de prontidão para testemunhar contra ele.

Francisco foi preso por tentativa de homicídio, mas saiu em alguns meses, depois de contatar seus advogados e conseguir um Habeas Corpus. Respondeu em liberdade, afinal, a lei do país era tão fraca que, se a pessoa tivesse dinheiro o suficiente, não ficava presa por muito tempo. Tudo funcionava na base do dinheiro.

Nos meses seguintes, Márcio ficou pensativo com tudo o que havia passado e pensou em tirar as tão esperadas férias. Foi se divertir um pouco na Europa, pois, pelo menos lá, não ouvia notícia sobre assassinos a todo instante. A cada vez que ele ligava a televisão no Brasil, ficava triste ao saber que muitos homens e mulheres, lá no fundo, tinham o mesmo pensamento que Alexandre.

Antes de tirar férias, Márcio conversou novamente com Josie e propôs retirar as acusações sobre ela se ela aceitasse se tratar com psicólogos e psiquiatras para tirar a obsessão que sentia por Danilo. Ela aceitou.

O doutor Cláudio, depois de descobrirem sobre o que estava fazendo, perdeu seu C.R.M. e foi enviado para um hospital psiquiátrico, onde se tratou por toda a vida, pois, mesmo com remédios, dizia que sua esposa estava lhe pedindo ajuda. Mas Célia havia tido um enterro decente, pago por um familiar distante, quando soube do caso.

Era o primeiro caso que Jonathan trabalhava que, a todo instante, teve a ajuda de um policial e ele fez uma grande amizade com o delegado Márcio Mendes. Ele estava começando a gostar da vida de policial e, bem lá no fundo, brotava em seu ser uma vontade de fazer direito e, no futuro, quem sabe, virar um delegado.

Fim...